

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



OS JOVENS E A BIBLIOTECA PÚBLICA

JOANA MARTINS DA FONSECA BRAGANÇA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Área de Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural

Trabalho de projeto orientado
pela Professora Doutora Paula Cristina da Encarnação
Oliveira Guimarães

2025

Agradecimentos

O meu agradecimento,

à Biblioteca municipal, que disponibilizou a sua equipa para me dar a conhecer o espaço e as suas fragilidades para que fosse possível realizar este trabalho;

à Professora Paula Guimarães, minha Orientadora, pelo apoio, disponibilidade e paciência neste percurso, e que certamente me ajudou a enriquecer este projeto, mesmo em momentos contra-relógio;

à minha grande instrutora e especial amiga, Raquel, que me apoiou e demonstrou sempre enorme preocupação e cuidado comigo neste percurso académico;

ao meu amigo, Helbert, que igualmente tirou do seu tempo para me apoiar e motivar na concretização deste projeto;

à minha avó, Isabel, que esteve sempre presente e que sem ela não seria possível iniciar e terminar os meus estudos no ensino superior, e que é um exemplo de resiliência e responsabilidade;

ao meu marido, Diogo, que me escutou e apoiou em todas as decisões difíceis e importantes deste percurso, e que foi um grande apoio em todos os momentos;

e a todos aqueles que não menciono aqui, mas que são amigos e ao mesmo tempo família, que me inspiraram e que me motivaram a não desistir.

Resumo

O presente trabalho de projeto, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Formação, área de especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, centra-se na questão do papel da Biblioteca Pública como influência nos hábitos de leitura dos adolescentes. Neste trabalho, pretende-se, através de um diagnóstico da situação, conhecer a realidade da instituição em estudo, no que diz respeito ao seu funcionamento e organização dos recursos existentes, com o fim de elaborar um plano de ação que permita reforçar e complementar a intervenção da instituição na melhoria dos seus serviços para o público adolescente.

Procede-se a uma análise conceitual no campo da Educação e Formação, em particular, nas modalidades educativas da Educação Informal e Educação Não Formal, que permitem compreender e enquadrar a importância destas modalidades nas práticas formativas que uma biblioteca pode fornecer. Reflete-se ainda sobre um conjunto de elementos teóricos associados à Biblioteca Pública e o seu papel nos hábitos de leitura de uma sociedade.

Com vista à elaboração de um diagnóstico de situação, foram utilizadas várias técnicas de recolha de dados, que permitiram, após a sua análise, a definição de necessidades prioritárias que permitem delinear as estratégias de atuação.

O plano de ação proposto encontra a sua fundamentação, quer nos problemas identificados, quer nos elementos conceituais ligados a este projeto. As atividades remetem para uma melhoria dos serviços prestados pela instituição, para uma aproximação do público alvo e para a promoção de novas formas de incentivar os hábitos de leitura e frequência da biblioteca.

Palavras-chave: Biblioteca Pública; Adolescentes; Jovens; Hábitos de Leitura; *Influencers*; Plano Nacional de Leitura.

Abstract

This project work, developed within the scope of the Master's Degree in Education and Training, specialization area in Social and Cultural Development, focuses on the issue of the role of the Public Library in influencing the reading habits of adolescents. This work aims, through a diagnosis of the situation, to understand the reality of the institution under study, with regard to its functioning and organization of existing resources, with the aim of developing an action plan that will allow strengthening and complementing the intervention of the institution in improving its services for adolescents.

A conceptual analysis is carried out in the field of Education and Training, in particular, in the educational modalities of Informal Education and Non-Formal Education, which allows us to understand and frame the importance of these modalities in the training practices that a library can provide. It also reflects on a set of theoretical elements associated with the Public Library and its role in the reading habits of a society.

In order to develop a diagnosis of the situation, several data collection techniques were used, which allowed, after their analysis, the definition of priority needs that allow the outlining of action strategies.

The proposed action plan is based on both the problems identified and the conceptual elements linked to this project. The activities aim to improve the services provided by the institution, to reach out to the target audience and to promote new ways of encouraging reading habits and library use.

Keywords: *Public Library; Teenagers; Young people; Reading Habits; Influencers; PNL.*

ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução	7
Enquadramento e proposta do projeto.....	7
Capítulo I - Contextualização e problemática	8
1.1 Problemática e pressupostos do estudo.....	8
1.2 Metodologia.....	10
1.3 A instituição em estudo.....	15
1.4 Objetivos do projeto.....	16
Capítulo II - Enquadramento teórico do projeto	17
2.1 Educação e Formação - Breve Revisão - A Educação Não Formal e Informal na Formação do Indivíduo.....	17
2.2 A cultura da leitura: o caso de Portugal.....	21
2.3 O papel da Biblioteca Pública numa sociedade leitora.....	30
2.4 Os funcionários da Biblioteca Pública.....	37
2.5 A Biblioteca Pública como influências para os hábitos de leitura.....	44
2.6 O Plano Nacional de Leitura (PNL) nas Bibliotecas Públicas.....	50
2.7 Os interesses e os hábitos de leitura dos adolescentes.....	55

5

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

2.8 A Cultura dos <i>Influencers</i> na Adolescência.....	59
Capítulo III - O projeto.....	63
3.1 Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos.....	63
3.1.1. Análise da Entrevista.....	63
3.1.2 Análise das Conversas Informais.....	68
3.3.3 Análise documental do Relatório de 2022 da Biblioteca Pública.....	70
3.3.4 Sistematização do Diagnóstico.....	71
3.3.5 Definição de Estratégias e Atividades do Projeto.....	72
3.3.6 Ferramentas de avaliação.....	83
Considerações finais.....	86
Anexos.....	90
Bibliografia.....	111

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Introdução - Enquadramento e proposta do projeto

Este capítulo tem por objetivo apresentar o trabalho de projeto desenvolvido no âmbito da área da Educação e Formação. O projeto surge, principalmente, a partir da curiosidade relativamente ao funcionamento e às diversas características que dizem respeito à oferta de serviços para o público adolescente pela instituição em estudo. A metodologia de projeto é “um instrumento que permite, simultaneamente, uma maior compreensão da realidade e uma maior eficácia dos meios e técnicas de intervenção” (Guerra, 2002, p.119). Neste sentido, assumiu-se esta metodologia como a mais ajustada às necessidades e objetivos do presente trabalho.

Sugere-se a caracterização e o diagnóstico as bases para a construção de um projeto, com o propósito de transformar uma realidade. Neste projeto, voltado para a melhoria das práticas de leitura da população-alvo da instituição em estudo, existem certos contextos e situações que demonstraram a necessidade de uma intervenção com o objetivo de produzir uma mudança. Deste modo, a metodologia de projeto, permite não só uma previsão e imagem que se adiantam à mudança, como também um acompanhamento intelectual da mesma, emergindo como “uma forma racional de organização e uma sequência de tarefas” (Guerra, 2002, p.128).

Numa primeira fase do projeto, procurou-se conhecer a realidade em questão, para ser possível identificar os problemas, as dificuldades, os recursos e as condições existentes, bem como os campos e as dimensões que necessitavam de intervenção, pois “não é possível formular uma intervenção sem uma boa colheita de informação, levada a cabo a partir de fontes de informação diversificada” (Guerra, 2002, p.130). Assim, os primeiros passos resumiram-se à recolha de informação e à posterior identificação dos problemas para os quais se pretende criar uma proposta de solução, sendo esta fase necessária para a eficácia deste projeto, de modo a ser possível garantir uma “adequabilidade das respostas às necessidades locais”. Com estas

informações, através da sua análise, foi então possível fundamentar e desenvolver as propostas, assim como as respetivas ferramentas de avaliação.

Problemática e pressupostos do estudo

O desenvolvimento deste trabalho de projeto contou com um enquadramento teórico no qual existiu a tentativa de compreender a realidade em estudo, com o objetivo específico de recolher mais dados através do que outros autores e outros estudos têm dito acerca deste tema. Esse enquadramento permitiu também reforçar a pertinência do projeto, uma vez que apresenta respostas que permitem realizar comparações com a informação recolhida na instituição.

Uma vez que este projeto se enquadra na área da educação e da formação, considerou-se o tema da leitura e das bibliotecas como sendo pertinentes no que respeita aos conceitos da educação informal e não formal, os quais complementam os objetivos do projeto. Ora, a educação não formal acontece em interação com os outros, nomeadamente em locais que vão além das escolas, como é o caso das bibliotecas municipais; por sua vez a educação informal acontece nos meios sociais em que estamos integrados, podendo incluir os nossos amigos, a nossa família, os colegas de escola e até mesmo os meios de comunicação social, pelo que decorre nas mais diversas situações e locais que frequentamos ao longo da vida. (Gohn, 2006, p.28). Neste sentido, pressupõe-se que a Biblioteca Pública é um espaço que permite o desenvolvimento pessoal e intelectual dos indivíduos, por proporcionar momentos de educação não formal que “capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” (Gohn, 2006, p.29) e momentos de educação informal, capaz de socializar os indivíduos, desenvolver “hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem” (Gohn, 2006, p.29), mediados pelos seus projetos ou os seus próprios espaços. Como também se observou na atividade da leitura, esta proporciona igualmente estes dois modos de educação com os mesmos fenómenos enumerados. Gohn (2006, p.30) afirma que a presença da educação não formal em programas que incluem crianças ou adolescentes “resgata

o sentimento de valorização de si próprio”, um sentimento que alimenta motivações para fazer mais e melhor.

Segundamente, pressupõe-se ainda que os projetos dedicados à promoção da leitura são eficazes para incentivar hábitos de leitura, no sentido em que cultivam a vontade e a predisposição para ler, pois “convidam à leitura, tempo para ler e uma cultura de valorização da leitura partilhada por todos” (Estáquio & Cardoso, 2020, p.48). Estes mesmo autores referem aquilo que vai de acordo com o terceiro pressuposto, que concerne ao papel das novas tecnologias como ferramentas com potencial para promover os hábitos de leitura nos adolescentes. Como afirma Sacristán (2008, p.88) “ aumentar a capacidade de leitura entre a população são aspetos que, na nossa hierarquia de valores, distinguem positivamente os indivíduos e a sociedade em que isto se passa”. Ou seja, a leitura tem um papel social significativo, que permite serem mais ativos na sociedade em que estão inseridos, uma participação que a leitura proporciona através de orientação da personalidade, e que capacita os leitores a se descobrirem e a descobrirem o mundo. Assim, a falha que existe nos hábitos de leitura dos portugueses, em particular dos adolescentes, e por consequência uma menor capacidade de utilizar a informação escrita, “é um factor de maior dificuldade de participação social, de exclusão no acesso e na partilha da cultura comum” (Neves, 2010, p.22).

É no sentido destes pressupostos, que emerge para este trabalho de projeto a necessidade de compreender o papel das Bibliotecas Públicas nestes aspetos da vida dos indivíduos. Quando selecionada este tipo de instituição comunitária, pressupõe-se que fosse um local com maior afluência e com projetos dedicados ao público jovem, uma vez tratando-se de um espaço ao serviço da comunidade e das necessidades locais.

Finalmente, como último pressuposto deste estudo, direcionou-se a atenção para o uso das tecnologias digitais e para os *digital influencers* como um meio para atrair os adolescentes e cativá-los para atividades relacionadas à leitura e a promover hábitos

de leitura regulares, tornando-a num ato mais participativo, interativo e até mesmo em algo no qual os adolescentes consigam rever a sua realidade. Os *digital influencers* aparentam ter um impacto significativo entre os mais jovens uma vez que estes “são cativados por diferentes estratégias utilizadas pelos influenciadores, como a pseudo intimidade construída por meio da partilha de conteúdos afetivos e emocionais e pela aura de autenticidade” (Marôpo, Rosário Rodrigues, Delgado, Torres, Dias & Ferreira, 2021, p.103). Diversos autores afirmam que estes influenciadores partilham da mesma linguagem que os adolescentes e proporcionam momentos de riso fácil e de entretenimento, e conseqüentemente levam-nos a partilhar esses conteúdos com os seus pares durante os momentos de convívio. Tais fatores levam então a crer que estas personagens com um maior alcance social podem promover o uso das Bibliotecas Públicas e o aumento dos índices de leitura dos jovens portugueses, ao compartilharem conteúdos relacionados à literatura ou por participarem em projetos de leitura promovidos pelas bibliotecas.

Pretende-se, portanto, com este estudo contribuir para uma melhoria da oferta dos projetos da instituição em causa ao criar uma proposta que visa dar resposta a um público-alvo que ainda não usufrua de um projeto para si.

Tendo em conta o campo de atuação do projeto, é importante apresentar ainda as características associadas à metodologia de projeto e ao diagnóstico e fazer uma descrição breve da instituição em estudo.

Metodologia

Para o presente trabalho, optou-se por seguir o caminho da metodologia de projeto, a qual se considerou como sendo o método mais adequado para alcançar os objetivos que foram propostos. O projeto acontece a partir da observação e conseqüente vontade e necessidade de alterar uma realidade existente, por meio de estratégias que permitam aumentar o potencial da instituição em causa. Esta metodologia, centrada na resolução de problemas, permite ao projeto apresentar uma intervenção

10

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

que dê resposta às necessidades relativas a outras atividades existentes nessa mesma instituição. Para tal, é “necessário assegurar uma série de processos que viabilizem esse percurso” (Guerra, 2002, p.125). Ainda segundo Guerra (2002), é necessário que a metodologia respeite as etapas essenciais para a construção do projeto que são adotadas no desenvolvimento do mesmo.

Assim, seguindo estas etapas, a necessidade de criar este projeto partiu da primeira fase: identificação de problemas e realização do diagnóstico, com vista a definir objetivos.

Na primeira fase, procedeu-se a um diagnóstico da situação, ou seja, um levantamento de informações que permitissem analisar com detalhe o problema que se pretende resolver com este trabalho de projeto e dos recursos disponíveis (humanos, materiais, simbólicos), que fossem fornecedores de dados suficientes para tornarem o projeto o mais adequado possível para a realidade com que se trabalhou. Nesta fase também foi possível ter acesso aos problemas e necessidades existentes a partir das quais se construiu e justificou o problema. Isabel Guerra (2002) afirma

Um bom diagnóstico é garante da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto de intervenção. (p.131)

O diagnóstico é a etapa que permite identificar os elementos cruciais para a conceção de um projeto por vias de uma pesquisa e análises aprofundadas sobre o contexto em que se atua, e no qual se insere o problema ao qual queremos dar uma resposta, pois como afirmam Leite, Malpique e Santos (2001, p.77) “formular o problema é descrevê-lo, é conhecer o seu enquadramento, as suas características (...) é desmontá-lo (...) é saber os limites onde nos podemos mexer”. O diagnóstico possibilita uma descrição da realidade, incluindo o público-alvo (a quem se destina o projeto), os responsáveis pela execução das atividades (quem irá dirigir as ações), e os responsáveis pela mobilização de recursos e soluções (quem pode fornecer os recursos necessários). Estes componentes são fundamentais para a definição dos

objetivos do projeto, tanto gerais quanto específicos. Neste sentido o diagnóstico é uma etapa cuja eficácia da intervenção do projeto tem maior relação.

Para aplicar a etapa de diagnóstico, são necessárias diversas técnicas de recolha de informação, que possam implicar a aplicação de instrumentos e até a produção ou criação de dispositivos de recolha de dados. Antes de selecionar as técnicas de recolha a serem utilizadas, é necessário conhecê-las e compreender quais são as mais adequadas para obter a informação que se pretende e para conferir a validade do trabalho de projeto. Assim, este trabalho centrou-se em quatro técnicas, as quais se considerou serem as mais indicadas para alcançar os objetivos do projeto: Pesquisa de documentos e informações disponíveis; Observação, Entrevista e Conversas Informais.

No que concerne à técnica de pesquisa de documentos, procedeu-se à consulta e utilização da informação existente em documentos físicos e digitais disponibilizados pela própria instituição, tais como: um relatório geral de atividades realizadas pela Rede de Bibliotecas Municipais do município; e o Plano de Atividades 2023-2024 do Plano Nacional de Leitura. Esta técnica, de acordo com Guerra (2002, p.146), caracteriza-se por ser quantitativa, permitindo determinar o estado da situação e fornece informações sobre a causalidade dos problemas. Porém, este não é o caso apresentado no presente projeto.

Outra das técnicas utilizadas foi a observação direta, em diversas idas à biblioteca, que permitiu registar comportamentos em primeira mão no momento exato em que estes ocorreram. A observação abriu a possibilidade de conhecer a dinâmica da equipa da instituição e do ambiente que existe nos seus acervos. A observação direta resultou em notas que podem ser encontradas num diário de campo, um documento com uma entrada, relativa ao dia 15 de novembro, no qual ocorreu a observação, e 5 páginas de anotações em caderno físico e 2 páginas em anexo. Estas serviram para conhecer o espaço, os seus recursos e a afluência de público na biblioteca.

As conversas informais foram uma das técnicas de recolha mais utilizadas, e permitiram a partilha de ideias entre os elementos da Biblioteca e os jovens e adolescentes que se enquadram na faixa etária do público-alvo deste projeto. Estas conversas surgiram sempre que possível de modo presencial, e tinham como intuito tornar o projeto mais personalizado e adequado à realidade do contexto em estudo. Elas decorreram dentro e fora da instituição, sendo agendadas apenas as que decorreram dentro da biblioteca. Estas conversas resultaram em anotações no diário de campo. Correspondem a três entradas, num total de 3 páginas em caderno físico e 1 página em anexo. Estas foram particularmente úteis para conhecer os projetos que estão a ser desenvolvidos pela biblioteca, o funcionamento da rede com outras bibliotecas municipais, compreender as dificuldades e as necessidades existentes e contribuir para a construção do projeto.

Finalmente, a realização da entrevista possibilitou a recolha de informação mais descritiva e um registo mais exato do discurso da entrevistada, tendo o constrangimento do tempo, pela falta de uma maior disponibilidade da entrevistada. Neste contexto recorreu-se a um modelo de entrevista semi-diretiva ou semi-dirigida, que possibilitou uma participação mais dinâmica da parte da entrevistada e a partilha de informações que não foram previamente consideradas pelo entrevistador. Com base na elaboração de um guião, a entrevista foi realizada com a participação de um antigo elemento do PNL, escolha que permitiu considerar e conhecer alguns aspetos acerca do público adolescente e dos projetos e ações do PNL voltados para essas faixas etárias.

Esta entrevista foi levada a cabo no dia 28 de fevereiro de 2024, demorou trinta e sete minutos e foi transcrita. O que nela se discutiu, foram sobretudo as perspetivas atuais dos adolescentes e dos jovens em relação aos seus hábitos de leitura e aos seus gostos literários, os projetos inovadores que têm sido feitos por iniciativa de várias entidades, inclusivamente o PNL, e foi a base para o desenho de vinte e duas atividades e estratégias que este projeto inclui.

Toda a informação obtida por meio destas técnicas de recolha de dados, foi alvo de uma análise que tinha por objetivo definir estratégias e a elaboração do plano de ação. No caso da entrevista, das observações, conversas informais e análise documental, posteriormente recorreu-se à técnica de análise de conteúdo qualitativa, possibilitando a sistematização da informação e a definição de categorias prioritárias de intervenção. Os dados recolhidos através de todas estas estratégias possibilitaram uma melhor e mais eficaz em reflexão sobre o enquadramento teórico e a realidade com que se trabalhou.

Outro aspeto típico da metodologia selecionada para o desenvolvimento deste projeto recai sobre o facto de que qualquer projeto inclui objetivos que “indicam a razão de ser de um projeto e a contribuição que ele pode trazer” (Guerra, 2022, p.163), que são predeterminados, gerais e específicos, e fornecem essas orientações como um mapa, a todos os elementos envolvidos. O objetivo geral permite descrever as “grandes orientações para as ações” (Guerra, 2002, p.163), não tendo como característica a descrição dos termos operacionais; por sua vez os objetivos específicos expressam “os resultados que se espera atingir e que detalham os objetivos gerais” (Guerra, 2002, p.164). Nestes utilizam-se termos operacionais, pelo que descrevem com mais detalhe as tarefas a serem concretizadas.

Conta também com a definição de duração, ou seja, um tempo para começar e um tempo para terminar, permitindo que todos os objetivos possam ser cumpridos cronologicamente e de forma organizada. Um projeto conta ainda com recursos humanos, indivíduos que contribuem para variados aspetos, seja para a aquisição da informação, de recursos materiais e a própria aplicação do projeto na realidade.

Neste sentido, a Metodologia de Projeto consiste e fornece uma estrutura organizada que permite realizar as atividades propostas, correspondendo a objetivos que pretendem solucionar um problema identificado previamente, permitindo, através das suas etapas, justificar as escolhas finais. Optou-se, por tanto, por este caminho com o objetivo conhecer a realidade da instituição em estudo e de criar uma proposta de

intervenção com base nas suas necessidades. Esta metodologia permitiu “maior compreensão da realidade e uma maior eficácia dos meios e das técnicas de intervenção” (Guerra, 2002, p.119), uma vez que conta com um processo contínuo e flexível, cujos instrumentos e técnicas adotadas reajustam-se à medida que novos desafios surgem durante o planeamento do projeto. Isabel Guerra define, ainda, a metodologia de projeto como um processo permanente e contínuo, voltado para o futuro, sistémico e interativo de “reformulação constante” (2002, p.122).

A instituição em estudo

Estabelecida no topo de uma cidade na Grande Lisboa, a Biblioteca, orgulha-se de ser um pilar na leitura do concelho. Teve a sua inauguração assinalada em 2001, homenageando um autor português que ganhou o prémio Nobel de Literatura.

Atualmente, dispõe de um fundo documental que conta com 57 mil títulos, de diversas áreas e formatos, procurando fornecer a melhor experiência de leitura à comunidade, pela sua variedade e possibilidade de escolha. Dispõe também de livros em *braille* e audiolivros, tornando-se capaz de incluir um leque mais vasto de indivíduos, como os de necessidades especiais do público que está ao seu alcance.

Os seus acervos contam com um edifício imponente e elegante, com uma fachada moderna. Com 4 pisos e um espaço de cerca de 2183 m², está totalmente preparada para receber visitantes com mobilidade reduzida ou condicionada. Além disso, dispõe de diversos espaços que podem ser utilizados pelos seus utilizadores e visitantes. É um exemplo disso, a sala polivalente que, por estar equipada com inúmeros meios audiovisuais, permite a exploração educativa, informativa e cultural em até cem lugares sentados ou as salas de primeiras leituras, leitura infantil ou o Espaço juvenil/adultos.

A Biblioteca, junto de outras sete bibliotecas, insere-se numa Rede de Bibliotecas, que foi fundada em 2019. Igualmente, apoia a fundação do escritor, com sede em Lisboa, participa e promove imensas iniciativas de cariz cultural e educativo. São

15

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

feitos roteiros literários, exposições e, citando as palavras encontradas no website da fundação, são “homens e mulheres que entendem o valor da obra do escritor e da sua atitude perante a vida”. Ao nível do concelho, a Biblioteca também tem inúmeros projetos de inserção social, educação e promoção à leitura.

Objetivos do projeto

No presente trabalho de projeto considera-se que a educação informal e não formal contribuem para o desenvolvimento pessoal e intelectual dos indivíduos. O intuito é refletir sobre a relação existente entre os adolescentes e a biblioteca pública, sendo a segunda um espaço que neste trabalho se assume ser um local capaz de fomentar esse mesmo desenvolvimento. De acordo com os dados que foram recolhidos e com as leituras que foram realizadas para este trabalho, compreendeu-se que os laços entre os adolescentes e esta instituição têm vindo a “fraquejar”, do mesmo modo que os seus hábitos de leitura permanecem como um desafio para a sociedade. Assim, partindo dos pressupostos de que as bibliotecas são a casa dos livros, a leitura uma competência e hábito para um desenvolvimento saudável, que promove a formação de indivíduos ativos no mundo em que se desenvolvem, origina este trabalho de projeto.

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é conceber um projeto para os adolescentes, com vista a promover a leitura na adolescência e a melhorar os serviços da biblioteca.

De acordo com o objetivo geral apresentado, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: desenvolver atividades de promoção de leitura para adolescentes, aumentar e diversificar a oferta dos serviços prestados pela biblioteca, integrar influenciadores digitais nas atividades e criar uma proposta de técnicas de avaliação.

Enquadramento teórico do projeto

A Educação e Formação: A Educação Não Formal e Informal na Formação do Indivíduo

A área da Educação e Formação tem vindo a desempenhar, cada vez mais, um papel significativo nas discussões que têm surgido ao longo dos tempos no que diz respeito à formação e educação dos indivíduos, bem como no desenvolvimento das sociedades. Inclusivamente, de acordo com as palavras de Mialaret (1980, p.48), é nas Ciências da Educação, ou Educação e Formação, que encontramos uma das suas mais antigas ciências: a da educação e da pedagogia, sendo esta relevante para nós porque “permite-nos então compreender a evolução, os processos de mudança” (Mialaret, 1980, p.49) que observamos na história da educação e dos sistemas educativos, além de nos proporcionar conhecimentos e competências que se têm vindo a tornar cada vez mais imprescindíveis para uma participação ativa na vida económica, social e cultural, bem como necessárias para o crescimento pessoal, a cidadania e a inclusão social, tudo temas bastante atuais e que têm sido sempre reconhecidos como pilares para uma sociedade funcional. Compreendeu-se deste modo que os conceitos de educação e formação transcendem o ato simples de ser instruído formalmente por instituições como as escolas e/ou as universidades, pertencem a um contínuo, com presença em variados espaços da vida de cada pessoa. Canário encara este processo de aprendizagem como “um *continuum* que integra e articula diferentes graus de formalização da ação educativa” (2006, p.3), no qual as pessoas são colocadas como o foco central dos seus processos de aprendizagem, sujeitos aos contextos e limitações que das suas realidades individuais, as quais interferem inevitavelmente nos seus “eu” e nas aprendizagens que estejam a realizar.

Com as mudanças tecnológicas, económicas e sociais tão aceleradas, como se tem vindo a observar nas últimas décadas, as Ciências da Educação têm visto a necessidade de acompanhar tais transformações, almejando criar condições

flexíveis, inclusivas e globais nos campos educativos e formativos. Um dos grandes exemplos disso, alvo de uma “reestruturação dos papéis e das tarefas” (Mialaret, 1980, p.84), é a formação profissional, que tem apostado na preparação dos trabalhadores para um mercado de trabalho mais dinâmico e especializado. As Ciências da Educação, ou Educação e Formação, tem então procurado alinhar essas exigências da economia do conhecimento por desenvolver cada vez mais habilidades técnicas e transversais, como são exemplos o pensamento crítico, a criatividade e a resolução de problemas. Assim, em sentido destas atualizações que têm sido trazidas pela Ciência da Educação e da Formação, novas modalidades de educação surgem, justificando-se por esta ideia de que existe um leque de oportunidades educativas e formativas muito amplo: a educação não formal e a educação informal.

Muitas instituições oferecem a Educação Formal, e aqui referimo-nos às escolas, que conhecemos bem em termos do seu funcionamento e a oferta proporcionada à sociedade. Porém, a própria escola é um “ecossistema de aprendizagem” (Canário, 2006, p.39), no qual interagem a Educação Não formal e a Educação Informal com a Educação Formal. São modalidades que estão presentes, em grande parte, dos momentos vivenciados dentro e fora das instituições formais. Daí que, a Educação e Formação têm também apostado em propostas de contextos educativos e formativos que combinam estas três modalidades educativas, como uma forma de tornar esses contextos mais diversificados. Sabe-se que, por exemplo, é mais fácil aprendermos algo novo quando encontramos significado nos conteúdos que nos são apresentados e quando conseguimos dar utilidade prática, pois influencia na nossa motivação para aprender. Por esse motivo, criar oportunidades que estabelecem interações entre as várias modalidades educativas permite que cada uma alimente o potencial de aprendizagem.

No caso da Educação Não-Formal, esta tem vindo a ganhar destaque na educação, mesmo permanecendo como secundária em relação à Educação Formal. É uma modalidade educativa de carácter voluntário, podendo envolver ou não uma

certificação final, e está muito associada à ideia de construir “cidadãos do mundo, no mundo” (Bruno, 2014, p.14). Ela parte, muitas vezes, da história de vida de cada pessoa, e durante muito tempo predominou na vertente da educação e formação de adultos, nascida da necessidade de criar oportunidades para “públicos adultos analfabetos e com muito baixas qualificações” (Canário, 2006, p.206), como são hoje exemplo as formações profissionais após conclusão do ensino obrigatório ou as ações de educação que permitem a adultos concluírem os seus estudos de ensino básico e ensino secundário. Exemplos de Educação Não Formal são observados em atividades extracurriculares, como as práticas desportivas (dança, atletismo...), as aulas de apoio escolar redobrado, *workshops*, cursos de curta duração, etc; ou seja, atividades voluntárias com o fim de adquirir conhecimento em alguma área. Porém, o desafio que a introdução da Educação Não Formal traz é o de conseguir tirar proveito das experiências pessoais de cada indivíduo. Este aspeto é visível nas salas de aula, que a par de um currículo sobrelotado de disciplinas e turmas enormes para um só professor, limitam o potencial de tornar mais dinâmico o ato de aprender.

A Educação Informal por sua vez, acontece “vivendo e aprendendo” (Rogers, 2014, p.65). Engloba o conjunto de valores, ideias, conceitos, questões, competências, sentimentos, expectativas e perspectivas de cada indivíduo. Assim, pode-se dizer que esta modalidade educativa acontece a todo o momento, trazendo uma certa manutenção para a nossa bagagem de aprendizagens ao longo da vida. A Educação Informal, é possivelmente a modalidade que mais tem presença no quotidiano das pessoas, na aquisição de competências. Tem especial influência no modo como se interage com o mundo. Daí que Canário (2006, p.6) fala-nos de “efeitos educativos”, ou seja, mudanças no “eu” que são provocadas por experiências de aprendizagem que têm significado para quem aprende, mas que o sujeito pode nem aperceber-se de que está a realizar uma aprendizagem. Esta modalidade está igualmente relacionada com a ideia de “liberdade de expressão” (Motoli, 2019, p.398), que sugere um foco central no ritmo e nos interesses da própria pessoa, e mais uma vez, é uma tarefa desafiante para a Educação Formal.

Apesar de ser um desafio incluir, conscientemente, a Educação Não Formal e a Educação Informal nos formatos de Educação Formal, trata-se de modalidades que carregam aspectos inseparáveis para o indivíduo que não está isolado do ambiente à sua volta, que comunica com outros e que vivencia experiências inigualáveis aos seus pares. Cada uma destas modalidades educativas terá o seu impacto na vida de cada um, e por isso é importante que além da escola, outras instituições educativas sejam capazes de lhes darem uso e proveito, para melhorarem os seus serviços e as suas relações com as comunidades. Em resumo: a Educação Formal é essencial devido à sua natureza estruturada e lógica, que permite a concretização de projetos educativos cronologicamente organizados; a Educação Não Formal permite dar asas a experiências educativas mais criativas e dinâmicas; a Educação Informal torna possível dar utilidade às diversas situações que decorrem ao longo da vida, permitindo dar mais significado às aprendizagens adquiridas de modo inconsciente. Como afirma Rogers (2014, p.23), a aprendizagem é um processo natural, e daí que seja possível que tudo o que sucede à nossa volta, seja uma potencial experiência de aprendizagem.

A área da Educação e Formação é um campo muito amplo e multifacetado, e tem sempre apresentado implicações profundas na sociedade e nos indivíduos a que ela pertencem. Com a combinação da Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal, a educação é encarada como um processo contínuo, dinâmico e transformador, acompanhando todas as mudanças sociais, económicas e até tecnológicas na linha do tempo. Reconhece que a aprendizagem é ilimitada quanto aos seus espaços de ação, não se prende a uma instituição. Pelo contrário, acontece fora dela em todos os momentos. Juntas permitem reconhecer a importância de desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, de modo a preparar os indivíduos para o mundo em que estão inseridos e serem capazes de lidar com as rápidas transformações que acontecem nele e contribuírem para essas mesmas mudanças, mesmo através de modalidades educativas menos estruturadas, mas que auxiliam no desenvolvimento pessoal e social de cada um.

Em conclusão, é crucial que a educação possa evoluir para continuar a dar resposta aos desafios do presente e do futuro, por promover a combinação entre as várias modalidades educativas e alastrar-se para outros lugares, outras instituições que oferecem serviços diversificados, mas igualmente importantes para um bom funcionamento da sociedade, tornando-as capazes de proporcionar experiências de aprendizagem mais significativas e inclusivas.

A cultura da leitura: Portugal

Sabe-se que a leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual e social de indivíduos e comunidades. Ao longo da história, a prática da leitura tem sido uma ferramenta indispensável na disseminação do conhecimento, a promoção de características pessoais como a empatia e o fortalecimento da criatividade. No entanto, a cultura da leitura, definida como o conjunto de hábitos, valores e atitudes em relação à prática de ler, varia significativamente entre diferentes sociedades e períodos históricos. Nos tempos contemporâneos, com a ascensão das tecnologias digitais e o acesso cada vez mais fácil à informação, o modo como as pessoas interagem com textos escritos tem passado por variadas transformações. Neste subtema tenho por objetivo explorar a noção de cultura da leitura, examinar os seus benefícios, os desafios atuais, e o seu impacto sobre os hábitos de leitura numa comunidade. A análise que pode ser encontrada neste trabalho de projeto pretende contribuir para uma compreensão mais ampla de como a leitura pode ser promovida e valorizada num mundo em constante mudança.

A cultura da leitura, conceito que me interessa enquadrar neste trabalho, encara as bibliotecas públicas como parte de uma cultura material, tendo em conta que se enquadra no que é considerado um objeto a ser usado e preservado no sentido de reproduzir outros objetos, e até mesmo artefactos, e guardar a respetiva memória associada a estes. Em semelhança a um museu, também as bibliotecas preservam uma linguagem cultural e literária que exteriorizam “o modo de pensar, o modo de

vida, os sentimentos de um grupo” (Flusser, 1983, p.157). Portanto, consiste num património cultural em níveis materiais e também imateriais. É nesta linha de pensamento que podemos falar de uma mediação cultural realizada pelas bibliotecas através do “processo de dar a palavra ao não público” (Flusser 1983, p.163), uma vez que estas heranças culturais podem ser modificadas pelo sujeito que as recebe e que se caracteriza como parte de uma cultura, seja a de origem, seja a que lhe era exterior.

A mediação da leitura cultural é um processo que em si mesmo pode fomentar a transformação dos indivíduos. Inclusive, Boqué (2008, p.17) sublinha algumas características que os processos de mediação terão como finalidade que os sujeitos alcancem, tais como o respeito, a confiança e a segurança em si mesmos. Este é um aspeto interessante de se refletir. Na cultura de leitura “o que se lê acaba por se tornar numa forma útil de estratificação e sinalização social”. Terá toda a sua lógica proporcionar aos indivíduos a oportunidade de escolherem recolher a informação que lhes é significativa para compreenderem o mundo em que se inserem, ou por outras palavras, recuperar a “capacidade de decisão dos protagonistas” (Boqué, 2008, p.39). É através da mediação da leitura cultural que os indivíduos podem estabelecer ligações e atribuírem significados aos aspetos que compõem as suas realidades. Estas mediações culturais “ocorrem no espaço público (...) que promove a dialética entre as formas coletivas e as representações singulares” (Rastelli & Cavalcante, 2014, p.48), e reforça que esse espaço público com potencial mediador pode ser encontrado nas bibliotecas públicas. Pode-se concluir assim, que este processo de mediação cultural “possibilita o encontro, o acesso e a apropriação” (Castelli & Cavalcante, 2014, p.47) e conseqüentemente confrontamo-nos com “uma herança cultural fora de nós mesmos” (Flusser, 1983, p.150) a partir das informações e conhecimentos fornecidos dentro da cultura, possivelmente, de origem.

Em Cuhe (2003) surge esta ideia de que a humanidade origina a cultura a que pertence e transforma-a em práticas e instrumentos potenciadores de transformação e até “gerador de novas interpretações da realidade” (Boqué, 2008, p.39). Assim é a

cultura de leitura, que também ela depois de ser originada, necessita de meios que permitam às sociedades construir sentidos para toda a informação e conhecimento que ela oferece, perpetuando assim, o ciclo de criação, transformação e apropriação de culturas.

Pode dizer-se, também, que uma cultura de leitura varia de país para país, manifestando-se de diferentes maneiras por todo o mundo. Porém, não é possível fazer essa afirmação, devido ao simples facto de que a leitura e as suas práticas dependem das taxas de escolarização de um país, nas quais se reconhece a leitura e as competências a ela associadas como um direito de todos os cidadãos (Neves, 2015, p.3). Este direito pressupõe a alfabetização como uma ferramenta crucial para a participação dos cidadãos na sociedade em que se enquadram. A leitura tem ainda um especial papel na inclusão social. Lopes (2011, p.2) destaca que saber ler é um fator determinante para uma participação plena numa sociedade da informação. O desenvolvimento da capacidade leitora é fundamental para a formação de cidadãos críticos e ativos, capazes de participar de causas sociais e políticas. Já em 1983, o manifesto sobre a leitura pública em Portugal fez notar a leitura como uma competência necessária ao exercício da cidadania, uma vez que fornece ao indivíduo a possibilidade de tomar decisões informadas e exercer plenamente seus direitos na sociedade.

Nem todas as sociedades são sociedades ditas leitoras, no sentido em que as pessoas procuram utilizar as suas competências de leitura para os seus tempos de lazer, e vão além de motivos profissionais ou escolares, ou as suas dimensões funcionais. Este aspeto é importante no sentido em que nos ajuda a compreender determinados significados que a informação e os conhecimentos adquiridos através da prática da leitura, bem como da importância da prática em si, serão atribuídos pelos indivíduos e pelo coletivo, uma vez que interferem no “nível cultural de uma sociedade” (Neves, 2010, p.23). De acordo com Gomes (2012, p.169), a própria autonomia do leitor vai surgindo como uma resposta às leituras impostas pelos valores sociais dominantes no seu meio. Nesse sentido, o leitor torna-se coautor na

construção dos sentidos do texto, interpretando-o a partir de seu próprio cenário social. Essa autonomia permite ao leitor ter uma participação ativa nas mudanças da sua realidade, que até então parecia imutável (Gomes, 2012, p.169), rompendo com as interpretações tradicionais e socialmente condicionadas. No processo de leitura “diferentes atores desempenham papéis variados, todos interagindo com o texto literário em determinados contextos” (Lajolo, 2005, citado por Gomes, 2012, p.170). Esse processo de interação transforma o texto num espaço plural, no qual diferentes linguagens e memórias de um só indivíduo se confrontam: as do autor, as interpretações pré-existentes e as novas leituras realizadas pelo leitor. Assim, o texto literário apresenta-se como um terreno de constante atualização e ressignificação, no qual se reflete a dinâmica entre os significados atribuídos pelo autor e as leituras críticas e sociais trazidas pelo leitor. Esta visão plural do que se lê reforça a ideia de que a leitura não é um ato passivo, mas sim um processo ativo e político, na qual o leitor exerce um papel decisivo na construção do sentido e na transformação do discurso literário.

Ora, a cultura da leitura está também diretamente ligada com uma instituição que, talvez a seguir ao contexto familiar, está encarregue de contribuir para a formação de leitores: a escola. Apesar de a escola acarretar a tarefa de ensinar a ler (Meireles, 2022), assistimos a uma “associação leitura-escola de caráter negativo” em Portugal. Em Neves (2010) aponta-se para a importância da leitura tanto para uma escolaridade bem-sucedida como para as aplicações e recriações fora da rotina escolar. Isto significa que a leitura será capaz de contribuir para o desenvolvimento de competências como a criatividade e ainda contribuir para o enriquecimento individual (emocional, cultural, social), uma vez que se traduz como uma das melhores atividades para o “desenvolvimento dos diferentes aspetos da realidade” (Neves, 2010, p.24). Ainda em Neves (2010, p.40) reconhece-se Portugal como um país que lê pouco, e Neves revela que os níveis de leitura dos portugueses são “incipientes”. Ou seja, Portugal encontra-se com níveis de principiante no que respeita à prática da leitura. É neste sentido que, com o objetivo de alterar esta situação, nomeadamente

a situação dos jovens, em 2006 é criado o Plano Nacional de Leitura (PNL), sobre o qual irei falar mais à frente.

Podemos destacar uma primeira ideia: a relevância atribuída à leitura e a todo o “mundo literário” não depende, num primeiro momento, do indivíduo, mas sim do meio em que está envolvido. É uma herança, mais especificamente, uma herança cultural, a qual pode acontecer de duas formas, segundo Flusser (1983, p.150): de maneira ativa, que requer reelaborar o que recebemos dessa cultura, e de maneira passiva, ou seja, aceitar o que essa cultura nos oferece sem fazer alterações. Com a leitura, o processo não é diferente, pois ela própria é “um produto da organização social” (Griswold, McDonnell & Wright, 2005 citado por Neves, 2015, p.79) que dependerá de toda a perspectiva construída pelo meio através da Educação, dos meios de comunicação (os *media*) e das restantes estruturas que compõem a comunidade, como, por exemplo, as bibliotecas públicas.

No que diz respeito aos hábitos de leitura, sabemos que estes desempenham um papel crucial na formação cultural e intelectual de uma sociedade. O cenário contemporâneo apresenta desafios e transformações significativas, impulsionados por mudanças tecnológicas, sociais e culturais. A promoção da leitura tem sido uma preocupação central para diversas instituições responsáveis pela educação, como o Ministério da Educação, secretarias e câmaras municipais. Estudos como os de Balça e Sousa (2012) evidenciam a baixa adesão à leitura, o que eventualmente levou ao desenvolvimento de ações específicas para incentivar o hábito da mesma. Em 2005, por exemplo, foram realizadas cerca de 450 iniciativas no âmbito da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), incluindo oficinas, ações de formação, espetáculos, cursos de literatura e exposições, com o objetivo de promover o acesso à leitura em diversos formatos e para diferentes públicos (IPLB, 2006).

Nas últimas décadas, o advento da era digital e a crescente popularidade das redes sociais têm provocado uma reconfiguração dos hábitos de leitura, não apenas em termos de frequência e preferência de gênero literário, mas também no que diz

respeito aos formatos de leitura, como a crescente adoção dos e-books e audiobooks. Além disso, fatores como a faixa etária, o nível de escolaridade e a localização geográfica desempenham um papel determinante na maneira como os portugueses se relacionam com os livros.

A relação entre o nível de qualificação dos indivíduos e suas práticas de leitura é um aspeto amplamente reconhecido na literatura sobre o tema. Estudos indicam que quanto mais elevadas são os níveis de escolarização das pessoas, mais intensas e enraizadas são as suas práticas de leitura (Lopes, 2011, p.15). A promoção da leitura, portanto, não se restringe ao âmbito escolar, mas deve ser entendida como uma questão de políticas públicas abrangentes, que envolvem não apenas o sistema educacional, mas também a cultura e as organizações sem fins lucrativos (ONG). Essas políticas devem, portanto, integrar diversas vertentes da sociedade civil, ultrapassando os limites da escola e do ambiente familiar. No contexto português, as políticas de promoção da leitura foram introduzidas mais tarde, com os primeiros esforços significativos. Em 1997, é lançado o Programa Nacional de Promoção da Leitura, uma iniciativa sob a responsabilidade do antigo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, no âmbito do Ministério da Cultura.

O Plano Nacional de Promoção da Leitura (PNPL), tem tido como objetivo principal fomentar e consolidar os hábitos de leitura entre a população portuguesa, com especial foco no público infanto-juvenil. Este plano pretende criar uma base sólida para o desenvolvimento da leitura, promovendo o envolvimento de crianças e adolescentes em práticas regulares de leitura.

Já o Plano Nacional de Leitura (PNL), instituído em 2006, é uma iniciativa coordenada pelo Ministério da Educação, em colaboração com o Ministério da Cultura e o Ministério dos Assuntos Parlamentares. Este plano foi desenvolvido como resposta à preocupação com os baixos níveis de literacia da população portuguesa, especialmente entre os jovens. O PNL implementa uma série de medidas destinadas

a promover o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, além de estimular e aprofundar os hábitos de leitura.

Por fim, o projeto Casa da Leitura, lançado em 2005 pela Fundação Calouste Gulbenkian, teve como objetivo capacitar mediadores de leitura através de uma plataforma online. Esta iniciativa oferece ferramentas teóricas e práticas para a criação de uma rede nacional de promotores da leitura infantil e juvenil, contribuindo assim para a disseminação de boas práticas no incentivo à leitura.

De acordo com Lima e Neves (2008, p.16), embora Portugal não siga a tendência de declínio da leitura observada nos outros países europeus, permanece importante considerar que as taxas de leitura da população portuguesa, historicamente baixas, só começaram a melhorar recentemente com o aumento dos níveis de escolaridade. Esta evolução é significativa, mas os desafios persistem, sobretudo devido aos baixos patamares de leitura verificados até recentemente.

Num estudo apresentado pelos autores acima mencionados, sabe-se que a relação entre a idade e a aprendizagem da leitura também tem destaque quando se analisa o contexto português quanto aos hábitos de leitura. Quanto mais cedo se inicia a prática da leitura, maiores são os seus benefícios. No ambiente familiar, por exemplo, ver os pais a ler desempenha um papel importante na formação de memórias positivas relacionadas à leitura (Lima e Neves, 2008). Nesse estudo notou-se que a maioria das pessoas que desenvolveram o gosto pela leitura na infância continua a mantê-lo na vida adulta. As principais razões para esse gosto prolongado incluíam o prazer em aprender, o desejo de cultivar conhecimento e o hábito da leitura como forma de passatempo e distração. Por outro lado, um outro grupo, caracterizado por pessoas que deixaram de gostar de ler, apresentaram razões como a falta de tempo e o desinteresse. Para os que desenvolveram o gosto pela leitura mais tarde, os motivos incluíam a necessidade de se manterem informados e atualizados, bem como a busca por conhecimento e autoaperfeiçoamento.

Também em relação às bibliotecas públicas, nomeadamente as municipais destaca-se o perfil social dos seus utilizadores, que são predominantemente jovens e escolarizados, com uma presença significativa de estudantes, o que reflete o papel destas instituições no apoio ao percurso educativo. Este dado sugere então que as bibliotecas desempenham uma função importante no incentivo à leitura, especialmente entre os jovens que ainda estão em processo de formação académica. Deste modo, o trabalho de projeto ajuda-nos a sublinhar a importância de políticas que promovam o aumento dos níveis de leitura e de escolaridade, bem como a necessidade de valorizar o papel das bibliotecas na democratização do acesso à leitura e à informação. Com o estudo apresentado pelos autores Santos, Neves, Lima e Carvalho (2007) fica evidente que as leituras realizadas em contexto de bibliotecas públicas, são principalmente vistas de maneira instrumental. A maioria dos utilizadores, especialmente os jovens, utilizam a leitura como uma ferramenta para a aprendizagem, de modo que a valorizam como uma fonte de informação e de apoio às atividades escolares. Também num estudo apresentado por estes autores, verificou-se que os hábitos de leitura variam significativamente de acordo com a idade e o nível de escolaridade. Pessoas que pertencem a faixas etárias mais altas tendem a ler menos livros do que em comparação com faixas etárias mais jovens. O mesmo padrão é observado em relação à escolaridade: aqueles com menor grau de ensino tendem a ler menos, ao passo que os mais escolarizados lêem um número consideravelmente maior de livros por ano. Outro aspeto muito curioso e que nos interessa para este trabalho de projeto, diz respeito aos locais de leitura, tais como as bibliotecas, mediatecas, arquivos e escolas. No mesmo estudo, compreende-se que é importante existirem espaços alternativos e mais pessoais para a prática da leitura, em contraste com estes locais institucionais, o que ajuda a justificar a pouca frequência das bibliotecas públicas.

Fica claro que em Portugal, a leitura é predominantemente encarada como um instrumento, utilizado sobretudo pelos jovens estudantes, que também frequentam as bibliotecas, que encaram a leitura como uma ferramenta de aprendizagem e fonte de

informação para finalidades escolares. Verificou-se também alguns dos aspetos principais que influenciam o número de livros lidos anualmente, nomeadamente a idade e o grau de escolaridade: os mais jovens e com níveis de escolaridade mais elevados tendem a ler mais, enquanto os mais velhos e com menor nível de escolaridade leem menos.

Os dados também sugeriam que locais como bibliotecas, mediatecas, arquivos e escolas não são os mais procurados para a leitura de livros (Lima e Neves, 2008). Estes padrões destacam a importância de compreender os contextos sociais e educacionais que influenciam os hábitos de leitura e apontam para a necessidade de existirem estratégias que incentivem o uso mais regular das bibliotecas como espaços de leitura diversificados. Desta forma, reforça-se a importância da criação de políticas públicas que estimulem a leitura não apenas como prática instrumental, mas também como um meio de desenvolvimento pessoal e cultural.

É neste contexto, em que se assume Portugal como uma possível sociedade leitora, que vê potencial na leitura como uma ferramenta de aprendizagem e de transformação da realidade envolvente do leitor que surge este trabalho de projeto que incide no peso que a leitura pode ter na vida de um adolescente, tanto escolar como pessoal. Também tendo em conta o potencial da Biblioteca Pública como uma via condutora e facilitadora na criação de hábitos de leitura sólidos.

O papel da Biblioteca Pública na sociedade leitora

As bibliotecas são, na sua essência, um “lugar de livros (...) lugar de informações” (Flusser, 1983, p.164). Mas, nos dias de hoje, vão além de um labirinto de estantes recheadas de livros. Atualmente as bibliotecas são capazes de oferecer todo o tipo de informação nos mais diversos formatos. Por isso, hoje a Biblioteca Pública apresenta um papel mais significativo na sociedade.

Mas antes de analisar o papel das Bibliotecas Públicas na atualidade e a sua evolução, vale explorar brevemente a sua história. Em Mueller (1989, p.66), deparamo-nos com este assunto, no qual o autor menciona diversas referências que ao longo do tempo foram discutindo a função das Bibliotecas Públicas na sociedade, e destaca as expectativas dos seus fundadores em relação à contribuição desta instituição para a ordem social e o progresso nacional, em particular nos Estados Unidos, onde as bibliotecas eram vistas como essenciais para a manutenção da democracia. As Bibliotecas Públicas foram inspiradas por ideais liberais e pelo pensamento utilitarista da "auto-ajuda", ao mesmo tempo em que eram promovidas como um investimento social com muitas vantagens. Existia quem defendesse a manutenção dessas instituições através dos impostos, no sentido em que o seu baixo custo permitiria ao público um acesso mais fácil a uma boa literatura, evitando, assim, problemas sociais, como a criminalidade e a marginalização. Igualmente inspirada pelo movimento de auto-educação, em que se depositava fé na ideia de que a educação poderia resolver todos os problemas sociais, a Biblioteca Pública era encarada como um meio eficiente para espalhar o conhecimento de forma equitativa. Este ideal foi promovido por Melvil Dewey, em 1889, que encarava a educação como um processo ao longo da vida, que ia além dos limites da escola. Para Dewey, o conhecimento seria a chave para o sucesso das nações anglo-saxônicas na época, tais como a Inglaterra e os Estados Unidos. Defendia que o Estado deveria providenciar a educação ao longo da vida a todas as pessoas, utilizando as bibliotecas como ferramenta principal nesse processo, oferecendo uma educação para o longo da vida a um público adulto. Por sua vez, nos Estados Unidos, a ideia da biblioteca como uma instituição que acarretava responsabilidades sociais em relação aos demais grupos e comunidades, foi lançada por Butler em 1933. Esta ideia predominou sobre a de que a biblioteca deveria concentrar-se no indivíduo. Num artigo intitulado "The Library and Social Structure" (1955), Margaret Egan reforçou a visão da biblioteca como uma instituição de responsabilidade social que se encontrava em constante evolução, sendo moldada pela estrutura social em que se insere e, ao mesmo tempo, influenciando essa mesma estrutura. Embora a visão

30

No anexo "Notas de campo/Observações" está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

original das bibliotecas tenha sido a de um centro focado principalmente na educação tenha sido forte, essa função foi, com o tempo, ampliando as suas funções para incluir a da promoção da cultura, do lazer e de novas responsabilidades comunitárias, relacionadas à necessidade de acesso à informação no dia-a-dia.

De facto, a biblioteca é um espaço no qual a leitura e o leitor interagem, lugar no qual se dá a conservação e preservação da cultura local e, principalmente, um lugar onde esta cultura e os utilizadores se cruzam. Porém, esta cultura somente é alcançável quando a biblioteca organiza e trata a informação de modo a que consiga disseminá-la. Portanto, a biblioteca funciona como um centro “fomentador e gerador do conhecimento” (Bernardino & Suaiden, 2011, p.33), que mantém sempre uma porta aberta para a aprendizagem.

Neste sentido, importa a esta instituição, ter em conta os “gostos, as preferências ou aversões” (Flusser, 1983, p.161) dos seus utilizadores, o que permite às bibliotecas “dinamizar atividades que apoiem tanto a educação formal como a não formal, dependendo das necessidades dos utilizadores” (Lage & Bandeira, 2017, p.69) que aumentam a qualidade na apropriação da informação, uma vez que o sujeito terá mais facilidade em enquadrar a literatura à sua realidade, ao seu mundo. Tendo em mente que um dos primordiais papéis das bibliotecas é o de promover a leitura e o acesso a uma vasta panóplia literária, não se poderia deixar de lado “pensar a cultura ou culturas da comunidade envolvente” (Martins, 2013, p.25), um aspeto fundamental numa instituição que procura assegurar ações culturais, de modo a contribuir “para a estruturação das identidades das comunidades onde estão implantadas” (Lage & Bandeira, 2017, p.67). Dar ao utilizador como ponto de partida a própria cultura em que está inserido para estender o seu leque de conhecimentos e informação, poderá ser uma porta para “a criação de uma cultura que está constantemente a se fazer” (Flusser, 1983, p.166), reforçando novamente a ideia de que a cultura herdada pelo sujeito pode ser alterada e renovada conforme a vontade do próprio.

As Bibliotecas Públicas desempenham um papel fundamental na democratização do acesso à informação e à cultura. Em contraste com os estabelecimentos comerciais, as Bibliotecas Públicas não operam com a lógica do lucro; ou seja, os usuários não enfrentam questões relacionadas com o preço dos materiais ou com a falta de disponibilidade dos mesmos. Os recursos oferecidos estão sempre acessíveis para consulta gratuita, sem restrições económicas ou limitações de *stock* (Lopes, 2011, p.15). A diversidade e a amplitude da oferta de documentos e serviços numa Biblioteca Pública são vastas e devem ser orientadas pelas necessidades e interesses dos cidadãos, que constituem o seu público-alvo. Nesse sentido, as Bibliotecas Públicas diferenciam-se como espaços onde toda a gente, por iniciativa própria, pode explorar livremente uma ampla gama de recursos, permanecendo o tempo que desejarem, escolhendo materiais que lhes pareçam mais atraentes, e, nesse processo, encontram prazer, diversão e aprendizagem.

As coleções e os serviços das Bibliotecas Públicas devem ser abrangentes e diversificadas, atendendo às necessidades dos diferentes grupos etários e incorporando tanto materiais tradicionais quanto tecnologias modernas. A qualidade e a adequação dessas coleções são essenciais, devendo refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como preservar a memória do esforço e da imaginação humana. Importa ainda que as coleções e os serviços sejam isentos de qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa, além de estarem livres de pressões comerciais, conforme preconizado pelo Manifesto da UNESCO relativo às Bibliotecas Públicas (UNESCO, 1994).

É inegável que a leitura desempenha um papel central no fortalecimento e na realização da missão das Bibliotecas Públicas. É nessa direção que os projetos culturais de incentivo à leitura, movidos por essas instituições, têm como foco principal a aquisição de cultura e conhecimento, por meio de um conjunto de ações bem traçadas e com objetivos específicos. A dinâmica das Bibliotecas Públicas como produtoras de conhecimento é conduzida através da sua interação com a sociedade,

por intermédio de projetos culturais de leitura que procuram ter impacto direto na comunidade local. Estes projetos possibilitam a construção de laços sociais que garantem a transformação da informação em conhecimento. A leitura, nesse contexto, é um dos elementos mais preciosos das Bibliotecas Públicas, pois contribuem para o desenvolvimento dos indivíduos como seres críticos, capazes de agir como agentes de transformação social e cultural, e, conseqüentemente, como cidadãos informados e criadores, eles próprios, de conhecimento (Teixeira, 2022, p.43)

A Biblioteca Pública, vê o seu papel ir além de ser um simples espaço de organização de livros, sendo ampliada como um lugar de organização de pensamentos, eventos e transformações, que promove a partilha cultural e o desenvolvimento social, económico e intelectual. Posiciona-se, então, como uma instituição capaz de influenciar e transformar padrões políticos, sociais e culturais, além de auxiliar no reforço da criação de uma identidade comunitária. Ao facilitar o acesso a livros, tecnologias e eventos gratuitos, a Biblioteca Pública contribui para o combate às desigualdades sociais e, característico do século XXI, o combate à exclusão digital, por meio de iniciativas que promovem o crescimento intelectual da sociedade.

A Biblioteca Pública não se deixa também limitar à partilha de informação, pois verificamos que tem vindo a observar-se uma preocupação crescida em proporcionar um espaço de lazer para os seus utilizadores. Ela equilibra desta maneira a sua função educativa com a oferta de um espaço que alimenta o questionamento pessoal e o ócio. Porém, com as crescentes exigências da sociedade da informação, as Bibliotecas Públicas têm enfrentado o desafio de terem de se adaptar às novas tendências da era digital. Embora esta realidade possa fazer parecer que o futuro das Bibliotecas Públicas é incerto, olhar para o desenvolvimento de habilidades, da integração do digital como complemento dos seus serviços e da superação relativa à desinformação, deve ser o foco central.

Atualmente, na era do digital e da informação em que a sociedade está inserida, a relação entre o conhecimento e as tecnologias é inegável. Barreto (2007, citado por

Bernardino & Suaiden, 2011, p.36,37) afirma que "a área de ciência da informação se reconstrói ao sabor das inovações na tecnologia". Essa realidade também se aplica diretamente às Bibliotecas Públicas, que, como instituições sociais, trabalham ativamente na mediação da informação e do conhecimento, demonstrando essa influência nas várias esferas da sociedade e promovendo a cultura extensamente. De modo a conseguir cumprir com a sua missão, que se encontra estabelecida pelo Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Públicas, deve garantir que todos tenham igual acesso aos serviços e materiais, sem qualquer distinção, e mantendo a oferta de documentos e recursos que atendam às necessidades de todos os seus utilizadores.

Além de todos estes aspetos mencionados até aqui, é crucial que a Biblioteca Pública reconheça o seu valor sociocultural, para que possa funcionar como um espaço de difusão de conhecimento, que preserva e dissemina as informações que são do interesse do seu público. Segundo Bernardino e Suaiden (2011, p.31), este reconhecimento envolve a disponibilização de um vasto leque de temas e formatos no seu serviço, e necessita de incorporar a sua missão social de oferecer produtos e serviços de informação de modo acessível à comunidade. Assim, a Biblioteca Pública pode contribuir para a promoção da educação e da cultura, reafirmando a sua função como agente de transformação social, não descartando a realidade de que as Bibliotecas Públicas são igualmente influenciadas por ideologias que afetam a perceção de seus utilizadores em relação à sociedade e à política. Como destaca Brettas (2010, p.107), estas instituições podem ter um papel predominante em reforçar a ordem social e política dominante, por manter um património que reflete os interesses de grupos no poder, bem como pode ter um papel na promoção de uma postura crítica que segue rumo em busca de mudanças sociais. Os utilizadores, ao interagirem com as leituras disponibilizadas, podem aderir às estruturas atuais ou, ao contrário, encontrar bases teóricas que sustentem a procura por uma nova ordem social. Deste modo, a Biblioteca Pública, ao incentivar a leitura, o estudo e a pesquisa, pode tanto legitimar *o status quo* como também pode estabelecer uma transformação

social mais justa e inclusiva. É ainda de sublinhar que as influências culturais que atingem as bibliotecas têm reflexo direto no público que as frequenta. O património de uma Biblioteca Pública influencia os gostos literários dos seus utilizadores e, por consequência, contribui para a formação da identidade cultural do "público-leitor" que se associa àquela instituição. Portanto, a leitura e a literatura caracterizam-se como manifestações culturais necessárias que espelham e moldam as dinâmicas sociais e culturais. É na preservação da memória e da identidade locais que a Biblioteca Pública oferece uma importante contribuição cultural e educacional para a comunidade, promovendo o acesso ao conhecimento e à formação de cidadãos críticos e informados.

As Bibliotecas Públicas desempenham, historicamente, funções essenciais como o acesso ao livro e à leitura, a preservação e conservação de suas coleções, bem como a sua constante atualização e ampliação. Essas funções, consideradas parte do "código genético" da biblioteca, são fundamentais para o cumprimento de sua missão social. No entanto, com o avanço da era digital e a desmaterialização do livro, surgem questionamentos sobre o futuro das bibliotecas enquanto espaços físicos. Vaz (2020, p.12) levanta a questão de se a manutenção de um espaço físico dedicado à leitura ainda faz sentido, considerando as vantagens econômicas de um possível modelo virtual, que implicaria na redução de custos e, conseqüentemente, em menores impostos para as populações de diversas sociedades.

Até à atualidade, a Biblioteca Pública tem tido um papel decisivo no combate à infoexclusão, proporcionando igualdade de acesso a livros e conhecimento a estudantes de todas as classes sociais. Além disso, os utilizadores das Bibliotecas Municipais demonstram mais tendência a frequentar com mais regularidade as zonas de leitura geral e de pesquisa bibliográfica, de acordo com o estudo apresentado por Santos, Neves, Lima e Carvalho (2007). Observa-se também uma procura significativa pela secção de multimédia, especialmente a de acesso à Internet, embora se verifique que quase metade dos indivíduos nunca utilize este serviço, por

vezes influenciado por falhas no estado de conservação dos computadores. Outras secções que apresentam ritmos de procura menos frequentes ou nulos, podem ser indicadores de uma necessidade de adaptação às novas exigências e interesses da comunidade. Apesar disso, as Bibliotecas Públicas permanecem como espaços de inclusão, oferecendo oportunidades de aprendizagem e acesso à informação, ao mesmo tempo que podem refletir sobre o seu papel face às mudanças tecnológicas e culturais.

Depois de examinar o papel multifacetado das Bibliotecas Públicas na sociedade contemporânea, tendo por base uma revisão da literatura e análise das diversas perspectivas sobre as suas funções e os seus desafios, concluímos que as Bibliotecas Públicas têm sido, como verificámos ao longo da história, instituições ativas no desenvolvimento cultural, social e educacional, à medida que desempenham um papel vital no acesso geral ao conhecimento e no combate às desigualdades sociais. Através dos seus serviços que permitem um acesso livre e gratuito a livros, informações e tecnologias, proporcionam oportunidades de aprendizagem a diferentes públicos, por ajudarem a superar a infoexclusão e a promover uma cidadania ativa e crítica, tal como concordam os autores Gouveia (2005), Belluzzo (2005) e Vaz (2020). Verificámos ainda que ao longo dos anos, as bibliotecas públicas têm vindo a evoluir, passando de meros repositórios de livros para centros dinâmicos que interagem com as comunidades e com o conceito da educação ao longo da vida, tal como é ilustrado por várias iniciativas culturais, educacionais e tecnológicas. De acordo com o que foi observado pelos autores Mueller (1984) e Santos et al. (2007), estas instituições têm vindo a adaptar as suas atividades para conseguirem responder adequadamente às necessidades de uma sociedade em constante transformação, onde o uso instrumental da leitura e o acesso à informação são cada vez mais essenciais para um progresso individual e coletivo. Estas transformações refletem as mudanças tecnológicas e culturais trazidas pela era digital, e também refletem a influência direta das Bibliotecas Públicas na maneira como a sociedade se organiza e obtém o conhecimento. No que respeita à crescente

digitalização da informação, percebemos que esta nova era da informação tem vindo a apresentar novos desafios para as Bibliotecas Públicas. No entanto, apesar destes avanços tecnológicos, os espaços físicos oferecidos pelas Bibliotecas Públicas continuam a desempenhar um papel fundamental como espaço de convivência, reflexão e lazer, bem como um local que potencializa o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a cidadania na era da informação (Teixeira, 2022).

Em síntese, as Bibliotecas Públicas continuam a ser necessárias para a construção de uma sociedade mais inclusiva, informada e unida. No entanto, é importante que continuem a adaptar-se às novas exigências da era digital, sem perder de vista o seu compromisso histórico para com a educação, o desenvolvimento intelectual e o fortalecimento das comunidades locais. O seu futuro encontra-se na sua capacidade de equilibrar as tradições com a inovação, garantindo que o conhecimento continue acessível a todos.

Os funcionários da Biblioteca Pública

Num mundo cada vez mais dominado pela informação digital e pelas novas tecnologias, o papel do bibliotecário tem evoluído significativamente, deixando de ser apenas o guardião do conhecimento impresso para se tornar um mediador crítico na era da informação. As bibliotecas, tradicionalmente vistas como locais de preservação do conhecimento e promoção da leitura, têm se adaptado às mudanças sociais e tecnológicas, e com elas, os bibliotecários têm assumido novas responsabilidades que vão além da organização e catalogação de livros.

Hoje, os bibliotecários desempenham um papel essencial na formação de uma sociedade informada. Eles são facilitadores do acesso à informação, educadores na literacia, e defensores do livre acesso ao conhecimento. Com a proliferação de fontes de informação na internet, muitos dos quais são de qualidade duvidosa ou até mesmo enganosos, o papel do bibliotecário como curador de conteúdos confiáveis torna-se

ainda mais crucial. Além disso, o bibliotecário moderno participa ativamente na promoção da inclusão digital, ajudando a reduzir as barreiras que impedem o acesso igualitário à informação, seja através de programas educacionais, seja oferecendo suporte técnico.

Este capítulo pretende explorar as múltiplas facetas do papel do bibliotecário na atualidade, analisando como suas funções tradicionais foram transformadas e ampliadas. Serão abordados os desafios que os bibliotecários enfrentam num ambiente de constante mudança, bem como as oportunidades que surgem para reafirmar a importância das bibliotecas e dos seus profissionais na sociedade contemporânea. Eles são um dos elementos que dita também o sucesso do papel das Bibliotecas Públicas nas comunidades. Estes profissionais apresentam-se como uma ponte entre os utilizadores e a informação, garantem o acesso à informação e a sua respetiva utilização, que corresponde à descrição das características descritas pelo IFLA, 1994 “intermediário ativo entre os utilizadores e os recursos disponíveis”.

Em Flusser (1983, p.161) fala-se do papel de *expert*, como sendo esta figura que tudo sabe, em oposição ao utilizador que tudo desconhece. A mediação da leitura tem como finalidade facilitar o encontro entre o sujeito e o texto que lê, neste caso a literatura oferecida pelas bibliotecas, “num processo provocativo e instigante no âmbito do pensar e do sentir” (Rastelli & Cavalcante, 2014, p.49). Neste sentido, para a biblioteca ser “encarada como um instrumento de ação cultural” (Flusser, 1983, p.161), torna-se fulcral rever o papel do *expert* e eliminá-lo, para que seja possível tornar o utilizador no protagonista do seu próprio processo de investigação e aprendizagem. Com a eliminação do papel do *expert*, poderá dar-se lugar ao papel do bibliotecário educador, que como mediador de leitura não se desliga do “ato de se informar e investigar “ (Rastelli & Cavalcante, 2014, p.52), possibilitando a oferta de um serviço profissional mais completo e com maior capacidade de dar resposta aos utilizadores.

Para que estes profissionais possam desempenhar as suas funções e oferecer um serviço de qualidade à comunidade, é importante ter em conta a necessidade de qualificá-los e consciencializá-los da sua função social. O devido reconhecimento do seu papel influencia o trabalho prestado pelas equipas das bibliotecas públicas, nomeadamente nas relações criadas com os restantes elementos das comunidades, que poderão tornar a sua experiência com estas instituições em algo positivo ou negativo. Estes profissionais são também aqueles que sabem que problemas existem tanto na biblioteca, como no contexto social em que esta se insere. Eles têm a capacidade de fornecer, através de um acesso privilegiado, outras formas de criação literária disponíveis, as obras científicas e a informação relacionada à cultura geral.

Além destas características já mencionadas, Cunha (2003, p.5), apresenta-nos algumas das novas direções que esta profissão tem vindo a traçar. Ora, uma dessas primeiras tendências observadas é a de formação de novas alianças interdisciplinares, em que o bibliotecário colabora com outros profissionais. Um exemplo de onde esta prática pode decorrer é nas redações de jornais, como é no caso do Brasil, onde grupos compostos por bibliotecários, jornalistas, economistas e advogados trabalham juntos na análise de informação. Uma segunda direção identificada é a confluência de profissões previamente distintas, ou seja, o surgimento de novos perfis profissionais híbridos, como podemos observar no caso de um gestor do conhecimento, que combina as funções de administrador, analista e bibliotecário. Além disso, verifica-se a fusão de competências entre bibliotecários-pesquisadores e bibliotecários-arquivistas, na qual podemos refletir sobre a adaptação às novas exigências do mercado, mesmo no caso destes profissionais. A especialização por tipo de suporte de informação também é uma tendência crescente, com a emergência de profissionais dedicados a áreas específicas, como o administrador de *websites*, que se concentra na gestão de conteúdo e estrutura digital, uma característica que podemos atualmente encontrar entre as equipas bibliotecárias que tentam disponibilizar cada vez mais as suas bibliotecas ao nível digital. Por fim, destaca-se a

39

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

atribuição de novas responsabilidades, como o papel do bibliotecário enquanto mediador de informação, papel em que este profissional atua como ponte entre a informação disponível e as respectivas plataformas, e os utilizadores, facilitando a comunicação e garantindo a compreensão e utilização da informação disponível de forma adequada.

Por sua vez, Mueller (1989, p.63) lista variadas funções que os bibliotecários têm vindo a desempenhar, das quais irei mencionar apenas três: a função da preservação, a função da educação e a função de suporte ao estudo e à pesquisa. A função de preservação é considerada uma das mais antigas e amplamente aceites responsabilidades da profissão do bibliotecário. Tradicionalmente, a preservação da cultura humana era o foco central deste profissional.

No entanto, como temos vindo a observar, a evolução dos meios de comunicação e o avanço tecnológico vieram ampliar o leque de todas as suas funções. O bibliotecário, outrora focado na conservação apenas dos acervos físicos, passou a ter também a responsabilidade de garantir o acesso a acervos imateriais. Atualmente, a garantia do acesso a toda a cultura (material e imaterial) é tão importante quanto a preservação em si, o que exige uma mudança significativa tanto no conhecimento técnico quanto na atitude profissional do bibliotecário. Por sua vez, a função da educação do bibliotecário, está intimamente ligada ao suporte à educação formal. O bibliotecário, muitas vezes visto como um professor informal, desempenha um papel fundamental na orientação dos indivíduos na aquisição de conhecimento. A sua atuação é semelhante à de um professor, no sentido em que não se limita a fornecer informações, mas sim formar os diversos utilizadores para que se tornem autossuficientes na pesquisa das informações sempre que necessário. Finalmente, a terceira e importante função do bibliotecário é a de suporte ao estudo e à pesquisa. Nesse contexto, o bibliotecário é responsável por fornecer fontes de informação e itens relevantes para os seus utilizadores, respondendo a indagações e suprimindo necessidades informacionais. Para exercer esta função de forma eficaz, o

40

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

bibliotecário precisa desenvolver um perfil semelhante ao de seus utilizadores, o que implica que este profissional, mais uma vez, tenha o conhecimento aprofundado do projeto em que atua, da literatura específica da área de interesse e da linguagem técnica correspondente. Este conjunto de funções descrito por Mueller, evidencia novamente a multiplicidade de papéis do bibliotecário contemporâneo, cuja atuação vai além da preservação e disseminação do conhecimento, passando a ter um envolvimento ativo no processo educativo e no suporte à pesquisa. Essas mudanças ilustram a versatilidade e a adaptação contínua da profissão do bibliotecário no contexto contemporâneo (Cunha, 2003, p.4).

Finalmente, Cunha (2003, p.5) volta a destacar a crescente diversidade das funções desempenhadas pelos bibliotecários na sociedade contemporânea. Apesar da multiplicidade de responsabilidades, permanece fundamental reconhecer que a profissão continua a desempenhar um papel crucial no desenvolvimento social, educativos e científico. Embora esse papel seja evidente para os profissionais da área, é importante reiterar algumas premissas que reforçam a sua relevância. Em primeiro lugar, temos o atendimento às necessidades de informação dos cidadãos nas bibliotecas públicas, o que contribui diretamente para a conquista de direitos básicos de cidadania. O acesso à informação é um pilar fundamental para o exercício pleno da cidadania, promovendo a inclusão social e o sentido de autonomia dos indivíduos. Além disso, quando pesquisadores têm as suas necessidades de informação devidamente atendidas, o resultado é o progresso científico do país, uma vez que um acesso à informação de qualidade é essencial para o avanço do conhecimento e a inovação tecnológica. No contexto educacional, o apoio eficaz aos alunos dos diversos níveis pode despertar o interesse pela leitura, incentivar o prazer pelo estudo e fomentar a curiosidade por novas descobertas. A atuação do bibliotecário junto destes jovens tem um impacto direto no desenvolvimento intelectual dessas mesmas gerações, tendo influência na sua formação acadêmica e pessoal.

Por fim, a participação dos bibliotecários na formulação de políticas nacionais de informação e em projetos estratégicos, como por exemplo o PNL. Essa participação pode contribuir diretamente na definição de prioridades públicas e dar ênfase à participação das bibliotecas públicas nesses processos, assegurando que as bibliotecas sejam reconhecidas como espaços essenciais para o acesso à informação e à educação numa sociedade cada vez mais digital. Assim, o papel do bibliotecário é multifacetado e indispensável para o desenvolvimento de uma sociedade informada, educada e cientificamente avançada, reafirmando a sua posição central nos processos de transformação social.

Uma vez que a informação parece apenas ganhar sentido quando é devidamente comunicada, podemos afirmar que esta tem então o poder de transformar realidades e mentalidades, contribuindo para um desenvolvimento no bem estar da sociedade. Por isso, esta função de comunicar informação é uma das tarefas mais importantes dos bibliotecários, nomeadamente os que pertencem a uma Biblioteca Pública, e os mesmos poderão desempenhar esse papel de forma mais eficaz quando reconhecem que o ato de comunicar a informação não é um ato neutro, pois o mesmo pressupõe escolhas e decisões. O papel de facilitar o acesso ao conhecimento é igualmente crucial nesta profissão, no sentido de conseguir dar continuidade ao desejo e à sede de aprender.

Conclui-se que o papel do bibliotecário na sociedade contemporânea vai além da simples gestão de livros e manuais. A preservação da cultura humana, uma das funções mais antigas da profissão, continua a ser essencial, mas com o avanço tecnológico, tem vindo a expandir-se para incluir a responsabilidade ao acesso a dados remotos. Esta nova realidade exige que os profissionais da informação adquiram novas competências e adotem uma postura ativa na mediação do conhecimento.

Além da preservação, a função educativa do bibliotecário tem-se vindo a destacar mais como um pilar indispensável na formação de gerações críticas e autossuficientes

na procura pelo conhecimento. O bibliotecário, enquanto professor informal, atua na orientação dos indivíduos, capacitando-os a explorar o conhecimento de maneira independente, o que reforça o seu papel no suporte à educação formal e na construção de uma sociedade mais informada e participativa.

Paralelamente, o bibliotecário assume uma função decisiva no suporte ao estudo e à pesquisa, fornecendo as fontes necessárias para que os utilizadores possam desenvolver os seus projetos e atingir os seus objetivos pessoais. Esse papel exige uma compreensão ampla tanto da área de atuação quanto das necessidades das comunidades locais, o que contribui para a eficácia do processo de pesquisa e a expansão do conhecimento.

Por fim, a comunicação da informação, embora central, não é neutra. O bibliotecário, como mediador e comunicador, exerce uma influência significativa na forma como a informação é percebida e utilizada, tendo a responsabilidade de garantir que essa comunicação seja realizada de forma ética e eficaz. Ao facilitar o acesso ao conhecimento, o bibliotecário cumpre a sua missão como agente de transformação social, promovendo a criação e a disseminação do conhecimento numa sociedade em constante evolução. Todo este conjunto de funções que exploramos até aqui, evidencia a multiplicidade de papéis desempenhados pelos bibliotecários, cuja atuação é vital para a construção de uma sociedade mais informada, educada e capacitada para enfrentar os desafios do futuro.

A Biblioteca Pública como influência para os hábitos de leitura

Partindo da ideia de que a leitura vai além de uma simples decodificação de símbolos e de que envolve a ressignificação desses sinais ao atribuir-lhes um significado que traz ao leitor a possibilidade de interpretar a mensagem de acordo com a sua realidade, pode afirmar-se que, tal como observa Chartier (1999, citado por Cunha,

2011, p.80), a leitura passa a ter sempre uma função de “apropriação, invenção, produção de significados”, na qual se destaca a autonomia e a liberdade de pensamento que estão intimamente relacionados ao processo de leitura. Por isso, o ato de ler deixa de se limitar a reproduzir o sentido que o autor deseja transmitir, mas, por sua vez, permite ao leitor construir seu próprio entendimento a partir do que lê. A leitura também acaba por estar diretamente relacionada ao estímulo e à motivação, uma vez que se trata de uma prática essencial para o desenvolvimento do conhecimento e para a formação de uma opinião crítica (Proença, Oliveira, Bernardes, Bernardes & Carvalho, 2013). Apesar de ter este peso na formação intelectual e profissional, notamos que o hábito de ler ainda não está plenamente consolidado em muitas pessoas, impactando diretamente na capacidade de interpretação e de exposição de ideias, em particular nos contextos académicos. É crucial reconhecer a leitura como uma atividade que contribui não só para o crescimento pessoal, mas também para o desenvolvimento de habilidades profissionais.

O processo de leitura é multifacetado, pelo que é mesmo necessário que se dê uma importância mais ampla ao ato de ler que vá além dos motivos práticos da leitura na vida em sociedade. Ela também desempenha funções culturais e intergeracionais, pelo que permite o acesso à memória coletiva, à preservação do património literário e linguístico, e à herança cultural de um povo. Sabe-se que este processo requer do indivíduo um conjunto de capacidades e operações cognitivas que têm influência direta no nível de compreensão da mensagem, que varia de leitor para leitor e daí que a leitura surge como uma ferramenta necessária para todos os que desejam ser úteis e participativos na sociedade. Ora, por exemplo, o mercado de trabalho que se tem vindo a mostrar cada vez mais exigente, pede por capacidades avançadas de leitura, análise e compreensão, e também a capacidade de lidar de maneira eficaz com textos e informações escritas. Este é um dos exemplos que apoia o papel importante da leitura para o homem, para que este se possa integrar plenamente na sociedade a que pertence, ou seja, para se sentir útil, capacitado e ativo, o que muitas

vezes implica estar inserido no mercado de trabalho. Saber ler é "aprender [...] para se apropriar de um saber particular" (Landsheere, 1994, citado por Gouveia, 2009, p.35), tornando esta função da leitura crucial para o sucesso profissional. Giassom (2000, citado por Gouveia 2009, p.35) também destaca que a autonomia na leitura e na escrita está diretamente ligada à capacidade de adaptação à sociedade. Deste modo, as reflexões que o leitor realiza acerca da informação adquirida por meio da leitura transformam-se num ato de aprendizagem contínua, que o ajuda a interagir e a atuar no mundo em que vive.

No que respeita à função cultural da leitura, esta pode passar a ser entendida como uma atividade de lazer, especialmente quando é praticada de forma voluntária e com o objetivo de proporcionar um momento de prazer e de entretenimento. Neste contexto, o leitor desenvolve o seu imaginário, ao mesmo tempo de que usufrui de um bem cultural que promove o sentimento de satisfação.

Verifica-se, então, que a leitura é uma ferramenta de desenvolvimento pessoal e social, no qual a sociedade acaba por ter um papel importante na promoção de hábitos de leitura duradouros. Para isso, é crucial que exista uma maior oferta de iniciativas, de instituições e de espaços de cultura e lazer que promovam o acesso à leitura desde os primeiros anos de vida.

É neste sentido que as Bibliotecas Públicas aparecem, pois estas desempenham um papel de destaque na promoção da leitura e na democratização do acesso ao conhecimento. Esta instituição representa, em muitos casos, uma das poucas oportunidades para que algumas comunidades possam ter acesso gratuito a livros, revistas e outros materiais informativos, tornando-se pilares necessários para o desenvolvimento cultural e educacional. Elas também providenciam um espaço de convivência, de aprendizagem e de descoberta, onde pessoas de todas as idades podem explorar novos interesses e expandir os seus horizontes. Ao fornecerem uma vasta gama de materiais de leitura, programas de incentivo à leitura, e eventos culturais, as Bibliotecas Públicas incentivam o hábito de ler e ajudam a moldar as

45

No anexo "Notas de campo/Observações" está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

preferências literárias e intelectuais de seus utilizadores. Atividades de promoção da leitura tais como os clubes de livros, as sessões de contar histórias e os *workshops* literários, contribuem também para uma ligação contínua dos leitores a estes espaços e alimentam uma cultura de leitura em diferentes faixas etárias e grupos sociais.

Embora o conceito da biblioteca seja visto como um espaço que, por tradição, está primordialmente associado aos livros, ela não deve ser encarada apenas como um depósito de materiais, mas sim como um ambiente onde os livros são ativamente utilizados e experienciados de forma dinâmica. Por excelência, as Bibliotecas Públicas são locais destinados à leitura nas suas mais diversas formas e também destinados à comunicação escrita. Elas trabalham como espaços de informação e, sobretudo, de formação, e neste sentido uma das mais essenciais funções das bibliotecas contemporâneas é a promoção da animação cultural, que surge com o objetivo de atrair aqueles que, de outra maneira, não uma "porta de acesso local ao conhecimento", por oferecerem condições essenciais à aprendizagem contínua, à tomada de decisões informadas e ao desenvolvimento cultural de indivíduos e grupos sociais (UNESCO, 1994). É importante não esquecer que cada pessoa traz consigo uma bagagem de saberes prévios foram sendo adquiridos ao longo das suas experiências de vida, e é esse mesmo conhecimento prévio que as bibliotecas devem considerar, de modo a que não desperdicem o potencial dos seus utilizadores. É desta forma que estas instituições podem dar início à criação de ambientes que oferecem as condições necessárias para promover a aprendizagem contínua e o desenvolvimento cultural, dos seus utilizadores e das comunidades que as envolvem. Assim, alimentam o seu reconhecimento como um espaço de interação e de crescimento cultural, fundamental na formação de cidadãos e no fortalecimento da sociedade.

Gouveia (2009, p.59) menciona alguns aspetos que as Bibliotecas Públicas deverão ter em consideração para que possam tornar possível a mudança de perspectiva das comunidades acerca do seu papel na sociedade. Começando pela necessidade de a

Biblioteca Pública não ter o seu espaço geograficamente isolado das comunidades, tornando o seu acesso mais difícil. É também importante que não sirva apenas uma elite, deve estar equipada para servir os mais diferentes grupos sociais e ter as suas atividades e serviços direcionados para os interesses e necessidades dos indivíduos. Também os seus acervos devem estar aptos para receber os mais diferenciados públicos e estarem organizados de modo funcional. Outro aspeto importante diz respeito à qualificação da equipa pertencente aos seus serviços. É igualmente importante a Biblioteca disponibilizar fundos documentais atualizados e diversificados. Finalmente, tendo em conta que esta é um espaço no qual “o livro e o computador coabitam” (Gouveia, 2009, p.69), é a oportunidade ideal para serem desenvolvidas atividades nas quais se aproveitam ambos os elementos de forma harmoniosa entre os formatos tradicionais do livro e os formatos digitais.

As Bibliotecas Públicas também apresentam outra característica própria, a de atuarem como um espaço de Educação Não Formal, que as torna então essenciais na formação de leitores, precisamente pela sua capacidade de promoverem a leitura como uma atividade satisfatória, de exploração, descoberta e aprendizagem, aspetos que ajudam a consolidar os hábitos de leitura. Neste sentido implementam dinâmicas de mediação cultural, como as tão conhecidas sessões de mediação de leitura, habitualmente denominadas de "Hora do Conto", momentos que contam com o encontro de autores e um determinado público através de apresentações teatrais de histórias e ainda exposições realizadas em colaboração com a comunidade, sendo grande exemplo disso as escolas. Este tipo de atividades são principalmente guiadas e enriquecidas pelos profissionais das bibliotecas, que desempenham então o seu papel na facilitação destas ações. Daí ser necessário investir numa formação profissional que seja capaz de promover um atendimento personalizado e um ambiente de pertença entre os utilizadores, o que promove o elo de ligação entre a comunidade e a biblioteca.

No caso de Portugal, as Bibliotecas Públicas demonstram desempenhar este papel vital no desenvolvimento cultural e educacional da população, por oferecerem um acesso gratuito a uma ampla coleção de livros, revistas e outros materiais informativos. Este acesso é particularmente significativo na atualidade, onde se tem verificado que o custo dos livros pode ser um obstáculo para muitas famílias. Os programas de leitura e eventos culturais desenvolvidos para diferentes grupos etários, desde crianças a idosos, ajudam também a criar um ambiente favorável ao desenvolvimento do hábito da leitura. Por exemplo, já várias bibliotecas portuguesas têm vindo a implementar iniciativas que promovem a leitura regular, como é o caso do programa "Bibliotecas Itinerantes", que visa levar livros às comunidades rurais e mais isoladas; também, os clubes de leitura, reúnem um grupo de pessoas para discutir obras literárias e compartilhar experiências e conhecimento. Estas iniciativas não apenas ampliam o acesso a todo o tipo de literatura, mas também promovem um sentimento de comunidade em volta das práticas de leitura, por motivarem os indivíduos a lerem com mais frequência e por promoverem a inclusão cultural e educacional em diversas áreas do país.

Quanto a outros fatores que devem ser considerados nesta questão da influência das Bibliotecas Públicas nos hábitos de leitura, segundo algumas pesquisas, pessoas que as frequentam têm maior tendência a desenvolver este hábito de forma mais consistente, o que confirma o resultado positivo dos esforços feitos por estas instituições. O ambiente tranquilo e os recursos diversificados que as bibliotecas oferecem, juntamente com a organização de eventos e de atividades literárias, permitem que os utilizadores adotem a leitura como uma prática regular. Também a exposição contínua a novos livros e autores, alimenta a curiosidade e a prática de explorar diferentes géneros e estilos literários, aumentando a frequência de leitura. É neste sentido que, por exemplo, as bibliotecas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da literacia infantil, uma vez que uma grande percentagem de leitura direcionada para as crianças provém precisamente das

Bibliotecas Públicas, tal como é possível verificar nos estudos realizados pelos autores (Santos, Neves, Lima & Carvalho, 2007).

Contudo, apesar de toda esta influência positiva que as Bibliotecas Públicas têm vindo a demonstrar na promoção da leitura, continuam a existir desafios que trazem limitações para o alcance total dessas instituições, tais como a localização geográfica, os horários de funcionamento e a modernização das infraestruturas que dificultam o acesso e o uso dos seus espaços. Porém, com o avanço da tecnologia e a expansão dos serviços oferecidos, têm sido abertas novas oportunidades, que têm vindo a permitir a inclusão de um público mais amplo, que traz consigo mesmo aqueles que não conseguem frequentar fisicamente as bibliotecas. Este processo de modernização e inclusão digital tem então um positivo potencial na redução das barreiras existentes e de ampliar o impacto das Bibliotecas Públicas na promoção da leitura e do desenvolvimento cultural.

Fica evidente a ação multifacetada das Bibliotecas Públicas na sociedade atual em respeito à promoção de hábitos de leitura, à formação de leitores e à democratização do acesso ao conhecimento. As bibliotecas públicas, conforme foi sendo mencionado, exercem um papel importante como reservatório de conhecimento e como um espaço dinâmico de Educação Não Formal e Informal e de interação social e cultural. Vimos também que são capazes de promover o hábito da leitura noutros formatos que vão além do livro, através de programas, eventos culturais e outras iniciativas, contribuindo para o desenvolvimento da literacia, para a criação de uma comunidade leitora e para a inclusão social. Também foi destacado o impacto da Biblioteca Pública no desenvolvimento de competências como a imaginação e a criatividade, nomeadamente nas crianças e nos jovens, tal como é destacado no Manifesto da IFLA/UNESCO. Elas fornecem um ambiente propício para a leitura e para o lazer, permitindo que os leitores tenham fácil acesso à informação, para que a possam ressignificar e a transformar em conhecimento. Também falámos acerca do papel dos profissionais das bibliotecas, que atuam como mediadores culturais, o que também

ajuda a determinar o sucesso destas iniciativas, uma vez que o atendimento personalizado e a promoção de um sentimento de pertença são aspetos essenciais para atrair e fidelizar utilizadores regulares. Também é importante não ignorar os desafios que as Bibliotecas Públicas enfrentam, tais como a necessidade de modernizar as suas infraestruturas, as questões de acessibilidade e as de adaptação às novas exigências trazidas pela Era Digital.

Sintetizando, as Bibliotecas Públicas permanecem como um recurso necessário para o desenvolvimento educacional, cultural e social. Porém, continua a ser essencial que elas acompanhem as transformações tecnológicas e sociais, para que possam continuar a desempenhar as suas funções de promover a leitura, a inclusão digital e a formação crítica dos cidadãos. Ao estabelecerem o seu papel na sociedade, as Bibliotecas Públicas têm então um grande potencial para contribuir para a criação de uma ordem social mais justa e inclusiva, tendo em conta que o ato de ler tem uma influência significativa no modo de pensar e de encarar o mundo.

O Plano Nacional de Leitura (PNL) na Biblioteca Pública

O Plano Nacional de Leitura (PNL) é uma iniciativa que visa promover e desenvolver o gosto pela leitura em Portugal. Este programa foi lançado em 2006, com duração prevista de dez anos, em colaboração com diferentes entidades, entre as quais o Ministério da Educação, o Ministério da Cultura, a Rede de Bibliotecas Escolares e a Sociedade Portuguesa de Autores, com o objetivo de responder aos “atrasos persistentes do país no domínio da leitura” (Neves, 2010, p.44) de forma alargada, consistente e eficaz. Compreendendo o PNL como um projeto, o mesmo inclui os seguintes objetivos:

“i) promover a leitura, assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e de progressão nacional; ii) criar ambientes favoráveis à leitura; iii) inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras actividades que estimulem o prazer de ler entre crianças,

jovens e adultos; iv) criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura; v) enriquecer as competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção dos professores e dos mediadores de leitura, informais e formais.” (PNL, 2006, citado por Neves, 2010, p.44)

O PNL procura, portanto, incentivar os hábitos de leitura desde as mais tenras idades, reconhecendo o seu valor para o desenvolvimento cognitivo, cultural e emocional das pessoas; dedica-se também à melhoria das competências de leitura através da facilitação ao acesso de materiais adequados a cada etapa do desenvolvimento e através da promoção de estratégias que auxiliam na compreensão e análise de textos, ações que podemos observar, por exemplo, no contexto escolar, que justifica então a sua integração com as Escolas e as Bibliotecas Públicas e Escolares que por sua vez colaboram na promoção de ambientes favoráveis para a aquisição de hábitos de leitura. Como se verificou anteriormente, um dos aspetos que os serviços bibliotecários deverão ter em conta, são os gostos e interesses dos leitores, e por isso o PNL procura diversificar as leituras recomendadas. Finalmente, o PNL também reconhece o papel dos professores e dos profissionais da informação e bibliotecários, incentivando-os a integrar a leitura nas suas práticas profissionais.

Desde o começo procurou estabelecer uma ligação firme com a Rede de Bibliotecas Escolares, através das quais os livros fornecidos pelo PNL começaram a chegar às escolas. No decorrer dos anos, foram criados projetos e programas cuja implementação tinha por objetivo fomentar hábitos de leitura frequentes, nos quais podemos destacar a “Semana da Leitura”, que tem lugar em todas as escolas anualmente, e o “Concurso Nacional de Leitura”, criado para os estudantes do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário. Estas iniciativas demonstram o claro compromisso do PNL em alcançar um público juvenil e consolidar uma cultura de leitura nas escolas. Outros projetos são também criados para contextos sociais diferentes, como é exemplo disso o projeto *Ler+ em Família*, que foca os seus esforços em fortalecer a prática da leitura em ambiente familiar, e o projeto *Ler+ Dá Saúde*, que transporta estes programas de leitura para Centros de Saúde e Hospitais.

51

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Esta abordagem inovadora ficou significativamente marcada no panorama da promoção da leitura em Portugal, por integrar ativamente a leitura na sala de aula, com listas anuais de recomendação de livros e projetos específicos para a mediação de leituras, que abrangem todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário, e envolvendo crianças e jovens dos 3 aos 18 anos.

As ações do PNL impactaram de maneira a que se tornou num elemento mobilizador da sociedade no que respeita à importância da leitura, e nesse sentido, surgiram variados projetos municipais e de outras instituições, que, inspirados por este movimento, têm procurado contribuir para a promoção da leitura nos demais setores da população. Deste modo, observamos o PNL consolidar-se como uma peça central na estratégia nacional para o desenvolvimento da literacia e da cultura leitora em Portugal, por promover a leitura como uma atividade indispensável para o crescimento pessoal e social (Balça e Sousa, 2012, p.372).

O PNL também apresentou desde o início uma característica relevante para o aprofundamento deste trabalho de projeto, justificando-se assim a sua presença neste subtema, uma vez que, apesar de nos seus primeiros anos ter-se revelado principalmente focado em alunos do pré-escolar e do ensino básico, eventualmente expandiu-se para o 3º ciclo e ensino secundário (Neves, 2010, p.45), público que selecionei como alvo de análise.

Importa também destacar que o PNL tem vindo a adotar uma série de adaptações a todas as mudanças sociais e tecnológicas que têm surgido ao longo do tempo, para que deste modo consiga atender às necessidades de cada geração. Um dos exemplos desta realidade é a criação de projetos que incentivam a leitura digital e o estudo de novas e inovadoras práticas que envolvem a utilização das mais recentes ferramentas e dispositivos digitais, em especial aquelas que estão presentes na vida dos adolescentes. A iniciativa dos Roteiros Digitais de Leitura, por exemplo, procura proporcionar uma formação docente para promover uma leitura e hábitos de leitura

de qualidade por meio da utilização dessas mesmas tecnologias, tanto em salas de aula como em bibliotecas.

As propostas do Plano Nacional de Leitura (PNL) em Portugal têm sido vastamente reconhecidas, e a sua influência é vista através dos resultados positivos apresentados nas avaliações internacionais, tais como o *Programme for International Student Assessment* (PISA). O desenvolvimento positivo nas competências de leitura dos estudantes portugueses têm demonstrado o efeito do PNL, que tem vindo a contribuir para o alargamento da cultura da leitura no país. Isto pode ser verificado, por exemplo, pelo aumento no número de livros comprados e na frequência do número de utilizadores das bibliotecas públicas e escolares, que evidenciam este sucesso. O seu triunfo também tem estado intrinsecamente ligado ao empenho e ao auxílio prestados pelos vários intervenientes no projeto, no qual se incluem os professores, os bibliotecários, as famílias e os próprios alunos. Há uma clara intenção em valorizar o papel do livro e da leitura na formação cultural e educacional nas sociedades, ao sublinhar a sua relevância tanto no contexto escolar como no contexto familiar. Gouveia (2009, p.41) destaca ainda que estas propostas podem ser encaradas como oportunidades para serem criados ambientes atrativos para a presença dos livros no quotidiano, de modo a associar o momento de leitura a algo agradável e satisfatório. Deste modo, o PNL não se limita em promover hábitos de leitura duradouros, mas também em contribuir para a formação de cidadãos mais informados e críticos.

Assistimos, ainda, ao lançamento de uma série de projetos com o propósito de promover e incentivar a leitura em Bibliotecas Públicas bem como em outros espaços comunitários, todos eles sob a coordenação da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB). Um exemplo desses projetos é o "Ler é um Desporto", tem por objetivos gerais o de alimentar uma rotina que envolve o contato com o livro, o de estimular o gosto pela leitura e pela escrita, o de aumentar o acesso a um leque diversificado de obras e o de criar oportunidades para a partilha e debate de leituras. Ao promover esta variedade de temas e cultivar a criatividade e o sentido crítico, este

projeto pretende autonomizar os leitores, por proporcionar experiências agradáveis de leitura que integrem o uso das novas tecnologias. De acordo com Caixa (2011, p.24), algumas das características interessantes e inovadoras deste projeto contam com atividades em formato de ateliers de construção de bandas desenhadas, orientação para a descoberta de páginas *web*, *chats* e *blogs* de divulgação literária. Estas atividades têm, então, lugar em bibliotecas públicas, as quais contam com o apoio dos animadores ou mediadores de leitura, com os bibliotecários e até mesmo os professores, que permitem e facilitam a mediação deste processo, promovendo o gosto pela leitura. A adoção das novas tecnologias como ferramenta essencial para a descoberta e partilha de experiências literárias é também um dos pilares do projeto ao procurar dar resposta aos interesses específicos dos seus públicos-alvo.

É então nesta linha de pensamento que vemos como as bibliotecas públicas têm participado em projetos do PNL, tais como o LeR+, que envolve igualmente o trabalho em parceria com comunidades educativas, bibliotecas escolares e bibliotecas públicas. Estes projetos têm vindo a fortalecer o papel das bibliotecas, ao envolverem as suas atividades nos objetivos do PNL e por tirarem proveito do ambiente propício para a leitura. Porém, ainda de acordo com Caixa (2011, p.42, 43), persistem desafios na parceria existente entre o PNL e as Bibliotecas Públicas, que se evidencia pelo *déficit* nas orientações que poderiam envolver mais adequadamente estas instituições na execução dos planos projetados. Desse modo, aumentaria o potencial para uma ligação mais eficiente entre o PNL e as Bibliotecas Públicas, tendo em vista a otimização das estratégias de promoção da leitura e o aumento da sua visibilidade na comunidade.

Os interesses e os hábitos de leitura dos adolescentes

A identificação dos desafios e das dificuldades que justificam a realização da proposta de um projeto para a biblioteca não poderia ser feita sem finalmente compreender o

54

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

cenário atual e geral da situação dos hábitos de leitura do público-alvo selecionado: os adolescentes. Esta necessidade advém também da realidade de que, de acordo com Neves (2015, p.4), a cultura da leitura existente não se restringe apenas aos leitores atuais, mas também inclui os potenciais leitores, ou seja, aqueles que poderão ler mais em circunstâncias favoráveis, e os futuros leitores, que são todas as crianças e jovens que ainda frequentam o sistema de ensino. Neste sentido, procurei saber quais são os interesses e os hábitos de leitura dos adolescentes, nomeadamente em Portugal, a partir de estudos e artigos que dissessem algo a respeito do assunto.

Sabe-se que o ser humano atravessa diversas fases ao longo da sua vida e, como seria de esperar, as necessidades, os problemas, os desafios e a personalidade alteram-se consoante o estágio de vida em que cada um se encontra. Do mesmo modo, pode presumir-se que cada idade terá as suas questões próprias e únicas. Faz parte do desenvolvimento cerebral humano encarar o mundo à volta tendo por base as ferramentas de linguagem que disponíveis, e por estas razões é importante conhecer a fase em que os adolescentes se encontram, de modo a que se consiga facilitar o trabalho dos educadores, dos pais e de todos os docentes que se encontram no meio educativo e formativo, com o objetivo de estes conseguirem criar propostas mais eficazes quanto aos hábitos de leitura. Esta compreensão também ajuda as instituições, como é o exemplo das Bibliotecas Públicas, pois como já foi referido até aqui, uma das funções mais importantes destas é a de conhecer o ambiente comunitário em que se insere.

Cátia Meireles (2022, p.47) propõe uma perspetiva acerca das fases de leitura em que se encontram os adolescentes, como a fase das histórias de aventura, que decorre entre os 12 e os 14/15 anos de idade. Durante esta fase os jovens dão-se conta das suas características pessoais e dos seus interesses, incluindo os de leitura, notando-se um maior apreço por livros de aventuras, viagens e romances. Na fase da maturidade ou estético-literária, que decorre entre os 14 e os 18 anos, os jovens começam a construir os seus próprios valores, incentivando-os a uma maior pesquisa por livros de aventuras mais intelectuais, sobre viagens, novelas histórias, biografias,

romances e temas da atualidade que os preocupam. Em qualquer uma das fases, existe um empenho da parte dos adolescentes em responder a questões que os ajudam a compreender melhor o mundo e também a compreenderem-se a si mesmos, como parte integrante da sociedade. Ainda numa amostra apresentada por Meireles (2022, p.87), os adolescentes e os jovens demonstram reconhecer a importância da prática da leitura nas suas vidas, apontando alguns benefícios como a melhoria do vocabulário, da escrita e da criatividade, bem como o conhecimento de tudo o que os rodeia e uma melhor *performance* escolar. Mantendo em consideração os hábitos de leitura dos jovens entre 14 e 18 anos, observa-se que este grupo etário apresenta mais desafios no que respeita à leitura, os quais se agravam à medida que os jovens avançam na idade (Estáquio & Cardoso, 2020, p.48). Numa outra proposta apresentada por estes autores, podem ser também considerados outros seis estádios de desenvolvimento da leitura, nos quais os jovens a partir dos 15 anos situam-se no estádio de maturação, momento em que estão aptos para ler os mesmos géneros que os adultos. No entanto, ainda segundo Cerrillo os jovens de 14 anos encontram-se também no estádio das operações formais, cujo os livros mais indicados incidem sobre questões de interesse para os estudantes, tais como o desporto, narrativas baseadas em factos reais, históricos ou atuais, e obras que provocam surpresa e suspense (Estáquio & Cardoso, 2020, p. 48).

Mas então, o que é que os estudos dizem acerca deste tema? Agora que conseguimos compreender os estádios de interesses literários dos adolescentes, quais serão estes na atualidade? De acordo com A Dimensão Económica da Literacia em Portugal de 2009, Portugal revela níveis muito baixos em comparação com todos os países analisados para este estudo, no que concerne às competências de literacia. Também o *Programme for International Student Assessment* (PISA) demonstrou que os alunos adolescentes portugueses apresentavam igualmente estes níveis baixos no que respeitava às competências académicas na leitura, em comparação com outros países da Europa. Por outro lado, numa perspetiva mais positiva, em 2009, de acordo com um estudo realizado pelo OCDE, mostrou que Portugal surgiu em quarto

lugar entre os países que demonstraram mais progresso nas competências de leitura e nas iniciativas realizadas para promover precisamente este tipo de competências. Quanto ao contacto com as bibliotecas, nomeadamente as públicas/municipais, num estudo mencionado por Meireles (2020, p.127), esmagadora parte dos adolescentes da amostra afirmou não frequentar estas instituições, e também não participa em atividades de leitura, escrita ou apresentações de livros que são lançados ou promovidas pelas mesmas. Estas constatações podem ser justificadas pelo facto de que as novas tecnologias são mais utilizadas para realizar leituras, nomeadamente os dispositivos móveis como o telemóvel. Porém, mesmo estas leituras resumem-se a leituras que se encontram disponíveis nas redes sociais (Meireles, 2020, p.127). Também de acordo com o último relatório do INE de 2011 mencionado por Tomé e Bastos (2013), Neves (2010), Meireles (2022) e Morgado (2017), estas faixas etárias preferem atividades que envolvem estar com amigos, a prática do desporto, assistir a programas de televisão ou jogar videojogos. Estes gostos podem ser justificados pelo facto de que a prática da leitura é, segundo Meireles (2022, p.86), uma prática solitária, na qual os adolescentes poderão não sentir-se tão à vontade, uma vez que implica que estejam sozinhos.

Quanto ao tipo de leituras prediletas dos adolescentes, os mesmos apresentam interesse na leitura de jornais e revistas que estejam relacionados com temas juvenis, músicas, desportos, entre outros; também a literatura fantástica, as narrativas juvenis e obras *best-sellers* ou que são adaptadas para o cinema e campanhas publicitárias, como por exemplo, a série de filmes e livros de *Harry Potter* de *K. Rowling* (Zacarés, 2007, citado por Tomé & Bastos, 2013, p.105). No 3º ciclo demonstra-se maior interesse em bandas desenhadas e aventuras, e no ensino secundário os adolescentes aparentam revelar maior interesse em leituras mais próximas às dos jovens adultos e adultos, como os romances. Estes dados vão também de acordo com o que é analisado em estudos referidos por Meireles (2020).

Finalmente, Días-Plaja (2009) citada por Tomé e Bastos (2013, p.109), menciona que o tipo de leitura que os adolescentes praticam é denominada de “leitura vertical

hierarquizada”, a qual demonstra estar intrinsecamente ligada à escola, na qual o ato de ler é por recomendação ou obrigação dos professores, que tem vindo a criar uma associação mais negativa com a leitura. Esta mesma autora menciona também outro tipo de leitura, a “leitura horizontal”, que em contraste com a anterior, esta advém da partilha de leituras entre pares e da descoberta de leituras que são dos interesses próprios dos adolescentes.

Ora, é então necessário compreender que reforçar constantemente a importância da leitura não é suficiente para incentivar os adolescentes a criarem hábitos de leitura melhores, é preciso conhecer as motivações deste público. É evidente que é na escola que se dão a conhecer obras e autores diversos, bem como é o local onde se aprende a interpretá-las e a estudá-las, mas grande parte dos textos que são trabalhados não implicam os alunos, ou seja, não sentem que a realidade que estão a vivenciar se revela no que estão a ler. Tal como refere Gouveia (2009, p.50); “nem sempre é fácil tornar interessante a vida e o tempo do autor” para quem lê. É neste âmbito que os projetos de leitura têm potencial na promoção dos hábitos de leitura, tanto em contexto de leituras clássicas, como em contexto de leituras com abordagens diferentes, tais como são exemplo as oficinas de leitura, os clubes de leitura e/ou de livros e as comunidades de leitores. Silva (2012, p.77) destaca ainda a importância da relação próxima existente entre os familiares e os adolescentes para a formação de leitores, e por outro lado, a relevância do papel do professor na construção de uma “relação afetiva com a literatura” (Oliveira, 2010, p.34) pelos alunos.

Gouveia (2009, p.50) apresenta, por fim, o conceito de um “bom leitor adolescente”, como sendo aquele que lê com paixão e entusiasmo e que “assume que pode ler o que os adultos esperam que leia”. O que os estudos apresentam, porém, é que a maioria dos adolescentes são designados como leitores indiferentes, que leem quando têm que o fazer, mas preferem outras atividades e não demonstram interesse em frequentar as instituições que privilegiam o livro, como as bibliotecas.

A cultura dos *Influencers* na adolescência

Vimos anteriormente que um dos formatos favoritos de leitura dos adolescentes estava presente nas redes sociais, e por essa razão questionei-me se teria alguma relação com os atuais *digital influencers*, ou em português, influenciadores digitais. Sabe-se que a adolescência é um período de construção da própria identidade e dos próprios valores, uma fase em que se observa uma clara tentativa de cortar o cordão umbilical, digamos, com a família de origem, nomeadamente os pais, e nesse sentido surge a pergunta: podem os influenciadores digitais ter influência nos hábitos de leitura dos adolescentes? Tal como o próprio nome os designa, através das plataformas digitais, os influenciadores exercem influência nos seus seguidores (Moreira & Rios, 2016, p.8).

Normalmente estes influenciadores estão inseridos em redes sociais como o *Instagram*, o *Youtube* e, mais atualmente, o *Tik Tok*, e utilizam a sua visibilidade para fazer publicidade a marcas e/ou produtos. Eles têm também como foco a criação de conteúdo e com os seus seguidores são “capazes de influenciar a escolha dos consumidores” (Soares, 2020, p.30). Por fim, pode dizer-se que todos estes esforços são voltados para a conquista de atenção do máximo número de pessoas possível, que lhes dá a possibilidade de criarem a sua própria marca, que é posteriormente recompensada com produtos, experiências e mais visibilidade.

Os influenciadores digitais que hoje tanto são admirados, diferenciam-se da tradicional figura de celebridade, uma vez que se trata de indivíduos que partilham da mesma realidade, e talvez até rotina, que nós, como ,por exemplo, um vizinho ou colega de escola. Deixam de ser alguém inalcançável, para alguém por quem podemos com muita facilidade passar na rua sem dar pela sua presença, sem deixar de ser verdade que “fazem parte de um ideal de vida mostrado nas redes sociais.” (Moreira e Rios, 2016, p.9). Esta é a realidade que se observa em muitos outros países, e no que respeita a Portugal, podemos perceber que estes influenciadores

têm impacto na atividade dos adolescentes, nomeadamente na atividade de consumo, e também se tem vindo a demonstrar benéfico para as empresas (Soares, 2020, p.38).

Os influenciadores digitais têm vindo a desafiar os formatos de informação e publicidade nos meios de comunicação social, pois estes oferecem modos de interação e de linguagem mais acessíveis e dinâmicos, o que para um adolescente pode ser bastante atraente, no aspeto em que o seu ídolo permite criar um sentimento de proximidade maior. Como diz Jesus (2021, p.26), este é um “fenômeno social de escala global ou um marco determinante para novas gerações de jovens” para os convívios sociais e para os estilos de vida diversificados.

Especificamente quanto aos adolescentes, estes constituem o público de consumidores mais vulnerável, justificando-se precisamente por essa relação tão próxima com as tecnologias e plataformas digitais. Devido à necessidade de pertencer a um grupo, a sua presença nas redes sociais é um modo de se expressarem, exibirem e terem satisfação pessoal. Lima (2018, p.53) menciona Lipovetsky para explicar a importância dos ídolos para os jovens como “uma das primeiras maneiras de afirmar uma individualidade em relação ao seu meio familiar”. É então, através desta personagem que segue ativamente que inicia a formação das “primeiras formas de identidade individual e de grupo” (Lima, 2018, p.53), em que identifica uma oportunidade para criar uma representação de si mesmos, com a qual se identificam e que se querem identificar.

Os conteúdos apresentados por estes influenciadores digitais oferecem semelhanças na linguagem, oportunidades de interação, publicam em horários mais versáteis para o público e conseguem criar um sentimento de pertença e de proximidade nos seguidores. É graças a estas características que comunidades de *Booktokers* (Leitores do *Tik Tok*) ou *Booktubers* (Leitores do *Youtube*) têm ganho tanta notoriedade e até destaque nas atividades de mediação de informação nas bibliotecas (Oliveira, Santos Sundström, Santos & Prado, 2021, p.13). Estas comunidades

promovem os hábitos de leitura e o interesse pelos livros, até mesmo de pessoas que inicialmente não demonstraram motivações para lerem ou frequentarem locais de livros, favorecendo os acervos disponíveis nestas instituições. O estilo “exibicionista”, digamos assim, existente no conteúdo dos influenciadores digitais, promove uma certa popularidade aos livros e ao hábito de ler entre os adolescentes. Segundo Semington, Mora e Chiquito (2017, citados por Oliveira, Santos Sundström, Santos & Prado, 2021, p.18), as comunidades de influenciadores digitais têm permitido lidar com os níveis de alfabetização do século XXI, uma vez que abrem portas para novas formas de aprendizagem e descoberta de novos livros e obras. Apesar de a leitura ser, como também vimos anteriormente, uma atividade mais solitária, estas comunidades trazem uma nova perspectiva: a leitura como uma atividade participativa, que estimula a interação entre o leitor e o texto e também uma partilha multicultural sobre as experiências e até mesmo a aquisição de novos idiomas.

Em duas notícias redigidas pela revista Público, podemos dar conta deste impacto dos influenciadores digitais em Portugal. No artigo “YouTubers ainda fazem vender mais livros para jovens do que o *TikTok*”, vemos que, a Feira do Livro em Lisboa, tem tirado proveito da presença destes influenciadores para atrair mais público à feira. Por exemplo, em 2022 criou uma noite para influenciadores digitais promovida pelo grupo *Penguin Random House*, e este ano dinamizou um encontro de *Booktokers* para promover a leitura entre os jovens e introduziu um pavilhão do grupo LeYa que continha apenas os livros best-sellers e favoritos que são promovidos através das redes sociais. Noutro artigo, “Sérgio e Íris estão a criar uma nova geração de leitores no *Tik Tok* — um livro (e vídeo) de cada vez” (Neves, 2023), destaca-se a diversidade de leituras que os *Booktokers* promovem e realizam eles próprios, desde romances, fantasias, mistérios até às obras mais clássicas e os mais populares entre os jovens. Neste artigo notamos que se trata de dois jovens que procuram compartilhar as suas opiniões e experiências nas leituras que fazem, oferecendo uma visão jovial e realista, o que aproxima o público deste tipo de conteúdo. Marta Serra, diretora de comunicação da *Penguin Random House*, mencionada neste artigo, revela que estes

influenciadores não só compartilham novidades como também trazem uma nova vida aos livros mais antigos.

Esta é a realidade em que nós e os livros existimos atualmente, e por consequência, também as bibliotecas. Este tema revelou novamente a importância das bibliotecas se adaptarem às novas mudanças, nomeadamente as que envolvem as novas tecnologias, para atrair os jovens leitores. Estas comunidades inovadoras de leitores evidenciam o potencial das bibliotecas se estas apostarem nas ferramentas tecnológicas e digitais que têm à sua disposição e oferecerem um serviço mais dinâmico aos adolescentes das comunidades a que pertencem (Oliveira, Santos Sundström, Santos & Prado, 2021, p.20).

Os influenciadores digitais têm um impacto significativo nos hábitos de leitura dos adolescentes, à medida que se integram naturalmente na sua construção da identidade e dos seus valores, uma vez tratando-se de uma fase que se caracteriza pela busca por referências externas à família. Os influenciadores demonstram ter uma linguagem acessível e criam conteúdos atraentes a estas faixas etárias, e através das redes sociais estabelecem relações de proximidade com os seguidores, tanto de produtos para consumo, hábitos culturais como de hábitos de leitura. Como foi dito no parágrafo anterior, eles também revelam o potencial na mediação da leitura em espaços como a biblioteca. Iniciativas como as comunidades de *Booktokers* têm vindo a demonstrar uma utilização mais estratégica das plataformas digitais para promover a prática da leitura entre os adolescentes, por vias de apresentações mais apelativas e adaptadas ao contexto sociocultural de cada um. Este fenómeno tem vindo a provar que a leitura pode ser uma atividade participativa, colaborativa e até multicultural. Vimos exemplos práticos de como esta presença dos influenciadores digitais em eventos literários em Portugal ajudam a compreender e a adotar estas novas formas de abordagem aos hábitos de leitura e também a perceber o funcionamento da relação entre as redes sociais, os influenciadores e a literatura como meio de revitalizar o interesse dos adolescentes pela leitura e pelos livros. Finalmente, permitiu uma visão mais ampla das possibilidades de colaboração entre as bibliotecas

e os influenciadores digitais, de modo a atraírem mais público para as suas instalações.

O projeto

Apresentação e análise dos dados recolhidos

Neste ponto, procede-se à análise dos dados recolhidos, de modo a justificar o caminho que até aqui foi seguido para este trabalho de projeto. Inclui-se, portanto, a análise das conversas informais, a análise da entrevista e a caracterização dos acervos e serviços prestados pela biblioteca. A entrevista foi analisada por meio de um procedimento de análise de conteúdo e as conversas informais e observação direta foram analisadas através de uma reflexão em torno do conteúdo recolhido.

Estes dados permitiram definir as necessidades e a consequente intervenção, e são tidos em consideração em complemento com as leituras do enquadramento teórico. Finalmente, estes são elementos fundamentais para o passo final deste trabalho: proposta de atividades que visem dar resposta às necessidades identificadas.

Análise da entrevista

Neste ponto serão analisadas as informações recolhidas através da entrevista realizada junto de um antigo elemento do PNL, um contato adquirido por intermédio da orientadora deste trabalho de projeto, e com a duração de 30 minutos, pelo que se caracterizou como uma entrevista semi-diretiva, para a qual foi construído um guião com perguntas, apenas para orientar melhor o seguimento da conversa. Com esta entrevista teve-se por objetivos conhecer projetos realizados pelo PNL que fossem direcionados para o público adolescente, identificar os interesses literários destas faixas etárias e compreender a relação existente entre os adolescentes com a leitura.

A primeira questão colocada dizia respeito às práticas de leitura atuais dos adolescentes e dos jovens, e foi possível perceber que as mesmas são reduzidas, especialmente quando têm ligação com o contexto escolar e no âmbito do PNL, uma vez que as leituras propostas pelo Plano têm vindo a ser associadas com as leituras obrigatórias do currículo escolar: “eram reduzidas, muito no âmbito de um contexto de aprendizagem, em contexto da sala de aula, em contexto de algumas escolhas impostas pelos programas e pelos conteúdos curriculares (...) no âmbito já do Plano Nacional de Leitura, apercebi-me que havia algum distanciamento”. No seguimento desta questão, a entrevistada salientou ainda a questão das práticas de leitura digitais realizadas através das redes sociais: “ligados às práticas digitais são guiados por redes sociais, essa vontade é um bocadinho canalizada no âmbito de uma certa rede de influência face a um ecossistema ligado ao livro, à leitura”.

Quanto à procura de opções para ler, a entrevistada refere que os adolescentes e os jovens não têm o hábito de pesquisar as propostas de leitura do PNL, justificando-se novamente pela associação do Plano ao cenário escolar: “eles sabem que vão sair nos testes, vai sair no exame, mas não têm a prática de ir consultar os livros do PNL”.

Uma segunda questão colocada, dizia respeito aos interesses literários dos adolescentes, pelo que a entrevistada mencionou algumas das escolhas mais frequentes por estas faixas etárias, indo de encontro aos estilos de romance, aventura e mistério: “estou a pensar num *After*, numa *Colleen Hoover*, que eu diria que à partida eram uma leitura mais apetecível para um jovem já com 10º ou 11º ano”; destaca o pormenor de serem leituras autónomas, ou seja, uma escolha feita pela própria vontade e motivação: “esses livros não foram impostos pelos professores, eles escolheram-nos”; e referiu-se ainda a questão monetária como fator para selecionar estilos literários específicos: “muitos deles leem em inglês, segundo me disseram, porque é mais barato”.

No âmbito da importância da Biblioteca Pública nos hábitos de leitura, a entrevistada refere o papel destas quanto à sua capacidade de dar resposta às necessidades literárias destes jovens, mesmo quanto à questão financeira: “num país em que o poder de compra é tão reduzido, as bibliotecas municipais têm aqui um papel muito, muito importante, na promoção do livro, em todas as camadas etárias”. Também se refere que as Bibliotecas Públicas beneficiam mais se disponibilizarem materiais que sejam dos interesses dos adolescentes, nomeadamente livros que os motivam em vir procurá-los: “ir presencialmente as bibliotecas só faz sentido se houver livros que os interessem (...) não porque estão à procura de um espaço, mas porque desejam ler aquele livro específico”.

Quanto à questão dos influenciadores digitais e o seu impacto nos adolescentes, relativamente aos hábitos de leitura, a entrevistada refere o resultado de um projeto que os engloba e os benefícios da sua presença na vida dos jovens e nas bibliotecas municipais: “no PNL com um projeto que envolvia (...) uma série de influenciadores digitais (...), agregados as bibliotecas municipais, não é, e que fariam uma espécie de tutoria a um clube de leitura (...) as bibliotecas municipais têm vontade, não excluem estas pessoas, querem trabalhar com elas, porque vêem que os jovens ouvem essas pessoas, ouvem mais do que os professores”. Menciona também o impacto que as tecnologias digitais, nomeadamente as redes sociais pode ter nos hábitos de leitura e de idas às Bibliotecas Públicas: “e muitas vezes o interesse dela pelos livros é influenciado pelo “tiktok”, por exemplo, o que mostra que a atração pela tecnologia pode ser um fator determinante para incentivar os jovens a frequentarem as bibliotecas”; e que estas plataformas podem auxiliar no estabelecimento de uma relação mais forte entre os adolescentes e as bibliotecas: “que acaba por ser o mediador biblioteca-aluno, e, para contornar a conotação negativa associada a escola é essencial usar plataformas que eles também usam para incentivá-los a frequentarem as bibliotecas”. Finalmente, a entrevistada reforça um dos motivos que faz com que os adolescentes se sintam mais atraídos pelos conteúdos dos influenciadores digitais, exemplificando com a prática dos vídeos em tempo real nas

65

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

redes sociais: “Eles gostam da genuinidade do direto, porque estão a ouvir e a ver em tempo real e podem intervir na conversa para partilhar as suas opiniões”.

Sintetizando os dados obtidos através desta análise do conteúdo da entrevista realizada a uma ex-técnica do PNL, pode-se confirmar os aspetos que foram aprofundados no enquadramento teórico. Por um lado, verificou-se que as práticas de leitura eram sentidas como muito limitadas a contextos de aprendizagem, e as escolhas dos materiais de leitura eram reduzidas ao que era imposto pelos programas e conteúdos curriculares, tendo talvez por consequência um distanciamento das propostas do PNL, de acordo com os estudos que a entrevistada referiu e que foram realizados com alunos que rondavam a faixa etária dos 13 anos, sendo estas propostas associadas ao contexto escolar. Percebeu-se que os hábitos de leitura têm vindo a ser influenciados às práticas digitais e às redes sociais, que de acordo com um estudo da APL, estas plataformas incentivaram a um aumento significativo na compra de livros em Portugal, pelas faixas etárias que compreendem dos 15 aos 30 anos de idade.

Ficou também esclarecido que o PNL apenas faz propostas de listas de leituras, as quais são posteriormente impostas nas escolas por intermédio da educação literária, uma vez que muitas vezes essas listas coincidem com obras que têm o selo “Ler Mais”. Apesar disso, a entrevistada manifesta que os alunos raramente consultam o portal do PNL para pesquisar obras literárias dos seus interesses.

No que dizia respeito aos interesses literários dos adolescentes, a entrevistada chegou a mencionar a iniciativa “Miúdos a Votos” inserida na Rede de Bibliotecas Escolares, na qual são tidas em conta as opiniões de crianças e jovens relativamente às obras literárias que mais gostam ou pelas quais manifestam maior interesse, e aqui a entrevistada chegou a referir dois exemplos de livros que vão de encontro aos estilos literários que as leituras do enquadramento teórico referiram ser os mais comuns entre os adolescentes: romance, mistério e aventura.

66

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Quanto à questão das Bibliotecas Públicas ou Municipais, a entrevistada enfatizou o papel destas instituições como sendo importantes no que diz respeito ao acesso a livros que, de outra maneira, por questões financeiras, muitos adolescentes não conseguiriam ter acesso. Dessa maneira, as Bibliotecas Públicas oferecem oportunidades similares mesmo a públicos mais desfavorecidos e contribui para o aumento dos hábitos de leitura na população. Outra maneira das Bibliotecas Públicas servirem ativamente as necessidades das comunidades, de acordo com a entrevistada, é por providenciarem acesso às novas tecnologias, isto é, quando as mesmas dispõem desses mesmos dispositivos, o que também pode contribuir para uma maior afluência de público jovem nas suas instalações. Menciona também a importância de as Bibliotecas Públicas disponibilizarem e adquirirem obras que vão, de facto, de encontro aos gostos dos adolescentes e fazê-lo de formas dinâmicas e inovadoras, com o intuito de estes se identificarem com o que leem e conseguirem transportar essas leituras para as suas realidades.

Finalmente, a entrevistada refere o papel dos influenciadores digitais como promotores de hábitos de leitura nos adolescentes, mencionando um projeto do PNL que convidou vários influenciadores para algumas Bibliotecas Municipais, nas quais exerciam tutoria ou dinamizaram os clubes de leitura. A entrevistada reconhece a influência destes personagens das novas redes sociais, especialmente devido à sua linguagem acessível e atrativa para os adolescentes que, por sua vez, demonstram mais interesse em escutar do que aos próprios professores. Nesta fase, a entrevistada chega a referir os influenciadores de livros, que se centram em partilhar as suas experiências durante a leitura de uma obra. Termina-se este tema por afirmar que é crucial oferecer atividades e experiências que os permitam envolver-se ativamente, poderem expressar as suas opiniões e sentimentos e permitir que possam descobrir por si próprios o caminho que pretendem percorrer através dessas mesmas experiências.

Análise das conversas informais

Através das conversas informais realizadas com alguns elementos da equipa técnica da biblioteca e alguns adolescentes do círculo social da autora deste trabalho de projeto, pretendeu-se obter uma apreciação global acerca do funcionamento da biblioteca, da relação dos adolescentes com as bibliotecas públicas no geral e compreender quais eram as necessidades e dificuldades da biblioteca.

Nas conversas informais com as técnicas da biblioteca, foi possível conhecer a realidade existente nos seus espaços. Percebeu-se então, que não existia nenhum projeto dedicado aos jovens que correspondiam às faixas etárias dos 13 aos 20 anos de idade, justificando-se assim a escolha do público adolescente como público-alvo do presente trabalho. Confirmou-se ainda que as visitas destes jovens à biblioteca eram feitas apenas por motivos escolares, nomeadamente os jovens que se encontravam em contextos académicos para realização de trabalhos, ou em contexto de visitas organizadas e orientadas pelas escolas. Uma das técnicas revelou que os adolescentes, nas suas visitas à biblioteca, demonstravam não saber ou não estarem certos daquilo que procuravam, o que dificulta, por vezes, o próprio trabalho dos funcionários da biblioteca para os poderem ajudar.

Numa das conversas informais que se concretizou durante a primeira visita guiada aos acervos da biblioteca, foi possível conhecer a equipa técnica de comunicação, e nesse momento foram trocadas algumas palavras com uma das técnicas responsáveis por projetos lançados na rede social da biblioteca, o que permitiu ficar a perceber que a biblioteca é ativa nas redes sociais e estabelece interações com os utilizadores através desses meios digitais. Porém, numa outra conversa com um dos técnicos presentes na secção das leituras de jovens e de adultos, ficou claro que a biblioteca não dispõe de um catálogo digital com os seus materiais, limitando-se ao formato físico na pesquisa dos mesmos. A par desta situação, na secção de leituras infantojuvenis, os dispositivos tecnológicos, no caso os computadores disponíveis, não se encontram em funcionamento. Tendo em conta estes vários aspetos, e de

modo a dar proveito apenas aos recursos materiais disponíveis na instituição do estudo, qualquer proposta que envolvesse a aquisição ou compra de dispositivos tecnológicos, foi descartada das hipóteses.

Num panorama geral, nas visitas compreendeu-se que a biblioteca demonstra bastante vontade e interesse em ser ativa no meio da comunidade em que se insere, apresentando um leque vasto de projetos e iniciativas, tanto em parceria com as escolas, como junto das famílias e das crianças, e junto do público idoso. A biblioteca apresenta vários espaços dedicados a todos estes públicos, bem como de espaços dedicados ao desenvolvimento de atividades recreativas que vão tendo lugar ao longo da semana. O maior nível de afluência acontece aos sábados, o que fará sentido uma vez que os projetos que envolvem as famílias decorrem, nomeadamente, aos fins de semana. Confirmou-se que a presença dos adolescentes é fraca, indo de encontro ao que dizem os autores referenciados no enquadramento teórico deste trabalho. Também se verificou uma certa dificuldade em conseguir encontrar um projeto ou uma atividade que atraia esta faixa etária para a biblioteca. Por outro lado, também se verifica uma limitação nas idades máximas dos projetos desenvolvidos com os animadores e com os técnicos da biblioteca, bem como pouco aproveitamento do espaço na secção dedicada aos jovens, muito disso devido aos limites impostos pelos recursos financeiros. Finalmente, e também em harmonia com as leituras realizadas, os adolescentes que frequentam a biblioteca, vão em contexto escolar e raramente procuram ir sozinhos, existindo a necessidade de estarem reunidos com os seus pares para a realização dessas mesmas visitas.

Nas conversas informais realizadas junto de três adolescentes que se encontravam dentro das idades em estudo, questionou-se se costumavam frequentar a biblioteca e porquê, se haveria algo que os pudesse cativar para irem às bibliotecas municipais das suas zonas de residência, e se haveria algum tema que gostassem de ver ser abordado nos espaços da biblioteca ou nas redes sociais, relacionado com leitura. As respostas obtidas foram bastante semelhantes: não frequentam bibliotecas

municipais, apenas as bibliotecas escolares quando necessitam de fazer algum trabalho de grupo, requisitar algum livro de leitura obrigatória ou apenas quando necessitam de um espaço tranquilo para estarem com os seus pares. Referiram não haver nada nas bibliotecas municipais que os cativasse, associando estas às obrigações escolares, e quando questionados acerca de um tema que gostassem de ver ser desenvolvido nestas instituições, demonstraram hesitação e confusão, não tendo quaisquer sugestões. Com uma destas adolescentes, porém, a conversa avançou um pouco mais e foi-lhe colocada a questão que envolvia as redes sociais e espaços para debate ou criação de conteúdo. Nesta questão, a adolescente revelou que seria interessante existir um espaço de partilha, mas que poderia não resultar com adolescentes mais tímidos e introvertidos que pudessem hesitar com a possibilidade de se exporem ou exporem as suas ideias numa rede social.

Análise documental do relatório de 2022 da Biblioteca Pública

No que diz respeito à técnica de análise documental, solicitou-se quaisquer relatórios recentes que existissem com o objetivo de compreender e conhecer melhor a gama de atividades desenvolvidas pela biblioteca.

Nesse sentido, verificou-se a existência de várias atividades e bastante diversificadas: encontros com escritores, concursos, animação sociocultural, leituras encenadas, comemoração de efemérides e ateliês. Por curiosidade, verificou-se também que o público juvenil/adulto foi o que apresentou o maior número de utilizadores dos dispositivos tecnológicos disponíveis na biblioteca. Quanto aos projetos realizados em plataformas digitais da biblioteca, destacam-se as sugestões pontuais de leituras e partilhas de conteúdo literário.

Sistematização do diagnóstico

70

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Neste ponto, realiza-se uma sistematização dos dados que foram apresentados até aqui, com o objetivo de identificar os principais problemas que existem em cada uma das dimensões analisadas, e desse modo hierarquizar por prioridades os pontos de intervenção. Segundo as palavras de Guerra (2002), a seleção dessas prioridades, convém ser “realizada por comparação e tendo em vista, geralmente, dois critérios de base: a dimensão e a natureza do problema e o carácter reprodutivo que assume”.

Apesar de, no decorrer da recolha de dados, terem sido identificadas várias questões ou necessidades, apenas foram selecionadas aquelas que vão de acordo com a problemática deste trabalho de projeto. Outros conteúdos que possam ser mencionados, poderão servir para enfatizar a pertinência e objetivo deste trabalho.

No âmbito da relação dos adolescentes com a biblioteca e os seus respetivos hábitos de leitura, os principais problemas centraram-se no domínio da fragilidade encontrada ao nível de oferta de projetos dedicados à faixa etária compreendida entre os 13 e os 17 anos de idade. Através da entrevista realizada, da análise da metodologia e funcionamento e da reflexão das conversas informais, foi possível identificar dificuldades quanto ao papel da biblioteca, à oferta de projetos, na tentativa de comunicação com o público-alvo pretendido e na perspetiva que este público apresenta da própria instituição.

No que concerne à oferta de projetos, verificou-se que a inexistência de um projeto dedicado ao público adolescente poderá estar a interferir nas questões relacionadas à adesão nas atividades da biblioteca por parte destes potenciais utilizadores. Por outro lado, a falta de interesse e a associação da biblioteca como mais um local de cumprimento de obrigações escolares também causa desmotivação nos adolescentes, não desconsiderando o desinteresse nas atividades relacionadas à própria leitura de livros, que tem vindo a destacar-se como um problema geral destas faixas etárias.

Outro problema identificado, relaciona-se com a escassa disponibilidade de dispositivos tecnológicos na biblioteca, e como se pôde perceber em determinado momento da entrevista realizada, a existência de materiais tecnológicos que funcionem bem ou outros recursos digitais, podem ser um fator atrativo para os adolescentes visitarem os espaços da biblioteca. Porém, este problema está diretamente relacionado com as limitações financeiras da biblioteca, uma vez que estas instituições públicas, como vimos no enquadramento teórico, estão grande parte pendentes das organizações políticas da comunidade em que se inserem.

Finalmente, uma última questão encontrada, que surge através da análise das conversas informais com os adolescentes e com a análise de conteúdos da entrevista, está associada com o desconhecimento dos interesses dos próprios adolescentes, em que eles próprios demonstram ter alguma dificuldade em perceber o que os cativa quanto a temas literários e uma falha em escutá-los e falar com eles, pelo que se torna crucial conhecer e compreender o que tem mais cativado este público no seu dia a dia.

Definição de estratégias e atividades do projeto

Após a identificação dos principais problemas encontrados por meio do diagnóstico de situação, foi possível estabelecer estratégias de ação e atividades de acordo com os objetivos definidos e com os recursos disponíveis. De acordo com a metodologia de projeto abordada por Isabel Guerra (2002) “uma vez elaborado o diagnóstico e hierarquizadas as necessidades de intervenção (...) e após definidos os objetivos, é necessário analisar as formas de os atingir” (Guerra, 2002, p.163). Assim, é agora o momento em que delineamos as linhas que conduzem para a ação, possibilitando dar resposta às necessidades e fragilidades identificadas previamente. Para a definição destas soluções, são consideradas as referências teóricas, os objetivos e a problemática do projeto, que auxiliam na “elaboração de um pensamento diretor em

torno do qual se estruturam de forma mais ou menos coerente, as decisões fundamentais” (Guerra, 2002, p.167).

Estas propostas podem ser compreendidas como meios que ajudam a ir ao encontro da situação desejada para a realidade que se estudou. Essas propostas têm em consideração os recursos existentes e os seus limites de ação, de modo a atender aos cenários e às características próprias da instituição em que se desenvolve o projeto. Os critérios de definição de estratégias e atividades devem estar, de acordo com Guerra (2002, p.168), relacionados com as políticas próprias da instituição, com os seus objetivos e recursos. Assim, de modo a tornar mais fácil a leitura das estratégias e atividades desenvolvidas, seguem-se o Quadro 1 e o Quadro 2, cada um com as suas respetivas descrições e especificações redigidas.

Uma vez que neste projeto consideramos o papel dos bibliotecários como importante para um bom funcionamento dos serviços da biblioteca pública e de acordo com as observações realizadas nas visitas à biblioteca, com a conversas informais que decorreram tanto com técnicos da instituição bem como com adolescentes e jovens que frequentam ou já frequentaram os seus serviços, considerou-se necessário desenvolver algumas estratégias para melhorar a experiência dos utilizadores e com vista a criar uma relação mais sustentável entre estes e os bibliotecários e técnicos da biblioteca. Apesar de o público-alvo central deste trabalho de projeto serem os adolescentes, também se verificou a presença de estudantes académicos nos acervos da instituição ao mesmo tempo que se identificou uma falha nos apoios à pesquisa dos estudantes (adolescentes e em idade académica). Assim, desenvolveu-se algumas propostas de soluções (Quadro 1) para este problema.

A primeira proposta centra-se especificamente no apoio à pesquisa académica, mas também escolar, com o objetivo de capacitar os bibliotecários no que diz respeito a um apoio/suporte mais eficaz aos estudantes. Propõe-se a realização de *workshops* que ensinam os estudantes a utilizarem plataformas de pesquisa para a realização dos seus trabalhos, a criação de serviços personalizados de apoio à pesquisa e de

gestão de bibliografia na biblioteca, bem como a criação de um guia de publicação académica. Os conteúdos a abordar passam pelo conhecimento de técnicas de estruturação de pesquisas científicas, definição de problemas e organização e estruturação de trabalhos escritos; dar a conhecer e abordar a utilização de ferramentas e bases de dados, tais como o *Scopus*, *PubMed*, *Web of Science* e *Google Scholar*; ensinar as técnicas de gestão de referências bibliográficas e dar a conhecer plataformas de auxílio à organização e formatação de bibliografia, como o *Zotero*, *Mendeley* e o *EndNote*. dar assistência à criação e manutenção de perfis de autor de modo a ajudar os estudantes a consolidarem a informação produzida para os trabalhos, utilizando plataformas como o ORCID, *Google Scholar* e *ResearchGate*; fornecer apoio à publicação académica, nomeadamente dar orientações acerca dos processos de submissão de trabalhos, artigos e publicações, e abordar a ética nas práticas de pesquisa, tal como os modos de citação correta e sensibilização contra o plágio; e finalmente dar a conhecer as plataformas de acesso aberto e repositórios institucionais, que permitem a partilha dos trabalhos realizados. Esta proposta considera-se indicada para estudantes que se encontram no Ensino Secundário (10º, 11º e 12º ano) e para estudantes do Ensino Superior. Espera-se que os bibliotecários consigam prestar mais apoio aos processos de pesquisa dos estudantes, por facilitarem o acesso a estas técnicas e ferramentas cruciais para o sucesso escolar e académico dos usuários.

A segunda proposta recai sobre as inovações tecnológicas, caracterizada pelo objetivo de integrar as tecnologias na biblioteca para melhorar a sua gestão e os seus serviços. As estratégias e atividades fornecidas para esta proposta contam com a criação de exposições virtuais e sessões de formação sobre as novas tecnologias, bem como a adoção de dispositivos de Inteligência Artificial (IA) e aplicativos móveis (apps) nos serviços bibliotecários. Os conteúdos a serem abordados contam com a aprendizagem de utilização dos sistemas automáticos para empréstimos, devoluções e inventário; utilização da IA para catalogar automaticamente os materiais disponíveis na biblioteca, fazer recomendações personalizadas de leitura, *chatbots* para tornar o

atendimento aos utilizadores mais dinâmico, e também para análise de dados de uso da biblioteca, ou seja, finalidades estatística; a utilização de tecnologias como a Realidade Virtual ou Realidade Aumentada (RV/RA) para criar experiências interativas com a biblioteca, tal como as exposições virtuais e guias de biblioteca. Esta proposta é indicada para os próprios funcionários da biblioteca, beneficiando de ações de formação que abordam estas questões, e para os utilizadores que têm práticas digitais ativas no seu quotidiano. É esperado que os bibliotecários se tornem mais familiarizados com as inovações tecnológicas e aptos para integrar este tipo de soluções no seu serviço de modo eficiente e, conseqüentemente, enriquecer a oferta da biblioteca.

A terceira proposta denomina-se de Literacia Mediática e Combate à Desinformação, e tem por objetivo capacitar os bibliotecários a fornecerem suporte aos utilizadores na sua navegação pelas plataformas digitais de modo consciente e ético. Propõe-se a criação de oficinas de *fact-checking*, com a utilização de casos reais de notícias falsas, campanhas de literacia mediática nas redes sociais com dicas curtas e simples de identificação de informação fraudulenta, eventos virtuais e presenciais com a colaboração de especialistas em jornalismo e *media*, clubes de debate sobre estes temas atuais em que se explore o impacto destas questões na vida das pessoas, e a conceção de guias digitais e físicos contra a desinformação. Esta proposta aborda e temas como as técnicas eficazes para identificar e denunciar notícias falsas, conteúdos manipulados e fontes de informação fraudulentas; conhecer ferramentas e técnicas de verificação de factos, tais como *PolitiFact*, *Snopes*, *Google Reverse Image Search* e *FactCheck.org*, de modo a que os utilizadores se tornem capazes de verificar a veracidade dos conteúdos que consomem; estratégias para discernir as fontes de informação, avaliar a qualidade e imparcialidade dos conteúdos e modos de utilizar as plataformas digitais com mais precaução; fomentar o sentido crítico relativamente aos conteúdos disponíveis nas redes sociais e serem capazes de refletir sobre a sua utilidade na vida; e finalmente analisar o papel das redes sociais quanto à disseminação de desinformação. É esperado que os bibliotecários se tornem

aptos para mediar situações de literacia mediática, e que os utilizadores consigam questionar e refletir sobre todo o tipo de informação com que são confrontados diariamente. Esta proposta é indicada para os bibliotecários e para os adolescentes e jovens que hoje são mais ativos nas redes sociais, pelo que se pode aproveitar os próprios espaços da biblioteca para garantir as atividades ou colaborar com as escolas locais.

A quarta e última proposta que é indicada no Quadro 1, foca-se no atendimento e serviço aos utilizadores, tendo por objetivo melhorar as competências de comunicação e interação dos bibliotecários com os utilizadores. As estratégias contam com formações contínuas em atendimento ao público, realizando-se sessões de formação interna que abordem questões de comunicação interpessoal; pesquisas de satisfação regulares, de modo a recolher a opinião dos utilizadores sobre os serviços prestados pela biblioteca durante as suas visitas e um sistema de reservas para consultas individuais, de modo que os utilizadores possam agendar sessões de atendimento personalizado para as suas pesquisas. Nesta proposta pretende-se que sejam abordadas técnicas e estratégias para fornecer um atendimento de maior qualidade aos utilizadores; ferramentas de gestão e mediação de conflitos, para melhorar a dinâmica da equipa da biblioteca e também a relação com os utilizadores, seja por desentendimentos ou reclamações; temas como a inclusão e a diversidade, ou seja, abordar estratégias de atendimento inclusivo para todo o tipo de utilizadores e competências de comunicação interpessoal. Espera-se com esta proposta que os bibliotecários sejam capacitados para oferecer um melhor serviço, com fim a atender todo um leque de perfis de utilizadores, que sejam mais capazes para a resolução de problemas e de conflitos e focados em melhorar de forma contínua o serviço oferecido pela biblioteca. Esta proposta é especialmente indicada para a equipa técnica da biblioteca.

Quadro 1 - Estratégias e atividades para otimização do serviço prestado pelos bibliotecários:

76

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Eixo	Objetivos	Conteúdos	Estratégias/ Atividades	Recursos
Apoio à Pesquisa Académica	Capacitar os bibliotecários na oferta de um suporte eficaz a investigadores e estudantes	Metodologias, técnicas e ferramentas de pesquisa; Apoio aos trabalhos académicos.	<i>Workshops</i> sobre ferramentas de pesquisa e gestão de referências bibliográficas; Serviços de apoio personalizado à pesquisa; Guia de publicação académica.	
Bibliotecas e Inovação Tecnológica	Explorar novas tecnologias para integrar nas bibliotecas para otimizar a gestão e os serviços.	Automação de processos bibliotecários; IA e RV; Bibliotecas móveis e apps.	Exposições virtuais; Sessões de formação sobre as novas tecnologias.	Câmaras e equipamentos de gravação; Softwares de Edição; Plataformas de divulgação.
Literacia Mediática e Combate à Desinformação	Capacitar os bibliotecários para darem apoio aos usuários contra a desinformação digital.	Desinformação e <i>fact-checking</i> ; Promoção da literacia mediática; Formação do senso crítico para	Oficinas de <i>fact-checking</i> ; Guia prático de literacia mediática; Clube de debate contra <i>fake-news</i> .	

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

		a utilização das redes sociais.		
Atendimento e Serviço ao Usuário	Melhorar as competências de comunicação e interação entre bibliotecários e utilizadores	Técnicas de atendimento ao público; Gestão de conflitos e comunicação interpessoal; Inclusão e diversidade; Satisfação dos utilizadores.	Sessões de formação de atendimento ao público; Dispositivos de satisfação/avaliação; Sessão de consultas individuais e personalizadas com os utilizadores.	

No que respeita às propostas para cativar os adolescentes a visitarem a biblioteca, a interagirem mais com os seus serviços e a ganharem hábitos de leitura mais regulares, no Quadro 2 apresentam-se estratégias e atividades que contam com a colaboração de influenciadores digitais apreciados pelo público jovem. Neste sentido, um dos pontos essenciais para proceder à elaboração dessas atividades, é conseguir parcerias com as figuras públicas para promover os eventos culturais e educativos que decorrerem por iniciativa da biblioteca, utilizando a popularidade destes influenciadores para atrair mais adolescentes. Para tal, inicialmente é necessário escolher influenciadores que já criam conteúdo dedicado à literatura e à prática da leitura, de preferência portugueses, sendo exemplo disso Maria João Faria (@mjreads_), Sérgio Alves (@itsergioalvesbooks), Íris Bicho (@irisbicho) e Mariana Mousinho (@marianacmousinho), entre outros, e convidá-los para participarem nos eventos ou atividades, tais como lançamentos de livros, sessões de leitura mediada ou *workshops*. Desse modo, eles podem proceder às transmissões ao vivo

(*streaming*) das atividades, publicarem esses acontecimentos nas suas redes sociais, promovendo as dinâmicas que sucedem nos eventos. A biblioteca poderá ainda optar pelo caminho de convidar esses influenciadores para se tornarem embaixadores da biblioteca, oferecendo-lhes *kits* que contém materiais exclusivos dos serviços da biblioteca, tais como livros, folhetos, o acesso digital a serviços especiais, com o objetivo de os influenciadores conseguirem promover da melhor forma possível as ofertas da instituição. Também providenciar materiais gráficos e informativos como *banners*, logotipos e guias visuais pode auxiliar na criação de conteúdo com foco na biblioteca e mais uma vez fornecer acesso especial aos influenciadores a eventos, *tours* pelos acervos ou até mesmo encontros com autores.

Uma vez estabelecida a relação com os influenciadores, é então possível colocar em prática as estratégias indicadas no Quadro 2. Assim, a primeira proposta conta com sessões de *Booktalk* (presenciais ou digitais), criação de clubes de livro digitais; conceção de campanhas de leitura nas redes sociais; sessões de debate e leituras mediadas. Nos *Booktalk* os influenciadores podem, junto dos participantes, conversar acerca das suas leituras favoritas, fazer resenhas e discutir sobre obras populares, podendo ser realizados presencialmente ou através das redes sociais; os clubes do livro, mediados pelos influenciadores digitais, permitem que os participantes possam entrar numa discussão em tempo real, ou não, acerca de livros que estão a ser lidos e promovidos livros disponíveis na biblioteca, podendo dar destaque mensal a obras selecionadas pelo influenciador nas suas redes sociais; as campanhas de leitura podem ser digitais, e podem partir da criação de *hashtags*, com a qual os influenciadores e os adolescentes podem partilhar as leituras que estão a realizar com outros e que podem ser encontradas na biblioteca e adquiridos por empréstimo; a leitura mediada com a participação de influenciadores digitais propõe envolver estas figuras na leitura em voz alta dos livros, junto da equipa de animação sociocultural da biblioteca, e pode ser transmitido por *streaming* nas redes sociais ou como evento presencial na biblioteca, nas escolas ou em espaços comunitários. Estas propostas têm por objetivos estimular o interesse dos adolescentes pela leitura, incentivar à

leitura colaborativa, cultivar o espírito crítico, promover o hábito da leitura e aproximar os adolescentes dos influenciadores, por meio de associação dos estilos de vida com a leitura.

A segunda proposta inclui *workshops* de escrita e produção de conteúdo digital e concursos de criação de conteúdos. Nestes *workshops* são organizadas sessões nas quais, com a participação dos influenciadores, os participantes são convidados a aprender técnicas de redigir artigos de opinião, a criar *blogs* literários e a produzir conteúdos de imagem, vídeo e voz (*podcasts*) dentro do tema da leitura. Esta atividade também pode ser realizada na biblioteca, em escolas e nas redes sociais, por meio de publicações com dicas, sugestões e tutoriais; os concursos de criação de conteúdos, também intitulados de *Bookstagram*, *Booktok* e *Booktrailers* convidam e incentivam os adolescentes a criarem os seus próprios conteúdos literários a fim de conseguirem destacar-se pela sua criatividade e partilharem nas redes sociais utilizando, novamente, um *hashtag*. Estas propostas têm por objetivos estimular a criatividade, promover a leitura e desenvolver competências de escrita.

Na terceira proposta considerou-se a organização de encontros literários com autores e influenciadores digitais, um *rally* de leituras (digital ou presencial), desafios literários e sessões de partilha ou debate. Nos encontros literários, de preferência presenciais, pode ser considerada apenas a presença de um influenciador digital ou de um autor de livros juntamente com um influenciador, em cujas sessões se pode incluir sessão de autógrafos, debates sobre as obras literárias em causa e também uma sessão de perguntas e respostas; o *rally* de leituras assemelha-se a uma caça ao tesouro, no qual são criadas pistas ou tarefas (ler uma página específica de um livros, responder a uma pergunta/adivinha ou redigir uma opinião) que estão diretamente relacionadas com os livros disponíveis na bibliotecas, que vão sendo compartilhadas através das redes sociais dos influenciadores, e desse modo incentiva-se os participantes a explorarem os acervos da biblioteca e a explorarem diferentes géneros literários que por autonomia não escolheriam; nos desafios literários, tanto a biblioteca como os influenciadores propõem um desafio aos adolescentes, incentivando-os a

80

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

completarem metas (por exemplo, ler determinando número de livros em determinado tempo ou escolher um gênero literário diferente do que se costuma ler), e criar momentos de interação com os influenciadores; finalmente, as sessões de partilha e de debate, contam com a partilha de listas pessoais de objetivos de leitura ou leituras realizadas que estão disponíveis na biblioteca, pelos influenciadores, e incentivando a que os adolescentes também façam essa partilha e deem sugestões de leituras que podem encontrar na instituição.

Promover transformações nas instituições pode ser um desafio, e no decorrer deste trabalho foram encontrados alguns obstáculos, tanto na obtenção de informação, na conceção de ideias e estratégias para solucionar os problemas, a sensação de não saber que caminho seguir e até mesmo na elaboração do diagnóstico perceber o exato funcionamento da instituição e os seus limites.

Quadro 2 - Estratégias e atividades para os adolescentes com colaboração de influenciadores digitais:

Objetivos	Conteúdos	Estratégias/Atividades	Recursos
<p>Incentivar a leitura em grupo e fomentar o pensamento crítico;</p> <p>Promover o interesse pela leitura;</p> <p>Promover os hábitos de leitura.</p>	<p>Mediação de leitura;</p> <p>Livros, filmes e obras populares;</p> <p>Experiências de vida;</p> <p>Leituras/obras do PNL;</p>	<p>Sessões de <i>Booktalk</i>: presencial ou digital.</p> <p>Clube de livro digital;</p> <p>Campanhas de leitura nas redes sociais;</p> <p>Sessões de debate;</p> <p>Leituras mediadas com a participação</p>	<p>Plataformas de videoconferência: Zoom, Microsoft Teams, Google Meet, Discord;</p> <p>Redes sociais com ferramentas de Streaming: Instagram, TikTok, Facebook, YouTube;</p> <p>Recursos de leitura: livros físicos, e-books, audiobooks;</p>

		de influenciadores digitais.	Redes sociais e blogues da biblioteca.
Desenvolver as competências de escrita e de criatividade; Promover a relação entre a literatura e o digital.	Competências de escrita; Pensamento crítico; Criatividade para produção de conteúdo.	Workshops de escrita e produção de conteúdo digital; Concursos de criação de conteúdos.	Salas com equipamentos multimédia; Dispositivos tecnológicos: Computadores, telemóveis, tablets; Programas de Edição Digital: <i>Adobe Premiere, iMovie, DaVinci Resolve, Audacity, Adobe Audition.</i> Redes sociais com ferramentas de edição criativa: <i>TikTok, Instagram.</i> Materiais de escrita; Bibliografia de apoio: livros, artigos e outros recursos literários;
Estimular o interesse pela leitura; Criar proximidade entre os adolescentes e os autores e influenciadores;	Serviços prestados pela biblioteca; Diversidade de géneros literários	Encontros literários com autores e influenciadores digitais; Rally de Leituras (digital ou presencial);	Redes sociais com ferramentas de Streaming: <i>Instagram, TikTok, Facebook, YouTube;</i> Moderadores/Mediadores de sessão;

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

<p>Incentivar visitas mais frequentes à biblioteca;</p> <p>Promover os serviços da biblioteca.</p>		<p>Desafios literários promovidos pelos influenciadores digitais;</p> <p>Sessões de partilha de listas de livros disponíveis na biblioteca.</p>	<p>Recursos de divulgação: publicações digitais ou folhetos e cartazes físicos; Redes sociais da biblioteca;</p> <p>Materiais Gráficos: <i>Canva</i> ou <i>Photoshop</i>;</p> <p>Catálogos de livros disponíveis;</p> <p>Prémios e brindes;</p> <p>Ferramentas de guia: planilhas ou apps que monitorizem o progresso dos participantes (<i>Google Sheets</i>, <i>Goodreads</i>)</p>
--	--	---	--

Ferramentas de avaliação

De modo a conseguir ter uma visão clara dos resultados obtidos com a concretização das estratégias e atividades propostas, é imperativo existirem ferramentas que permitam avaliar o sucesso ou insucesso do projeto.

Na primeira vertente, que consiste em estratégias e atividades que melhoram e diversificam o serviço prestado pelos técnicos da biblioteca para os utilizadores, há a intenção de criar uma relação de maior proximidade entre bibliotecário-utilizador. Parte-se do princípio de que uma biblioteca melhor preparada, acolhedora e capaz de atender às necessidades de cada utilizador que comparece nas instalações, abre

83

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

portas para visitas mais regulares, uma vez que fornece mais autonomia ao indivíduo para utilizar os serviços disponíveis. No caso estudado, tratando-se de uma biblioteca municipal, que se enquadra numa comunidade específica, essas mesmas visitas regulares e o seu respetivo aumento, poderá ser por si só um indicador de sucesso ou insucesso do projeto, pois o retorno mais frequente dos utilizadores permite refletir acerca da relação que estes criaram com a biblioteca. Esta estratégia pode ser então um meio de avaliação menos formal, dado que se baseia na observação e reconhecimento dos visitantes pertencentes à comunidade. Além das ferramentas de avaliação mais comuns que serão aqui propostas, também são incluídas algumas ferramentas mais criativas tais como o utilizador oculto. Propõe-se, portanto, a utilização de formulários de satisfação geral a serem preenchidos pelos utilizadores, que poderá ser mensal, trimestral ou anual; caixa de sugestões, que poderá ter um formato físico na instituição, posicionada num espaço de passagem comum (por exemplo, junto à entrada ou perto do balcão de atendimento), ou em formato digital (por exemplo, no Instagram, no Facebook ou no *website* da instituição), de modo a que os utilizadores possam estar à vontade para sugerirem novas ideias de atividades ou melhorias nos serviços prestados; em casos de sessão de formação ou *workshops*, a realização de formulários de satisfação e de desempenho alguns dias após a atividade, de modo a que os participantes possam ter tempo de colocar em prática as novas aprendizagens e também refletir sobre a eficiência desses conhecimentos na sua vida pessoal, profissional ou escolar; a criação de relatórios que identifiquem a evolução das visitas presenciais (número de visitantes) e da atividade *online* dos utilizadores nas plataformas digitais da biblioteca (interações com os *posts* e número de seguidores); aplicação da estratégia do utilizador oculto, consistindo em visitas pontuais de um utilizador mistério, desconhecido pela equipa da biblioteca, que poderá experimentar um ou vários dos serviços disponíveis e posteriormente ser lançado um relatório de avaliação quanto ao desempenho dos técnicos da biblioteca e à qualidade e eficiência dos serviços; finalmente, a recolha oral da opinião dos utilizadores e dos não-utilizadores dentro e fora das instalações (por exemplo, escolas, centros de estudos, ATL). Estas ferramentas visam permitir

84

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

que a equipa da biblioteca se aproxime mais da comunidade local e que reflita sobre as suas práticas e os seus serviços, para que os possa melhorar e adaptar às necessidades dos utilizadores.

A segunda vertente, mais focada no público adolescente, conta com atividades a serem realizadas com a participação de *influencers* digitais, e uma vez que os objetivos principais são aproximar os adolescentes à sua biblioteca municipal e também promover hábitos de leitura, também se torna importante compreender e conhecer o potencial do projeto na vida deles. Propõem-se então ferramentas de avaliação como relatórios que incluem a contagem de participantes nas atividades presenciais e digitais em tempo real; formulários curtos e rápidos após a realização de atividades como *booktalk*, encontros literários, leituras mediadas, debates e *workshops*, que possam ser disponibilizados *online*; estratégias de votação nas redes sociais mais utilizadas pelos adolescentes (exemplo: *Instagram*, *tiktok*) que permitem conhecer as suas preferências; em atividades como concursos, *rally* de leituras, desafios literários e campanhas pode recorrer-se à contagem de participantes na própria atividade e por meio de testemunhos orais acerca da sua participação. Estas ferramentas de avaliação têm como finalidade ajudar a equipa da biblioteca responsável pela gestão das atividades a conhecerem melhor o público adolescente da comunidade local e a aproximá-los da instituição.

Para qualquer uma das vertentes, todas as ferramentas e estratégias de avaliação aqui propostas seguem a mesma finalidade: avaliar o potencial e a eficácia do projeto e compreender se este consegue atingir os objetivos. Além disso, estas ferramentas têm em conta a perceção dos utilizadores relativamente às atividades praticadas, uma vez que responder às necessidades do público é essencial para os aproximar da biblioteca em questão.

Considerações finais

85

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

No decorrer deste trabalho, pretendeu-se identificar as fragilidades existentes na instituição em estudo e compreender o funcionamento das principais áreas de atuação da biblioteca, com o objetivo de definir um projeto de intervenção que consolidasse a dinâmica desta instituição. Optou-se pela metodologia de projeto como método de trabalho, baseado na definição e orientações apresentadas por Guerra (2002).

Numa primeira fase, realizou-se o enquadramento dos principais conceitos teóricos que sustentam o trabalho. A partir dessas leituras realizadas, foi possível analisar alguns dos pontos essenciais para o desenvolvimento do projeto e também para compreender a realidade do estudo. Concluiu-se que os hábitos de leitura dos adolescentes e o papel das bibliotecas públicas evidenciam a necessidade de uma adaptação contínua das estratégias que visam promover a leitura às realidades sociais e tecnológicas da atualidade. Compreendeu-se que a leitura continua a desempenhar um papel crucial para o desenvolvimento intelectual e cultural dos indivíduos e das comunidades, apesar de os dados demonstrarem que os espaços tradicionais de leitura como as bibliotecas, não são os mais procurados pelos adolescentes para realizarem as suas leituras ou para aquisição das mesmas. Esta realidade reforça a importância de se continuar a tentar compreender o que os motiva e quais são os seus interesses, para que se possam implementar políticas eficazes de incentivo a uma relação mais ativa e significativa com os livros.

As Bibliotecas Públicas, apesar dos desafios com que se têm deparado, continuam a ter peso na construção de uma sociedade mais informada e inclusiva, mas para continuarem a tornar isso possível, devem equilibrar a tradição com a inovação, de modo a aproveitarem todos os recursos digitais que têm à sua disposição, mas sem perder a sua essência como espaços de conhecimento, cultura e aprendizagem. Projetos como o *aLeR+*, em parceria com o Plano Nacional de Leitura, têm permitido demonstrar o potencial destas instituições na formação de leitores. Porém, continua a persistir a necessidade de uma maior articulação entre estas iniciativas e as bibliotecas públicas de modo a otimizar o seu impacto e fortalecer a cultura leitora.

86

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Outro aspeto desenvolvido neste trabalho diz respeito ao papel do bibliotecário e como este surge como um elemento fundamental, não se limitando ao papel de facilitador do acesso à informação, mas também como mediador de leitura e agente de transformação social, uma vez que a comunicação da informação deve ser realizada de forma ética e eficaz, para que garanta que os utilizadores são capazes de desenvolver o seu pensamento crítico e que ampliem as suas capacidades de leitura e de interpretação do mundo que os rodeia.

Por outro lado, compreendeu-se também que a promoção da leitura não deve limitar-se ao contexto escolar ou institucional, mas sim aproveitar também os espaços digitais, onde os adolescentes estão, cada vez mais, naturalmente inseridos. Neste sentido, falou-se acerca da influência dos criadores de conteúdo nas redes sociais, e foram mencionados como exemplo os *Booktokers*, que têm demonstrado ter um impacto positivo por tornarem a leitura numa atividade mais interessante, acessível e integrada na cultura digital juvenil. Esse fenómeno tem permitido rever a importância de explorar novas formas de mediação da leitura, mais uma vez fortalecendo a ideia de interlaçar a tradição literária aos formatos modernos de leitura. Conclui-se, portanto, que incentivar a leitura entre os adolescentes iria exigir uma abordagem ampla e diversificada, que contemplasse de igual modo o fortalecimento do papel das Bibliotecas Públicas e o aproveitamento das novas ferramentas digitais, não esquecendo da necessidade de continuar a existir uma colaboração entre escolas, bibliotecas, professores, famílias e influenciadores digitais, tratando-se de todo um conjunto de elementos determinantes para transformar a leitura numa prática mais presente e significativa na vida dos jovens. Desse modo, será então possível consolidar uma sociedade verdadeiramente leitora, onde a leitura não é vista apenas como uma obrigação escolar, mas como um meio de descoberta, reflexão e construção de identidade.

O trabalho empírico deste projeto, surgiu a partir da elaboração de um diagnóstico de situação, durante o qual foram utilizadas diferentes técnicas de recolha de dados, tais

como a pesquisa de documentos, observação direta, conversas informais e entrevista. A análise de toda a informação recolhida, permitiu identificar os problemas e os recursos disponíveis, essenciais para determinar as estratégias de atuação. Compreendeu-se, portanto, que existiam públicos-alvos de faixas etárias diferentes que tinham pouca ligação com a biblioteca, e que careciam de um projeto específico e adequado para as necessidades, tanto o público-alvo como a própria instituição que aparentou não sentir ter os recursos necessários. Percebeu-se também que esse mesmo público-alvo é o que apresenta cada vez mais mudanças rápidas e necessidades que nem todas as bibliotecas atuais conseguem acompanhar e suprir.

As propostas de atividades desenvolvidas para este projeto, numa tentativa de conseguir cobrir as dificuldades identificadas, foram pensadas para os serviços da própria instituição, ou seja, foi desenhado um quadro de atividades e estratégias direcionados para o público em geral que trazem diversidade para os serviços disponíveis, e também atividades apenas destinadas aos adolescentes, uma vez que, foi esse o público-alvo que impulsionou o desenvolvimento do projeto. De modo a aproveitar os recursos nacionais ligados à leitura, incluiu-se o PNL, uma vez que é um projeto que abrange várias faixas etárias e que trabalha com várias instituições, nomeadamente escolas, nas quais a instituição do estudo também atua. Apesar das propostas virem no sentido de ajudar uma instituição específica, poderão também surgir numa proposta mais robusta e mais nacional. É de mencionar que o projeto não inclui um orçamento, uma vez que as atividades estarão pendentes dos recursos financeiros e materiais disponíveis de cada Biblioteca Pública, pelo que se achou por bem não ter o orçamento como foco, mas sim criar uma maior diversidade de escolhas e caminhos para as atividades. Para efeitos académicos, também não foram mencionados possíveis parceiros para se desenvolverem as propostas, sendo esta uma das fraquezas deste trabalho, a par da escassez de tempo para colocar em prática as atividades e até realizar mais visitas e conversas com a equipa da biblioteca.

Este trabalho trata um tema complexo, cheio de muitas vertentes e que terá sempre a ver com os níveis de escolarização de cada um. Trata-se de uma história acerca da realidade da leitura em Portugal, em particular as Bibliotecas Públicas, que leva a estas práticas que observamos hoje, a partir das quais pudemos verificar duas vias: aquela que inclui os adolescentes e jovens que já não lêem livros em papel e aquela que inclui as bibliotecas que têm tudo ou grande parte dos seus acervos em formato de papel. Estas duas vias paralelas podem levantar problemas quando se faz uma proposta, tornando-se um desafio maior e mais complexo. Nesse sentido, este trabalho de projeto também serviu para deixar à disposição da biblioteca um leque abrangente de opções que podem experimentar e explorar de acordo com os seus recursos.

Por fim, a elaboração deste projeto, em especial deste documento final, foi um processo com muitos altos e baixos, tendo inclusive de ser a certo ponto interrompido devido a questões de vida pessoal e profissional, aliado a uma certa desmotivação face ao tema e à redação do documento. Também habituada a trabalhar em equipa e nesses momentos poder partilhar das mesmas preocupações e ansiedades que o desenvolvimento de projetos desta dimensão trazem, foi certamente um percurso solitário, que também terá afetado a motivação. Houve a constante preocupação de conseguir abarcar todos os aspetos e detalhes que eram necessários e possíveis, mas reconhece-se que talvez tenha ficado muito por se dizer, em grande parte devido à falta de tempo que foi experienciada no decorrer do ano. Porém, é de salientar que o percurso realizado na Licenciatura em Educação e Formação e no primeiro ano do Mestrado em Desenvolvimento Social e Cultural, forneceu diversas ferramentas e estratégias que serviram de grande apoio para a concretização de um trabalho com uma estrutura mais coerente e ambiciosa.

Anexos

1. Notas de campo/observações

89

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

16 de outubro

Reunião na cafeteria da biblioteca com duas técnicas

Conversa informal com as técnicas da biblioteca;

Não existe nenhum projeto dedicado aos jovens compreendidos entre as idades 13-20 anos; Existem projetos para idosos e projetos para o público infantil.

Os jovens frequentam a biblioteca apenas em contextos curriculares;

Como percebem os jovens as bibliotecas públicas? Preferem vir sozinhos ou em pares?

A biblioteca é ativa nas redes de comunicação/redes sociais? O que oferecem através desses meios? (*Conhecer a equipa de comunicação*)

A biblioteca conta com uma equipa de técnicos de animação que atuam em escolas.

Realizam leituras encenadas de acordo com o Plano Nacional de Leitura.

17 de outubro

Reunião por Zoom com Paula Guimarães (orientadora)

Procurar saber se existem questionários de satisfação;

Conversar com o meu círculo social de jovens: costumam frequentar a biblioteca? Se não, porquê? O que os faria ir?

Realizar leituras sobre os hábitos de leitura do público juvenil.

Caracterizar a biblioteca.

15 de novembro

Visita à biblioteca realizada por uma técnica.

Os utilizadores podem dar sugestões de livros que a biblioteca possa adquirir, mas a aquisição desses livros fica reservada ao utilizador que sugeriu;

Poderia ser criado um projeto de voluntariado para a biblioteca?

Após me deparar com brochuras sobre o projeto “Ler [REDACTED] nas redes sociais”, perguntei a uma das técnicas responsáveis pelo mesmo do que se tratava:

- consiste num debate, realizado nas redes sociais, acerca da maneira como as bibliotecas e as redes sociais podem complementar-se na leitura das obras de [REDACTED]
- é uma conversa aberta no instagram;

A técnica reconhece que a banda desenhada tem sido muito procurada na biblioteca, inclusivamente os Mangas;

Sentimento de que os utilizadores jovens não sabem bem o que procurar, por vezes não têm muito conhecimento dos temas que procuram, são poucos os que vêm com confiança;

Aos sábados nota-se maior afluência;

Não existem obras digitalizadas no catálogo digital da biblioteca, todos têm de ser adquiridos em mão;

Piso 1:

Estante denominada como espaço das primeiras leituras á entrada do piso 1;

Exposição [REDACTED] com figuras desenhadas por linhas formadas por citações de [REDACTED], criadas por alunos do 2º Ciclo da escola [REDACTED]

Espaço vazio, antiga sala infantil;

Sala do projeto Entre Linhas, designado para idosos, em obras;

Sala de leitura infantil: seleção de livros com o tema de desenvolvimento sustentável/proteção do ambiente; uma televisão com consola disponível para jogar (nesta altura existiam dois meninos a utilizar este espaço); estante com trabalhos manuais relacionados com efemérides; estante com jogos lúdicos; estante das Sugestões de Leitura; mesas e cadeiras todas com tamanho apropriado para o

público infantil; pequena zona preparada para bebés até aos 3 anos, com colchões e almofadas ; estante com livros para apoio aos pais e educadores; pequeno montante de livros de apoio escolar; estante com CD's; mesas com cinco computadores disponíveis (não funcionam bem, pelo que não se incentiva o seu uso); oficinoteca/animoteca.

Oficinoteca/Animoteca (projeto gerido pela técnica):

Realizam-se ateliês para crianças dos 6 aos 13 anos;

Atividades realizadas ao sábado, 16h30; Em 2024 prevê-se realizar as atividades uma vez por mês em duas bibliotecas da rede.

Sentiu-se que trouxe mais público para a biblioteca com estas atividades;

A técnica procura conhecer que tipos de atividades são desenvolvidas noutras bibliotecas para poder dinamizar;

Realizam-se atividades para férias (“férias em cultura”), que acontecem duas ou três vezes por semana durante duas horas.

Piso -1:

Ao descer as escadas, uma exposição de fotos de variados acontecimentos da biblioteca desde 2001 até 2023 acompanha-me;

Espaço juvenil/adultos;

Espaço com sofás;

Estante de obras de ■■■■;

Zona multimédia com CD's e DVD's;

Zona de revistas;

Estante de leituras para jovens;

Nesta altura encontrava-se um grupo de idosos numa mesa a discutir assuntos políticos;

Por entre as estantes encontram-se alguns espaços escondidos com secretárias, onde pude encontrar pelo menos quatro jovens, talvez em idades de frequência escolar, com os seus portáteis;

Zona com sete computadores, apenas um jovem se encontrava a dar uso a um computador;

Zona com quatro cadeiras em semicírculo (achei curioso, parece um espaço para convívio);

Estante de livros com temas da atualidade (não são selecionados a pensar nos jovens);

Visita guiada ao piso reservado aos serviços técnicos da biblioteca

Sala da equipa de animação (vários materiais e trabalhos manuais enchem a sala)

Sala da equipa responsável pelas relações com as bibliotecas escolares;

Equipa de apoio administrativo;

Sala de reuniões;

2. Transcrição da entrevista

Entrevistadora: Ok, claro que sim, pronto então já pus a gravar...

Entrevistada: já pus com consentimento...

Entrevistadora: fantástico, pronto, então a minha primeira pergunta seria, quais é que acha que são, com base naquilo que tem visto e experienciado as práticas de leitura atualmente nos adolescentes e nos jovens?

Entrevistada: As práticas de leitura? Quer dizer, sentir propriamente dito, o que eu senti em termos de docência eram reduzidas muito no âmbito de um contexto de aprendizagem, em contexto da sala de aula, em contexto de algumas escolhas impostas pelos programas e pelos conteúdos curriculares, entretanto, no âmbito já

do plano nacional de leitura, apercebi-me que havia algum distanciamento, e naltura, fizemos alguns estudos que eu nesse sentido, por volta dos 13 anos, em relação às

práticas de leitura, havia um certo distanciamento, estamos a falar do segundo ciclo, estamos a falar do segundo ciclo, porque por sua vez, também, aqueles que são leitores, já criaram esses hábitos, ou seja, há uma franja da população escolar que mantém esse gosto, há uma franja também da população escolar que retoma esse gosto mais tarde, é aquela altura já de uma franja de leitores já no âmbito de young adults que voltam a recuperar um gosto pela leitura, essa é a perceção que eu tenho, Joana, pronto, em termos de docência e depois em termos de trabalho mais de investigação, é a perceção que tenho, são essas situações diversificadas, no caso dos jovens, muitas vezes, os hábitos, quer dizer, não sei se é muitas vezes, mas nalguns casos, ligados as práticas digitais são guiados por redes sociais, essa vontade é um bocadinho canalizada no âmbito de uma certa rede de influência face um ecossistema ligado ao livro, a leitura, que agora até esta na ordem do dia com estudos que “APL” publicou, agora em Setembro, quando fomos aquele ... (corte no áudio aos 02:27 mins) 2.0, não foi ? Eles apresentaram-nos uma série de estudos dos quais diziam que, é provável, não é, que a venda de livros tinham tido um acréscimo, estou a falar da venda de livros para os jovens, que naltura, penso que o estudo era entre os 15 e os 30 anos, era a faixa de aquisição de livros que mais tinha subido em Portugal, nos últimos anos, pronto, longe, muito longe dos níveis europeus, mas já, tendo em conta o nosso contexto, pronto, essas são assim as perceções que eu tenho, pronto, não sei se estou a ajudar...

Entrevistadora: Sim, sim, isso vai muito de acordo com as leituras que eu também tenho feito, também fiquei muito curiosa porque quando eles vão, quando eles escolhem livros para comprar ou quando escolhem livros para ler, visto que o PNL oferece um certo leque de escolha, normalmente quais é que são ...

Entrevistada: Prefiro não falar no âmbito do PNL porque como sabe, não estou já na equipa, saí, pronto, é isso, eu saí no ano passado, estou na direção geral da administração escolar, portanto, relativamente a PNL, posso falar até ao conhecimento que tinha, não é, também há aqui uma diferença, se calhar, uma distinção que deverá ser feita entre a educação literária e as listas do PNL, ou seja, o plano nacional de leitura faz a seleção, e faz, atribui um selo, um selo aos livros que vão saindo no campo infante ou juvenil e também adulto, mas, não impõe listas de recomendação de leitura nas escolas, é educação literária, sim.

Entrevistadora: ok, certo, não tinha conhecimento, dessa vertente.

Entrevistada: É normal, é muito usual ver essa confusão, as pessoas dizem: “pois, é que eles obrigam-nos a ler os livros do PNL” o que acontece é que muitas vezes as listas de educação literária coincidem com alguns livros que estão, tem o selo do PNL, o “ler mais”, de qualquer forma o portal do PNL está bem organizado nesse sentido, há um campo em que nós conseguimos aceder ao catálogo, vemos quais são os livros, qual é a faixa etária a qual se destina, o nível de proficiência de leitura, ou seja, se trata de um leitor inicial, um leitor fluente, por aí, também, ou seja, há perfis de leitores, o que é muito interessante, ajuda pais, ajuda professores, mais do que os alunos, os alunos não frequentam as listas do PNL, o catálogo muito menos.

Entrevistada: Oh Joana, eu espero que a minha “Alasquinha???” não esteja a perturbar, é porque eu já a pus lá fora ...

Entrevistadora: Não não não...

Entrevistada: para ela não nos interromper, pois nem assim está ali fora, no portão a ladrar...

Entrevistadora: Não faz mal, está a contribuir com ...

Entrevistada: Mas pronto, espero que, mas também, pronto, isto também, não é para transcrever é só para conversamos um bocadinho que é o mais interessante, eu até, pronto, estou muito contente por podermos falar este bocadinho para eu também trocar ideias, porque esta é a perceção que tenho. Os jovens para além disso, só recorrem as listas de educação literária que são de certa maneira impostas, porque são alvos de avaliação nas escolas, a questão também é essa, eles sabem que vão sair nos testes, vai sair no exame, mas não tem prática de ir consultar os livros do PNL, aliás, eu acho que tem uma conotação pejorativa, negativa, não é, eles pensam: “ah isto deve ser chato”, deve ser, tem aquele selo, até parecem os livros da escola...

Entrevistadora: Pois exato ...

Entrevistada: Não é o caso, muitos são muito giros, muito interessantes, cativam com certeza os nossos jovens, só que, pronto, acontece isso muitas vezes, mas pronto, não sei, Joana, mais alguma questão?

Entrevistadora: Então assim sendo, quais é que tem sido, portanto sem ser os que são pela escola, por iniciativa própria dos adolescentes e dos jovens, mesmo que eles leiam pouco, quais é que normalmente são os gêneros que eles mais procuram ou tem vindo a procurar mais? Isto porque tenho visto ... (imperceptível aos 06:53mins)

Entrevistada: Bem de acordo com, sim, sim, quer dizer, eu não sei, com base naquilo que vejo, por exemplo, os “miúdos a votos”, que é uma iniciativa da rede de bibliotecas escolares, em que é dado, era capaz de ser interessante, também um

caminho curioso, em que é dado, a liberdade, é dado a liberdade aos jovens e crianças, porque aquilo vem desde os pequeninos do pré-escolar ao secundário, é feita uma votação, com base nos livros que eles escolheram como candidatos, e aí temos realmente livros que eu a partida diria que já eram para o ensino secundário e já desceram para o terceiro ciclo, estou a pensar num “After”, numa “Colleen Hoover”, que eu diria que a partida eram uma leitura mais apetecível para um jovem já com 10º ou 11º ano, não é, está a ser livro por jovens do 8º, do 9º ano, e aparecem essas listas, era capaz de serem engraçadas, Joana, consultar, porque esses livros não foram impostos pelos professores, eles escolheram-nos, o que acontece é que muitos não se lembram de mais nenhum e lembram-se da Sofia Melo Breyner, e escrevem lá “O Cavaleiro Da Dinamarca”, mas já se vê, uma serie de outros livros, ou outros temas, outros títulos, que aparecem, claro que no 1º clico, aparecem “O Diário De Um Banana” que aquilo é uma coleção infindável, “O Bando das Cavernas”, eles leem mesmo isso nas bibliotecas, portanto, isso é real, outra fonte de aprendizagem interessante , ou de consulta, poderia, ser a biblioteca municipal, eu não sei qual é o contexto, qual é a amostra que a Joana está a trabalhar, mas as bibliotecas municipais são muito interessantes porque quem lê, quer ler, não é ? E, muitas vezes não tem ali 19€, 20€, para comprar um livro, muitos deles leem em inglês, segundo me disseram, porque é mais barato, porque querem ler o livro da trilogia dos fantásticos, não sei quantos, e inglês aquilo é tudo uma leitura global, sai lá fora antes, cá o livro tem de ser traduzido, chega depois, a vontade é muita e leem fluentemente em inglês, depois surpreenderem-se dizem assim “ai que engraçado, eles leem tantos livros em inglês”, não eles leem porque é mais barato, por isso as bibliotecas municipais, respondem a meu ver, nós temos 303, penso eu, bibliotecas municipais no país, espalhadas por aí a fora, com dinâmicas muito interessantes e com uma atenção a estes jovens, por exemplo eu lembro-me que arrancamos, no PNL com um projeto que envolvia os influenciadores digitais, ou seja, ainda fizemos 8 reuniões com uma série de influenciadores digitais que estavam espalhados, pelo, agregados as bibliotecas municipais, não é, e que fariam

uma espécie de tutoria um clube de leitura ou alguma coisa assim, e aí vi, que as bibliotecas municipais têm vontade, não excluem estas pessoas, querem trabalhar com elas, porque vêem que os jovens ouvem essas pessoas, ouvem mais do que o professor, não é, em sala de aula, porque, por exemplo, o professor vai me aconselhar, vai dar-me uma coisa chata, portanto, num país em que o poder de compra é tão reduzido, as bibliotecas municipais, tem aqui um papel muito, muito importante, muito importante, na promoção do livro, em todas as camadas etárias, e eu penso que, se começassem, eu se calhar estou a fugir a pergunta mas...

Entrevistadora [10:26-10:31]: Não, não, não está a ir de encontro até com o que eu já tinha escrito aqui (imperceptível entre os 10:30-10:32mins)

Entrevistadora: Porque se houver, e há interesse em programar atividades para as famílias, porque todas as bibliotecas, à de ver, a DGLAB tem essa preocupação, quando eu digo a DGLAB, é a Direção-Geral do Livro e da leitura, não é, que gera redes de bibliotecas municipais, a DGLAB trabalha desde a anos, nesta temática, ou seja, incentivar as bibliotecas municipais a trabalharem com as famílias, porquê? se ganharem um leitor aos 3,4, 5 anos, até um pré-leitor, vão ganhar um leitor para a vida, porque é uma criança que está habituada a ouvir ler, não é, a escolher os livros, porque os pais não estão preocupados, “ah vou gastar aqui 50, 60 euros do nosso orçamento familiar em livros” que é o que noutra dia dizia uma mãe na FNAC, o menino estava a brincar lá na zona de livros infantis e ela dizia: “vamos ver quanto é que eu hoje vou gastar”, porque ela não conseguia lhe dizer que não, porque ela sentia que era importante que o miúdo lesse ...

Entrevistadora: Hmm certo ...

Entrevistada: Os livros de imagens, são caríssimos, eu sei que a edição é cara, é dispendiosa, as tintas, não é, e tudo mais, o papel, tudo, mas efetivamente é caro e

as bibliotecas são uma resposta muito interessante, o quê que poderão fazer as bibliotecas, já fazem muito, nos é que, às vezes, não sabemos, eu não sei, eu resido em Almada, eu vou recebendo a newsletter da minha biblioteca municipal, eu acho que elas já fazem muito, fazem encontros com escritores, têm práticas de leitura em contexto familiar, têm atividades para as bibliotecas escolares, ou seja, trabalham com os bibliotecários, incentivam, porque há aí, a falha é aí, não é, a volta do segundo ou terceiro ciclo eles deixam de vir a biblioteca com os pais.

Entrevistadora: Sim ...

Entrevistada: Já sozinhos, também não vão, portanto, incentivam, práticas de leitura com os professores bibliotecários, também é interessante, ou seja, eles marcam e vão com a turma, e a câmara consegue transporte, também é outro problema, e depois há mesmo práticas de leitura dinamizadas para o público em geral, para a comunidade, tou a pensar em clubes de leitura ...

Entrevistadora: Sim ...

Entrevistada: Comunidades de leitores, o acesso as novas tecnologias, quando eu chego a biblioteca, vejo muitas pessoas a consultar o computador, a usar o computador para pesquisar, adultos, pessoas que com certeza não estão a estudar, ou seja, não têm computador em casa ...

Entrevistadora: Hmm hmm

Entrevistada: Os idosos a ler os jornais, eu por acaso sou frequentadora de bibliotecas e aqui na da Almada, nas 3, que são 3, porque às vezes o livro que eu quero estudar num outras vezes está noutra, vou lá buscá-lo, e vejo, gosto de observar, é um ambiente muito (impercetível aos 13:33mins)

Entrevistadora: Sim, Sim, Sim, muito interessante, porque de fato é exatamente este cenário que eu observei na biblioteca [REDACTED]

[REDACTED] só que persistia, exatamente, este problema de que, os adolescentes, já não iam, e eles também não têm atividades direcionadas para essa faixa etária, eles não sabem muito bem o que fazer, e estão a ver-se muito aflitos com os recursos materiais nomeadamente, então, por exemplo, até a nível de acesso a tecnologia é uma biblioteca que está muito carenciada porque as coisas não funcionam, então a minha dúvida, até recaiu um bocadinho por aqui, porque eu sinto algum desânimo da parte deles para esta faixa etária, porque de resto eles têm tudo, não têm, um projeto próprio para estas faixas etárias, então a procura, a minha pesquisa é neste sentido, de propostas, o que é que pode trazer esses jovens a biblioteca, um projeto que sintam que é deles.

Entrevistada: Sim, sem dúvida, eles têm de construir esse projeto, passa por ouvi-los, eu acredito muito nisso, eu acho que os estudos sobre a leitura em Portugal, os jovens raramente são ouvidos, raramente são ouvidos, são ouvidos, se calhar para falar sobre a inteligência artificial, para falar sobre literacias, mas não são ouvidos, para falar sobre a leitura e o nosso campo de investigação é esse e temos que os ouvir, porque eles melhores do que ninguém, conseguem explicar o que é que os pode ligar a biblioteca e ao livro, há dinâmicas interessantes, eu acho que passa por aí, passa por eles pelo menos saberem que a biblioteca existe, passa pelos pais também logo em pequeninos, aliás naquele estudo sobre hábitos de leitura, não era hábitos de leitura, os hábitos culturais dos portugueses, aquele que saiu da Gulbenkian em 2022.

Entrevistadora: Certo ...

Entrevistada: A frequência das bibliotecas e a leitura em contexto familiar era um

preditor de sucesso social, era até, uma, havia uma ligação com essa situação, porque são crianças que desde o início conseguem ter mais espírito crítico, conseguem ter mais vocabulário, mais assertividade em falar sobre as suas ideias, porque falaram sobre o livro, porque os pais se preocupam com eles e os ouvem, claro que, isto não quer dizer que o aluno continue a ir, com 10 ou 15 anos, continue a ir as bibliotecas, não vai, porque ali a mãe diz: “agora já és crescido vais a biblioteca da escola” a biblioteca da escola para eles pode não chegar, não é ...

Entrevistadora: Certo ...

Entrevistada: Pode não chegar, e então o que é que eles têm na biblioteca municipal? tem os livros já de jovens adultos e alguns de adultos que lhes interessa, eu estou a pensar, por exemplo, na “Jane

Austen” que a cobro de series e de filmes que vão continuando a aparecer, ainda no outro dia, vi estrear na Netflix ou na HBO, não sei, outra vez uma adaptação do “Persuasion” e eu pensei que engraçado, ainda lá está um livro daquele século 19 e que ainda hoje diz tanto aos nossos jovens, eles se calhar não têm esse livro na biblioteca escolar, porque, imaginado que é uma escola básica, não interessa a ninguém, nem os alunos do secundário querem ler, dizem eles, mas querem, curiosamente querem ler esse livro, porque é um clássico, mas, ou o monte dos vendavais, ou aquelas historias que nos a partida diríamos “ah isto não interessa aos jovens de hoje”, por acaso até interessa, porque está ligado a filmes, está ligado a series, tem haver com a cultura, não é, com a cultura juvenil que se relaciona muito

bem com este ambiente, quase que mediático em torno de certas figuras da leitura, não é ...

Entrevistadora: Sim e também que provavelmente vai de encontro com o que eles conhecem, a realidade deles, não é, por exemplo, o “After” que a bocadinho

mencionou é muito, é algo muito pessoal, não é, então se calhar teria de ser, um projeto que tocasse nesse aspeto da vida deles, algo pessoal.

Entrevistada: Sim, para sentirem empatia com o que estão a ler, para se identificarem com as personagens, porque quando nos falamos com eles sobre esses livros, é logo um ponto de partida que eles me dizem “é porque eu identifiquei-me com a rapariga, porque já passei por aquilo, eu já senti aquilo, eu estava a ler e dizia ah eu já senti isto, eu já senti essa rejeição, já senti este sofrimento”.

Entrevistadora: Com base nas suas observações e experiências, quais considera serem as práticas de leitura atuais dos adolescentes e jovens?

Entrevistada: As práticas de leitura, pelo que senti enquanto docente, eram muito limitadas ao contexto de aprendizagem, e, a escolha do material de leitura eram reduzidas as escolhas impostas pelos programas e conteúdos curriculares. Mesmo com o Plano Nacional de Leitura, apercebi-me que havia algum distanciamento, alguns estudos que fizemos aos alunos do segundo ciclo que tinham por volta de 13 anos, comprovaram isso. A minha perceção, tanto como docente, como investigadora, é que há uma diversidade de situações. Em alguns casos, os hábitos de leitura são influenciados às práticas digitais e às redes sociais, e, um estudo recente da APL, apresentado em setembro, comprova isso, o estudo mostrou que a venda de livros entre os jovens, especialmente na faixa dos 15 aos 30 anos, teve um aumento significativo em Portugal. Embora ainda distante dos níveis europeus, já há um progresso dentro do nosso contexto.

Entrevistadora: Isso vai muito ao encontro a pesquisa que tenho feito e com relação a escolha dos jovens quanto á livros para comprar ou ler, dado que o Plano Nacional de Leitura (PNL) oferece um certo leque de escolha. Normalmente, quais são ... (a pergunta é interrompida, **min 03:04-03:27**)

Entrevistada: Saí da equipa do PNL, por isso prefiro não falar muito sobre isso, já que agora estou na Direção-Geral da Administração Escolar. Relativamente ao PNL acho muito importante realçar que há uma distinção entre a educação literária e as listas do PNL. O PNL faz uma seleção e atribui um selo aos livros, sejam eles infantis, juvenis ou adultos, mas não impõe listas de recomendação de leitura nas escolas. Quem impõe essas listas é a educação literária. Isto gera alguma confusão, algumas pessoas até dizem: “Ah, eles obrigam-nos a ler os livros do PNL”, mas o que acontece é que, muitas vezes, as listas de educação literária coincidem com alguns livros que têm o selo do PNL, o "Ler Mais". De qualquer forma, o portal do PNL está bem organizado nesse sentido. Há uma secção onde se pode aceder ao catálogo e ver quais são os livros, a que faixa etária se destinam, o nível de proficiência de leitura – se é para um leitor inicial, fluente, e por aí. Este catálogo, no entanto, raramente é consultado pelos alunos, mas é uma ajuda para os pais e para os professores. Às listas de educação literária já são consultadas pelos jovens, porque de certa forma, são impostas, já que são alvo de avaliação escolar. Aliás, por causa disso, é que muitos não consultam a lista do PNL, porque pensam: “Ah, isto deve ser chato, tem aquele selo, até parecem os livros da escola...” o que dá uma conotação pejorativa a essa lista.

Entrevistadora: Assim sendo, excluindo os livros impostos pela escola, quais são os gêneros que os adolescentes e os jovens têm, por iniciativa própria, procurado mais?

Entrevistada: Bem, com base na observação que tenho feito, por exemplo, na iniciativa "Miúdos a Votos", da rede de bibliotecas escolares, onde é dada liberdade aos jovens e as crianças, desde o pré-escolar até ao secundário, para votarem nos livros que escolhem como candidatos, podemos notar o interesse desses votantes. Alguns livros que eu inicialmente consideraria mais apropriados para o ensino secundário, como “After” ou obras da “Colleen Hoover”, estão a ser lidos por jovens

do 8º e 9º ano. Esses livros não foram impostos pelos professores, mas sim, escolhidos pelos próprios alunos. Embora muitos jovens recordem apenas obras clássicas, como “O Cavaleiro da Dinamarca” da Sofia Melo Breyner, também surgem listas com outros títulos e temas interessantes. No 1º ciclo, por exemplo, “O Diário de um Banana” e “O Bando das Cavernas” são muito populares, e eles realmente leem esses livros nas bibliotecas. Outra fonte interessante de leitura são as bibliotecas municipais. Muitos jovens, que muitas vezes não têm dinheiro para comprar livros, escolhem ler em inglês por ser mais barato e acessível, e é exatamente, por isso, que na minha opinião as bibliotecas municipais acabam por ter um papel muito importante no desenvolvimento dos hábitos de leitura dos jovens. Existem cerca de 303 bibliotecas municipais em Portugal, e muitas têm dinâmicas interessantes voltadas para os jovens. Recordo-me que no PNL iniciámos um projeto envolvendo influenciadores digitais, que fariam uma espécie de tutoria ou clube de leitura nas bibliotecas e as bibliotecas municipais, como um todo, estão dispostas e abertas a colaborar com esses influenciadores, pois percebem que os jovens se identificam mais com eles do que com os professores em sala de aula. Dado o reduzido poder de compra no país, as bibliotecas desempenham um papel crucial na promoção da leitura em todas as idades. Neste sentido, saliento a importância de programar atividades para as famílias nas bibliotecas, e, a DGLAB (Direção-Geral do Livro e da Leitura) tem trabalhado há anos para incentivar as bibliotecas municipais a colaborarem com as famílias. O objetivo é conquistar leitores desde cedo, aos 3, 4 ou 5 anos, criando assim hábitos de leitura para a vida. As bibliotecas municipais ainda providenciam acesso as novas tecnologias, eu sou frequentadora das 3 bibliotecas aqui em Almada, e tenho observado que muitos adultos que se calhar não tem acesso a um computador em casa, usam os recursos da biblioteca para consultar e a fazer pesquisas, e devo dizer que, gosto muito de observar este ambiente de aprendizagem.

Entrevistadora: Sim, é muito interessante, porque realmente observei este cenário

na biblioteca ██████████. Contudo, persiste o problema de que os adolescentes não frequentam a biblioteca, e não há atividades direcionadas para essa faixa etária. Eles sentem-se perdidos e aflitos, especialmente em relação aos recursos materiais. Por exemplo, em termos de acesso à tecnologia, a biblioteca está bastante carenciada, e muitos equipamentos não funcionam. A minha dúvida recai sobre o desânimo que percebo da parte dos jovens, uma vez que, apesar de haver várias opções, não existe um projeto próprio para esta faixa etária. A minha pesquisa está focada em encontrar propostas que possam atrair os jovens para a biblioteca, criando um projeto que eles sintam que é verdadeiramente deles.

Entrevistada: Sim, sem dúvida, as bibliotecas municipais precisam construir esse projeto, e isso começa por ouvir os jovens, e, infelizmente, eu acho que os estudos sobre a leitura em Portugal, raramente procuram os jovens para os ouvir. São consultados, talvez, para falar sobre inteligência artificial ou outras tecnologias, mas não sobre a leitura. O nosso campo de investigação foca precisamente nisso, em ouvir os jovens, pois eles são os que melhor conseguem explicar o que os pode ligar à biblioteca e ao livro. Os pais também desempenham um papel importantíssimo nesse processo. Tanto é que um estudo sobre os hábitos culturais dos portugueses, publicado pela Gulbenkian em 2022, que também aborda estas questões, referem que a frequência às bibliotecas e a leitura em contexto familiar é um preditor de sucesso social, ajuda as crianças a desenvolverem um espírito crítico, a aumentarem o seu vocabulário e ajuda-as a serem mais assertivas ao falarem sobre as suas ideias, mas estes hábitos de leitura devem ser cultivados desde muito cedo. Mas tudo isto pode não chegar, por isso, as bibliotecas municipais ainda devem disponibilizar livros que cultivem o interesse dos jovens, eu estou a pensar, por exemplo, na “Jane Austen” que a cobro de séries e de filmes que vão continuando a aparecer, continua a despertar muito interesse nos jovens, clássicos como “o monte dos vendavais”, que inicialmente podem, por serem obras mais antigas, aparecem menos cobiçadas pelos jovens, são de fato obras muito

procuradas, porque até certo ponto, conseguem relacionar-se e veem-se no lugar dessas figuras de leitura.

Entrevistadora: Exato, por exemplo, o livro “After” que a pouco mencionou é algo muito pessoal. Assim, um projeto direcionado aos jovens também teria de tocar nesse aspeto da vida deles, algo que realmente ressoe com as suas experiências.

Entrevistada: Eu concordo plenamente. É fundamental que os jovens sintam empatia pelo que estão a ler e se identifiquem com as personagens. Quando falo com eles sobre esses livros, muitas vezes ouço comentários como: “Identifiquei-me com a rapariga, porque já passei por aquilo; eu já senti isso. Enquanto lia, pensava: ‘Ah, eu já senti esta rejeição, este sofrimento.’” Isso demonstra como a literatura pode refletir experiências pessoais e estabelecer uma conexão profunda. E na minha opinião, devíamos aproveitar isso em benefício deles. Por exemplo, podemos dizer: “Olha, já leste este livro? É muito interessante! Este também fala sobre uma rapariga que passou por uma situação complicada na família.” Os influenciadores de livros fazem exatamente isso ao partilharem o que sentiram ao lerem uma obra, quando dizem que choraram ou se emocionaram ao ler um livro, levam outros a quererem ler. Com isto, vemos que é necessário investir na cultura: criar grupos de teatro, clubes de leitura, comunidades de leitores jovens e laboratórios de produção. Por exemplo, na biblioteca municipal da Amadora, que por estar muito ligada à banda desenhada e festivais de BD, têm uma espécie de laboratório onde os jovens podem usar uma impressora 3D para dar vida as suas ideias. Achei isso fascinante, pois demonstra que é preciso ouvi-los e responder ao que realmente desejam. É por aí que devemos avançar, não é? Através da escola, não conseguimos fazer com que os jovens se sintam atraídos pelos livros, porque muitas vezes associam a leitura a algo maçante. “Vai ser chato”, pensam eles, e, acrescento que muitos jovens preferem a internet! Tenho duas filhas: uma com 24 anos, que é leitora, e outra com 15, que não lê muito. Para minha surpresa, a mais nova disse-me

recentemente: “Estive hoje à tarde na biblioteca municipal.” E eu respondi: “Que bom!” Ela explicou: “Ah, é que lá havia internet. Havia umas revistas eu estive lá com as minhas amigas. E depois estivemos no telemóvel; porque lá há net” e muitas vezes o interesse dela pelos livros é influenciado pelo “tiktok”, por exemplo, o que mostra que a atração pela tecnologia pode ser um fator determinante para incentivar os jovens a frequentarem as bibliotecas.

Entrevistadora: Sim, e de fato eu penso que é uma excelente ideia aproveitar as redes sociais da própria biblioteca para chegar aos jovens. Pareceu-me ser a única forma para eles conhecerem a biblioteca sem ser através da escola, que acaba por ser o mediador biblioteca-aluno, e, para contornar a conotação negativa associada a escola é essencial usar plataformas que eles também usam para incentiva los a frequentarem as bibliotecas.

Entrevistada: Exatamente, e na reunião com os influenciadores, isto foi destacado, além disso, para eles, ir presencialmente as bibliotecas só faz sentido se houver livros que os interessem. A ligação que devemos criar com a biblioteca não deve ser apenas um convite genérico para “irem à biblioteca”. Em vez disso, devemos destacar livros específicos, dizendo algo como: “Este livro é incrível, eu gostei imenso dele. E, por acaso, este livro está na biblioteca onde tu moras.” Dessa forma, eles se sentiriam motivados a ir à biblioteca, não porque estão à procura de um espaço, mas porque desejam ler aquele livro específico.

Entrevistadora: Ok, já tenho aqui uma ideia.

Entrevistada: Se estivéssemos a falar de uma biblioteca com um grande investimento de fundo documental, que conseguisse ter todas as novidades, venda e promoção de livros, então, já consigo imaginar os jovens serem atraídos pelos lançamentos, por exemplo, lembro-me, que no PNL, como fazia parte da comunicação, uma coisa que funcionava muito bem eram os “quizzes” que fazíamos

nas histórias do Instagram aos sábados, mesmo sem prémios, havia muita participação e estou convencida que se disséssemos que o livro estava disponível em algum lugar, elas iam lá procurá-lo.

Entrevistadora: Ok.

Entrevistada: Acho que é um caminho também para a biblioteca. A parte de entretenimento, não é?

Entrevistadora: Sim, sim.

Entrevistada: De resto, comunidades de leitores, encontros com escritores, influenciadores, reels no TikTok ou no Instagram, e principalmente diretos – esses funcionam muito bem com os jovens. Eles gostam da genuinidade do direto, porque estão a ouvir e a ver em tempo real e podem intervir na conversa para partilhar as suas opiniões. Mais alguma coisa, Joana?

Entrevistadora: Não, pronto. Eu gostei bastante e acho que era mesmo isto que eu estava à procura. Aliás, era mesmo isto que eu até estava a pensar, ir por aqui.

Entrevistada: Ainda bem, Joana!

Entrevistadora: Até inclusive, pelo que pesquisei, a ver um booktrailer... a criação de booktrailers que é uma coisa que se pode fazer tão rápido, não é?

Entrevistada: Sim, sim, sim.

Entrevistadora: E... Mas é, seria mesmo por aqui: Criar um espaço em que eles sentem que pertencem e que a biblioteca lhes pertence um bocadinho a eles.

Entrevistada: Sim, sim, sim!

Entrevistadora: E eu gostaria de contribuir dessa forma. Mas é... bom ver que de

facto estas ideias, elas funcionam e que são possíveis e não é preciso se calhar de muito financiamento.

Entrevistada: Sim, é possível. A Rede de Bibliotecas Escolares tem uma página com um concurso de booktrailers, onde os miúdos faziam vídeos de 1 minuto sobre livros, e havia trabalhos muito engraçados. Ora se os miúdos conseguem, qualquer um consegue!

Entrevistadora: Ok. Fantástico!

Entrevistada: Estava a tentar lembrar-me de influenciadores de ■■■, mas não me recordo de nenhum. Havia de Lisboa e Almada, mas seria interessante se a Joana conseguisse encontrar um influenciador da própria área para atrair a comunidade para a biblioteca, que fosse mesmo da terra, não é?

Entrevistadora: Sim, sim ■■■ é enorme!

Entrevistada: Como quem diz: 'Isto é nosso, isto é, de ■■■'. A rede de bibliotecas escolares tem mais recursos práticos que a DGLab, que funciona mais em rede e dá autonomia às bibliotecas municipais.

Entrevistadora: Ok, Obrigada. Vou, sem dúvida pesquisar mais sobre a rede de bibliotecas escolares que eu não tinha entrado muito.

Entrevistada: Acho que, se fosse bibliotecária, faria parcerias entre bibliotecas, professores e alunos de escolas próximas, envolvendo jovens em atividades com pessoas que os inspirem – como atores ou escritores – mas com uma abordagem prática, porque se for só para ouvir, eles não vão. Tem de ser algo que os cative, porque senão é como uma aula, e para eles, uma atividade na biblioteca é vista como outra aula. O ideal seria não fazer atividades com grupos grandes, mas sim com 10 ou 12 jovens, talvez depois das aulas ou ao fim de semana. E claro, tem de haver um atrativo, porque senão eles não vão, principalmente se o caminho for

difícil. Mas quando agarramos um grupo, eles funcionam como embaixadores e espalham a palavra. O importante é haver uma ligação afetiva com a biblioteca, que eles sintam que o espaço é deles também. Se tentarmos ensinar-lhes diretamente ou motivá-los para a leitura de forma impositiva, não resulta. Eles têm de descobrir por si próprios. Por exemplo, quando leem um livro sobre bullying, chegam a dizer: 'Aprendi muito com este livro', mas sem que alguém lhes tenha dito para o ler com esse objetivo. É tudo ao contrário do que pensamos. Quanto mais dissermos que têm de ler, menos vontade têm.

Bibliografia

- Balça, Â., & Souza, R. J. D. (2012). Políticas públicas de leitura em Portugal e Brasil: novos caminhos, velhos problemas. *Educação*, 35(03), 371-379. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-25822012000300010&script=sci_abstract
- Bernardino, M. C. R., & Suaiden, E. J. (2011). O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. *Perspectivas em ciência da informação*, 16, 29-41. <https://www.scielo.br/j/pci/a/59tSQqr4G9TjSBNBGdXnrrv/?f>
- Boqué, M.C.T. (2008). Revisão do conceito de mediação. *Cultura de Mediação e Mudança Social*, 15-46. Porto Editora.
- Brettas, A. P. (2015). A biblioteca pública: um papel determinado e determinante na sociedade. *BIBLOS - Revista Do Instituto de Ciências Humanas E Da Informação*, 24(2), 101–118. <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1153>
- Bruno, A. (2014). Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos in *Medi@ções - Revista Online*, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, vol. 2, nº 2, pp. 10-25
- Caixa, A. M. F. (2011). A interpretação das orientações do Plano Nacional de Leitura pelas Bibliotecas Públicas Municipais (Dissertação de mestrado, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa). <http://hdl.handle.net/10071/4577>
- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado In Lima, L, Pacheco, J., Esteves, M. *A Educação em Portugal (1986-2006)*, Conselho Nacional de Educação, 195-253.
- Cardoso, J. A. (2016). YouTubers ainda fazem vender mais livros para jovens do que o TikTok. <https://www.publico.pt/2023/08/08/culturaipsilon/noticia/youtubers-fazem-vender-livros-jovens-tiktok-2059605>

Coelho, C. S. I. (2021). Biblioteca ativa (Dissertação de Mestrado, Politécnico de Leiria). <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/5801>

Cuche, D. (2003). A noção de cultura nas ciências sociais. *Fim de século*. Verbum.

Cunha, V. A. da. (2011). Incentivo ao hábito de leitura como alicerce para o desenvolvimento Humano. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5703>

Dewey, M. (1898). The relation of the state to the public library. *Transactions of the Proceedings of the Second International Library Conference*.

Di Motoli, P. (2019). Homeschoolers in Italy. *Italian Journal of Sociology of Education*, 11(2), 395- 410.

Editora, P. (n.d.). *Infopédia - Dicionários Porto Editora*. Infopédia. <https://www.infopedia.pt/>

Eustáquio, A., & Cardoso, T. (2020). Promoção da leitura no ensino secundário: os projetos individuais de leitura em Literatura Portuguesa. *Páginas a & b: arquivos e bibliotecas*, 46-59.

Flexa, R., Oliveira, N., Oliveira, R. M., Bernardes, E. J., & de, M. (2019). Pesquisa interativa sobre hábitos de leitura dos usuários da Biblioteca da Universidade Federal de Lavras. *Anais Do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação E Ciência Da Informação - FEBAB, 25*, 1330–1337. <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/1350>

Flusser, V. (1983). A biblioteca como um instrumento de ação cultural. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 12(2), 145-169.

Gomes, C. M. S. (2012). *O modelo cultural de leitura*. <https://ri.ufs.br/handle/123456789/1934>

Gouveia, J. M. S. (2009). Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico (Dissertação de

mestrado, UPT - Universidade Portucalense).

<https://repositorio.upt.pt/bitstream/11328/209/2/TME%20382.pdf>

Guerra, I. C. (2000). Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção: O Planeamento em Ciências Sociais (2ª ed.). Príncipeia.

Jesus, J. F. D. (2021). Juventude em rede: o papel dos influenciadores digitais nos modos de vida. <https://bdm.unb.br/handle/10483/31564>

Lage, M. O. P., & Bandeira, C. (2017). Serviços educativos em bibliotecas públicas. *Revista Lusófona de Educação*, 37(37), 63-78.

Leite, E., Malpique, M., Santos, M.R. (1989). Trabalho de projecto 1. Aprender por projectos centrados em problemas. Edições Afrontamento.

Lima, P. G. C. D. (2018). Performance da Youtuber Taciele Alcolea na conquista de seguidoras adolescentes. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/52303>

Lopes, P. (2011). Hábitos de leitura em Portugal: uma abordagem transversal-estruturalista de base extensiva. <https://repositorio.ual.pt/bitstreams/4c2cbab4-b527-4cf7-92b2-374975622cc5/download>

Mangas, Sérgio (2011). O papel político da Biblioteca Pública. *Notícia BAD*. <http://www.bad.pt/noticia/2011/08/25/o-papel-politico-da-biblioteca-publica>

Meiros, C. T. (2022). *Adolescentes, hábitos de leitura, autoestima e satisfação com a vida* (Dissertação de Doutoramento, UAc-Universidade dos Açores). <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/6255>

Mialaret, G. (1980). Quadro geral das ciências da Educação. *As ciências da Educação*. Moraes Editores

MOREIRA, T., & RIOS, R. (2016). A construção da celebridade midiática no contexto dos Digital Influencers. *Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Ceará. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2488-1.pdf>

113

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Morgado, M. (2019). Literacia e conectividade intercultural: práticas de leitura para jovens. *Alabe Revista de Investigación Sobre Lectura Y Escritura*, 10(19), 1–17. <https://doi.org/10.15645/alabe2019.19.1>

Mueller, S. P. (1984). Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 13(1). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36462>

Neves, J. S. (2015). Cultura de leitura e classe leitora em Portugal. *Sociologia, Problemas E Práticas*, 78, 67–86. <http://journals.openedition.org/spp/1971>

Neves, J. S., & Lima, M. J. (2008). A leitura em Portugal: perfis e tipos de leitores. *VI Congresso Português de Sociologia*. <http://www.associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/290.pdf>

Oliveira, A. A. de. (2010). Capítulo 2 - O professor como mediador das leituras literárias. *Coleção Explorando o Ensino*. Ministério da Educação, 20, pp 41-54. Brasília.

http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=7841&Itemid

≡

Oliveira, H. C. C. D., Santos Sundström, A., Santos, C. D., & Prado, M. (2021). Booktubers e bibliotecas: uma proposta de atuação inovadora de mediação de leitura: Booktubers and libraries: a proposal for innovative reading mediation performance. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, 14, 8-25. <https://www.diva-portal.org/smash/record.jsf?pid=diva2:1650384>

Oliveira, M., Pillotto, S. (2010). Mediação Cultural: Ação Educativa para Compreensão das Imagens Criadas como Novos Códigos Visuais pela Mídia Pósmoderna. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, 7(1), 233-241

Proença, R. F. R., Oliveira, N., Oliveira, R. M., Bernardes, E. J., & de Carvalho, A. M. (2013). Pesquisa interativa sobre hábitos de leitura dos usuários da Biblioteca da Universidade Federal de Lavras. In *Anais do 28º Congresso Brasileiro de*

114

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.

Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB (Vol. 25, pp. 1330-1337). <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/1350>Rasteli, A., & Cavalcante, L. E. (2014). Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, 19(39), 43-58.

Rezende, L.A. (2006) Leitura: mediação e mediador. *Informação & Informação*, 11(2), 154-156. Ribeirão Preto: Londrina. <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106559/105156>

Rogers, A. (2014). The classroom and the everyday: the importance of informal learning for formal learning. *Investigar em Educação - IIª Série*, Número 1, 2014, 7-34.

Sacristán, J. G. (2008). *A educação que ainda é possível : Ensaios sobre a cultura para a educação*. Porto Editora

Santos, M. D. L. L. D., Neves, J. S., Lima, M. J. S. A. P. D., & Carvalho, M. D. D. (2007). A leitura em Portugal. *GEPE-Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação*. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/11916/1/other_Leitura_em_Portugal.pdf

Santos, S. N., Henrique Lourenço, Nuno Ferreira. (2023). Sérgio e Íris estão a criar uma nova geração de leitores no TikTok — um livro (e vídeo) de cada vez. <https://www.publico.pt/2023/04/21/p3/noticia/sergio-iris-estao-criar-nova-geracao-leitores-tiktok-livro-video-2046352>

Silva, M.R. (2012). Leitura: mediação e mediador. *Biblioteca Escolar em Revista*, 1(1), 74-78. São Paulo: FA. <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106559/105156>

Soares, D. (2020). A análise comportamental de pais e jovens perante a presença de micro influenciadores na rede social instagram (Dissertação de Doutoramento, Escola Superior do Porto). <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/33776>

Teixeira, B. D. P. (2022). Estratégias para o combate à desinformação: o papel da Biblioteca Pública.

https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/99465/1/BarbaraPires_versaofinal.pdf

Tomé, M. D. C., & Bastos, G. (2013). Leitura(s) na adolescência e a formação do leitor literário: missão (quase) impossível?. Atas do 9.º Encontro Nacional (7.º Internacional) de Investigação em Leitura, *Literatura Infantil e Ilustração*, 102-116.

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3066>

Vaz, F. (2020). A função social da biblioteca pública na era da informação.

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27875>

No anexo “Notas de campo/Observações” está retratado pormenorizadamente o que cada espaço desta biblioteca contém.

São estes os projetos Entrelinhas, Livros nos Parques, Férias em Cultura, Bibliotecas em sua casa, Prémio Literário Maria Amália Vaz de Carvalho, Comunidade de Leitores, Livros em Movimento, Tardes Cheio, Livro Me Quer, Rotas de Leitura, Eu vou à Biblioteca e Rede de Leituras.